UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

DOUGLAS RABELO DE SOUSA

**Argumentação, cognição e discurso: a polêmica entre
conservadores e liberais sobre a imigração para o Brasil**

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo

2018

DOUGLAS RABELO DE SOUSA

**Argumentação, cognição e discurso: a polêmica entre
conservadores e liberais sobre a imigração para o Brasil**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Filologia e Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Gonçalves Segundo

VERSÃO CORRIGIDA

De acordo: _____

Prof. Dr. Paulo Roberto Gonçalves Segundo

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S725a Sousa, Douglas Rabelo de
 Argumentação, cognição e discurso: a polêmica
entre conservadores e liberais sobre a imigração para
o Brasil / Douglas Rabelo de Sousa ; orientador
Paulo Roberto Gonçalves-Segundo. - São Paulo, 2018.
174 f.

 Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculos. Área de concentração: Filologia e Língua
Portuguesa.

 1. Imigração. 2. Discurso conservador. 3. Discurso
liberal. 4. Estudos Críticos do Discurso. 5.
Argumentação. I. Gonçalves-Segundo, Paulo Roberto,
orient. II. Título.

SOUSA, Douglas Rabelo de. **Argumentação, cognição e discurso**: a polêmica entre conservadores e liberais sobre a imigração para o Brasil. Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filologia e Língua Portuguesa.

Aprovado ao 4 de outubro de 2018.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Paulo Roberto Gonçalves Segundo Instituição: Universidade de São Paulo

Presidente

Prof.a Dr.a Maria Lucia da Cunha V. de Andrade Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: Aprovado. Assinatura: _____

Prof.a Dr.a Renata Palumbo Instituição: Faculdade Carlos Drummond de Andrade

Julgamento: Aprovado. Assinatura: _____

Prof. Dr. Iran Ferreira de Melo Instituição: Universidade Federal Rural de Pernambuco

Julgamento: Aprovado. Assinatura: _____

A todos aqueles e aquelas que, em busca de um novo destino para sua morada, encontram os mais variados empecilhos. Com admiração e carinho.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Francisca, por me incentivar a todo momento a buscar meus sonhos. Sou eternamente grato pelo amor incondicional e pelo carinho constante.

A meu pai, Antonio Manoel, e a meu irmão, Victor, com muita gratidão pelos diversos momentos de aprendizado que vivemos juntos.

Ao Prof. Dr. Paulo Roberto Gonçalves Segundo, que, nesses anos de convivência, muito me ensina e contribui para meu crescimento intelectual, acadêmico e pessoal. Sou imensamente grato por sua generosidade e cara amizade.

Aos meus primos, tios e todos aqueles com quem compartilho tantos momentos especiais em que celebramos com muita alegria. Obrigado pelo carinho e pela paciência comigo devido às ausências durante esses dois últimos anos.

Aos meus queridos amigos Pedro Teixeira, Juliana Daguer Espósito, Clara Beatriz Haag, Marisa Takano Lui, Anátale Garcia, Rayza Cavalcante, Rafaela Mercês, Renata Gomes, Rúben Gomes, Vânia Goia, Catherine Santana, Lucas Correia, Vagner Camilo, Laís Reis e Elaine Miguel, por sempre se fazerem presentes de maneiras especiais na minha vida, pelo apoio e compreensão, principalmente nos momentos em que não pude estar presente durante a elaboração desta dissertação.

Aos meus estimados professores Catarina Isabel Martins, Maria Lúcia da Cunha V. Andrade, John Holm (*in memoriam*), Zilda Gaspar Aquino, Maria Inês Batista Campos, Geraldo Tadeu Souza, Valdir Heitor Barzotto e Cristina Ramos, pelas contribuições preciosas e constantes ao longo do meu percurso acadêmico.

Aos meus caros colegas do DLCV Júlio, Marildes, Carolina, Rosely e Vera, por serem, além de muito atenciosos, pessoas incríveis que sempre me tiram um sorriso leve e gostoso.

*Também não oprimirás o estrangeiro; pois vós conheceis o coração do estrangeiro,
pois fostes estrangeiros na terra do Egito.*
Êxodo 23:9

Querer ser livre é também querer livres os outros.
Simone de Beauvoir

Nenhum ser humano é ilegal
Elie Wiesel

RESUMO

SOUSA, Douglas Rabelo de. **Argumentação, cognição e discurso:** a polêmica entre conservadores e liberais sobre a imigração para o Brasil. 2018. 174 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Nosso objetivo, nesta dissertação, é analisar – a partir de uma metodologia empírico-indutiva com foco na descrição e na interpretação de dados linguísticos rumo a uma crítica sociodiscursiva – a polêmica travada nas mídias *online* entre conservadores e liberais acerca da imigração Sul-Sul, motivada por uma declaração do deputado federal Jair Bolsonaro (2015), que qualificava esse conjunto de imigrantes como “a escória do mundo”. Tal polêmica se estendeu ao longo de dez textos, em um *corpus* composto por uma variedade de gêneros dentre os quais destacamos reportagens, artigos, editoriais e vídeos na plataforma YouTube. O arcabouço teórico central da pesquisa consiste nos Estudos Críticos do Discurso (Fairclough, 2003; Melo, 2012; van Dijk, 2014; Gonçalves-Segundo, 2018a), uma abordagem multidisciplinar voltada ao exame da dimensão semiótica de problemas sociais. Em termos de convergência teórica, procedeu-se a um diálogo com os estudos sociais, históricos e antropológicos sobre a imigração, com a Linguística Cognitiva e, especialmente, com a Teoria da Argumentação. Em termos da prática analítica, partimos, inicialmente, do modelo de argumentação epistêmica de Toulmin (2006[1958]) e de argumentação prática de Fairclough e Fairclough (2012) para descrever os movimentos argumentativos de cada texto e entender de que forma liberais e conservadores sustentavam suas posições favorável e desfavorável à imigração na cadeia textual. Finda essa etapa, valemo-nos das categorias linguístico-cognitivas de analogia, metáfora e posicionamento epistêmico para verificar de que forma tais representações eram conceptualmente perspectivadas, processo que está diretamente relacionado com o grau de convencimento e de persuasão da argumentação em análise. Com base nesse procedimento, pudemos constatar que conservadores tendem a conceber os imigrantes Sul-Sul como potencialmente criminosos, como um fardo para a economia do país e como fundamentalistas e, portanto, resistentes à assimilação cultural, de modo que a sua entrada no país deva ser controlada e bloqueada. O principal valor mobilizado por esse grupo é a segurança, sustentada na crença de que o Estado é capaz de fiscalizar o contingente imigratório e que as Forças Armadas são um aliado nesse processo. Predomina, nesse discurso, o uso de recursos evidenciais perceptivos e analogias associadas à construção do imigrante

como criminoso e como fardo. Já no que se refere ao discurso liberal, podemos depreender que não se tende a conceber os imigrantes Sul-Sul como criminosos, e sim, como um instrumento para o progresso do país, dotado de capacidade de assimilação cultural; seu peso para o Estado não deriva do seu estatuto de imigrante em si, mas do grau de implementação do Estado de Bem-Estar Social do país receptor. Os principais valores que sustentam esse discurso são o mérito e a liberdade, especialmente, a livre circulação. É relevante, nesse discurso, o uso de recursos evidenciais comunicativos e analogias associadas à desconstrução do imigrante como fardo e criminoso, equiparando-os aos imigrantes que vieram ao Brasil no fim do século XIX e no início do século XX.

Palavras-chave: Imigração. Discurso conservador. Discurso liberal. Estudos Críticos do Discurso. Argumentação. Cognição. Polêmica.

ABSTRACT

SOUSA, Douglas Rabelo de. **Argumentation, cognition, discourse:** polemics between liberals and conservatives on immigration towards Brazil. 2018. 174 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Our objective in this dissertation is to analyze – from an empirical-inductive methodology with a focus on the description and interpretation of linguistic data towards a sociodiscursive critique – the polemics caught in the online media between conservatives and liberals about South-South migration towards Brasil, motivated by a statement by Congressman Jair Bolsonaro (2015), who called this group of immigrants "the scoria of the world." This polemics has spread over ten texts, in a *corpus* composed of a variety of genres, among which we highlight reports, articles, editorials and videos on the YouTube platform. The central theoretical framework of the research consists of the Critical Discourse Studies (Fairclough, 2003; Melo, 2012; van Dijk, 2014; Gonçalves-Segundo, 2018a), a multidisciplinary approach aimed at examining the semiotic dimension of social problems. In terms of theoretical convergence, a dialogue was held with social, historical and anthropological studies on immigration, with Cognitive Linguistics and, especially, with Argumentation Theory. In terms of analytical practice, we start with Toulmin's (2006[1958]) epistemic reasoning model and Fairclough & Fairclough's (2012) practical reasoning model to describe the argumentative movements of each text and to understand how liberals and conservatives supported their positions favorable and unfavorable to immigration in the textual chain. After this stage, we use the cognitive- linguistic categories of analogy, metaphor and epistemic positioning to verify how these representations were construed, a process that is directly related to one's ability to convince and persuade in the argumentation under analysis. Based on this procedure, we could see that conservatives tend to conceive South-South immigrants as potentially criminal, as a burden to the country's economy, and as fundamentalists and therefore resistant to cultural assimilation, so that their entry into the country should be controlled and blocked. The main value mobilized by this group is security, based on the belief that the State is capable of supervising the immigration contingent and that the Armed Forces are an ally in this process. In this discourse, the use of perceptual evidential resources and analogies associated with the construction of the immigrant as a criminal and as a burden prevails. As far as liberal discourse is concerned, we could deduce that they do not tend to conceive South-South immigrants as criminals, but rather as an instrument for the country's progress, with a capacity for cultural assimilation; its weight to the state is not

derived from its status as an immigrant per se, but from the degree of implementation of the welfare state of the receiving country. The main values that support this discourse are merit and freedom, especially free movement of people. It is relevant, in this discourse, the use of communicative evidential resources and analogies associated with the deconstruction of the immigrant as a burden and criminal, equating them with the immigrants who came to Brazil in the late nineteenth and early twentieth century.

Keywords: Immigration. Conservative Discourse. Liberal Discourse. Critical Discourse Studies. Argumentation. Cognition. Polemics.

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1	Textos integrantes da polêmica analisada	p. 19
Quadro 2	Tipologia das operações de perspectivação conceptual	p. 49
Quadro 3	Marcadores da Estância Epistêmica	p. 57
Quadro 4	Funcionamento da Argumentação Analógica	p. 69
Quadro 5	Perguntas críticas pertinentes à Argumentação Analógica	p. 70
Quadro 6	Funcionamento da Argumentação Sintomática	p. 70
Quadro 7	Perguntas críticas pertinentes à Argumentação Sintomática	p. 71
Quadro 8	Funcionamento da Argumentação Causal	p. 71
Quadro 9	Perguntas críticas pertinentes à Argumentação Causal	p. 72
Quadro 10	Perguntas críticas pertinentes à Argumentação Pragmática	p. 72
Quadro 11	Correspondência de textos do <i>corpus</i> e <i>layouts</i>	p. 86
Quadro 12	Representações conservadoras e liberais sobre imigrantes	p. 127
Quadro 13	Posicionamento epistêmico dos discursos conservador e liberal referentes a relação imigrante e criminalidade	p. 131
Quadro 14	Relação analógica entre o imigrante e a “locomotiva do progresso”	p. 135
Quadro 15	Posicionamento epistêmico no discurso conservador e liberal sobre o potencial econômico do imigrante	p. 136
Quadro 16	Posicionamento epistêmico dos discursos conservador e liberal acerca da assimilação cultural de estrangeiros	p. 139
Quadro 17	Posicionamento epistêmico sobre o controle da imigração pelo Estado	p. 140
Quadro 18	Síntese do modelo da ideologia conservadora sobre imigração	p. 141
Quadro 19	Síntese do modelo da ideologia liberal sobre imigração	p. 142

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

ACD	Análise Crítica do Discurso
LSF	Linguística Sistemico-Funcional
LC	Linguística Cognitiva
PT	Partido dos Trabalhadores
PP	Partido Progressista
PdA	Proposta de Ação
O	Objetivo
C	Circunstância
CP	Consequência Positiva
CN	Consequência Negativa
~PdA	Contra-Proposta de Ação
V	Valor
M-F	Meio-Fim
A	Alegação
~A	Contra-Alegação
D	Dado
G	Garantia
~CC	Contra-Circunstância Condicional
EI	Estado Islâmico
JB	Jair Bolsonaro
FV	Frederico Vitor
OC	Olavo de Carvalho
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 A IMIGRAÇÃO	22
1.1 IMIGRAÇÃO: DEFINIÇÃO, TEORIAS E CATEGORIZAÇÕES	22
1.2 A CRISE MIGRATÓRIA MUNDIAL	26
1.3 IMIGRAÇÃO NO BRASIL: MARCOS LEGAIS, ASPECTOS SÓCIO-POLÍTICOS E ECONÔMICOS	28
1.3.1 A história da imigração	28
1.3.2 A imigração Sul-Sul	31
1.3.3 Os imigrantes na mídia	32
2 A ABORDAGEM (SOCIO)COGNITIVISTA DOS ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO: TEORIA E CATEGORIAS DE ANÁLISE	35
2.1 FUNDAMENTOS DOS ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO	35
2.1.1 História, objetos de estudo e engajamento	35
2.1.2 O conceito de Discurso	39
2.1.3 A noção de Ordem do Discurso: discursos, gêneros e estilos	42
2.1.4 Ideologia e Discurso	44
2.1.5 Etapas de pesquisa de um Estudo Crítico-Discursivo	46
2.2 A LINGÜÍSTICA COGNITIVA E A ABORDAGEM SOCIOCognITIVA DA LINGUAGEM	46
2.2.1 As definição de perspectivação conceptual (construal)	48
2.2.2 A Metáfora	51
2.2.3 A Analogia	52
2.2.4 O Posicionamento epistêmico	57
3 TEORIAS DA ARGUMENTAÇÃO	60
3.1 CONFIGURAÇÃO FUNCIONAL DA ARGUMENTAÇÃO	60
3.1.1 A Argumentação Epistêmica: relendo o Modelo Toulmin	60
3.1.2 O Modelo da Argumentação Prática de Fairclough e Fairclough e a persuasão	62
3.2 MACROESTRUTURA DA ARGUMENTAÇÃO	66
3.3 ESQUEMAS ARGUMENTATIVOS: O MODELO PRAGMADIALÉTICO DE VAN EEMEREN; HOUTLOSSER E SNOECK-HENKEMANS (2007)	69
3.3.1 Argumentação Analógica ou por Comparação	70

3.3.2 <i>Argumentação Sintomática</i>	72
3.3.3 <i>Argumentação Causal</i>	73
3.4 O DISCURSO POLÊMICO SEGUNDO DASCAL	75
4 A ANÁLISE DA POLÊMICA SOBRE O IMIGRANTE SUL-SUL	82
4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	82
4.2 A APRESENTAÇÃO DO <i>CORPUS</i> E DE SEUS AUTORES	83
4.2.1 <i>Jair Bolsonaro</i>	83
4.2.2 <i>Leandro Narloch</i>	85
4.2.3 <i>Olavo de Carvalho</i>	86
4.2.4 <i>Diário da Insurgência</i>	86
4.2.5 <i>Rodrigo Constantino</i>	87
4.3 A CONFIGURAÇÃO FUNCIONAL DA ARGUMENTAÇÃO: BOLSONARO, NARLOCH, CARVALHO, INSURGÊNCIA E CONSTANTINO	87
4.3.1 <i>A configuração funcional da argumentação prática nos textos de Bolsonaro 1-2</i>	88
4.3.2 <i>A configuração funcional da argumentação prática nos textos de Narloch 1-2</i>	97
4.3.3 <i>A configuração funcional da argumentação prática no texto de Carvalho 1</i>	104
4.3.4 <i>A configuração funcional da argumentação prática no texto de Narloch 3</i>	109
4.3.5 <i>A configuração funcional da argumentação prática no texto de Narloch 4</i>	113
4.3.6 <i>A configuração funcional da argumentação prática no texto da Insurgência 1</i>	118
4.3.7 <i>A configuração funcional da argumentação prática no texto de Constantino 1</i>	122
4.3.8 <i>A configuração funcional da argumentação prática no texto de Narloch 5</i>	127
4.4 AS REPRESENTAÇÕES SOBRE O/A IMIGRANTE/IMIGRAÇÃO: ANALOGIAS, METÁFORAS, POSICIONAMENTO EPISTÊMICO	131
4.4.1 <i>As representações do imigrante Sul-Sul nos discursos conservador e liberal</i>	131
4.4.2 <i>A relação entre a imigração e a criminalidade: representações conservadoras e liberais</i>	132
4.4.3 <i>A relação entre imigração e potencial econômico: representações conservadoras e liberais</i>	136
4.4.4 <i>O potencial de assimilação do imigrante à cultura local: representações conservadoras e liberais</i>	142
4.4.5 <i>A capacidade do Estado de controlar a entrada de imigrantes: representações conservadoras e liberais</i>	143
4.5 IDEOLOGIA, ARGUMENTAÇÃO E DISCURSO: UMA SÍNTESE DOS RESULTADOS	145

CONCLUSÃO	148
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	152
FONTES	160
ANEXOS	161

INTRODUÇÃO

*Possuir raízes é, talvez, a mais importante e
menos reconhecida necessidade da alma humana.
É uma das mais difíceis de se definir.*
(Simone Weil, 1943)

Estudar a representação da imigração consiste em tema caro a diversas vertentes dos estudos discursivos, sobretudo no que se refere à construção midiática dos atores envolvidos (Hart, 2010; Silva, 2016; Dugnani, 2017; dentre outros) e aos processos de deliberação de políticas públicas relativas a esse fluxo de pessoas (Leão, 2013; Korkut; Bucken-Knapp; McGuarry; Hinnfors; Drake, 2013; dentre outros). Em um período histórico marcado por uma série de conflitos armados – incluindo guerras civis –, desastres naturais e carência de condições básicas para se viver com o mínimo de dignidade, os movimentos migratórios, especialmente de povos de renda média baixa e baixa (o chamado “Sul”), têm-se intensificado em rotas não tradicionais, o que alçou o Brasil a um grande candidato para recepção de populações, como haitianos, senegaleses, bolivianos, sírios, dentre outros. Esse grande fluxo logo converteu-se em uma problemática nacional, ganhando destaque na mídia impressa, *online* e televisiva, que passou a ecoar posicionamentos político-ideológicos diversos sobre o tema, muitas vezes, no seio de grupos políticos tradicionalmente aliados, como é o caso de conservadores e liberais no Brasil. Textos opinativos de caráter argumentativo passaram a povoar as diferentes mídias no sentido de legitimar determinadas leituras das condições brasileiras de recepção e dos modos pelos quais o país deveria lidar com esses grupos populacionais.

Nossa pesquisa consiste em um esforço de compreensão desse processo polêmico, construído na mídia, de legitimação de propostas de ação concernentes ao fenômeno da imigração Sul-Sul observado no Brasil contemporâneo no âmbito de dois grupos políticos tradicionalmente categorizados como ligados à “direita”: conservadores e liberais. O mote para a delimitação de nosso objeto de estudo foi a declaração do deputado federal Jair Bolsonaro (então do PP-RJ), publicada em notícia do *Jornal Opção* de Goiânia, GO, na qual denominava os novos imigrantes como “a escória do mundo”. Tal associação e as propostas do deputado, acessíveis pela entrevista concedida, tornaram-se alvo de debate na internet, criando uma cadeia de textos, de gêneros discursivos diversos, que ora apoiavam, ora criticavam o discurso do deputado.

Logo, nosso trabalho objetiva, por um lado, analisar, no âmbito dessa polêmica, como os discursos conservador e liberal concebem a imigração e categorizam os imigrantes e suas

atividades e, por outro lado, depreender tanto as propostas de políticas públicas defendidas por esses grupos quanto o modo pelo qual elas são legitimadas argumentativamente.

Ainda que os estudos discursivos nacionais, dentre eles os crítico-discursivos, venham se debruçando sobre o fenômeno migratório para o Brasil nos últimos anos (Selari, 2013; Campos, 2015; Silva, 2016; Heberle; Morgado, 2016), pesquisas que se voltem à compreensão da legitimação argumentativa de posicionamentos frente ao processo ainda são escassas, o que consiste em lacuna problemática, na medida em que é pelo estudo da argumentação que podemos depreender, desconstruir e avaliar criticamente as razões que embasam determinadas propostas, os diferentes modos de projeção de futuro e os resultados visados e imaginados, bem como as diferentes perspectivas sobre as condições presentes, para, então, desvelar como esses elementos são correlacionados no sentido de dar coerência a uma dada visão de mundo.

Para proceder a essa análise, partiremos de um diálogo entre diferentes arcabouços teóricos, tomando como ponto de articulação a perspectiva faircloughiana (Fairclough, 2003; Melo, 2012; Gonçalves-Segundo; Zelic, 2016; Gonçalves-Segundo, 2018a) dos Estudos Críticos do Discurso, que preconiza três etapas de análise: a descrição linguística (e, no caso de nossa pesquisa, a argumentativa também), a interpretação discursiva e a explanação sócio-histórica.

A realização da etapa descritiva dar-se-á por meio tanto do arcabouço da Linguística Cognitiva quanto da Teoria da Argumentação.

No âmbito linguístico-cognitivo, iremos nos basear especialmente nos trabalhos de Marín-Arrese (2011), Gentner e Smith (2012), Vereza (2013), Hart (2014) e Gonçalves-Segundo (2014, 2017a, 2017b), para investigar o papel da perspectivação conceptual na representação da imigração e do imigrante e nos processos de convencimento e de persuasão. Mobilizaremos, especialmente, as seguintes categorias de análise: metáfora, analogia e posicionamento epistêmico (basicamente, modalidade epistêmica e evidencialidade).

No campo argumentativo, iremos nos fundamentar especialmente nos trabalhos desenvolvidos tanto no âmbito do Modelo Toulmin e de sua aplicação para os estudos do texto e do discurso (Toulmin, 2006[1958]; Toulmin, Rieke, Janik, 1978; Gonçalves-Segundo, 2016) quanto no âmbito do modelo de argumentação prática de Fairclough e Fairclough (2012). Aportes complementares de Freeman (2012), no que se refere à macroestrutura, de van Eemeren, Houtlosser e Snoeck-Henkemans (2007) e de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]), no que concerne aos esquemas argumentativos, também nos auxiliarão em aspectos pontuais da análise.

A etapa interpretativa será baseada na proposta sociocognitiva de van Dijk (2014) para a análise da ideologia. Já a etapa explanatória contará com pesquisas sociológicas e antropológicas que buscam explicar e caracterizar o fenômeno migratório em âmbito internacional e nacional, a saber: Sayad (1998 [1991]), Rocha-Trindade (1995), Martine (2005), Poston (2006), Seyferth, (2007), Ratha e Shaw (2007), López-Cifuentes (2008), Dadalto (2012), Campos (2015) e Bógus e Fabiano (2015).

Em termos metodológicos¹, podemos afirmar que se trata de uma pesquisa qualitativa de caráter empírico-indutivo, voltada à descrição e interpretação de dados linguísticos orientados à crítica sociodiscursiva. O *corpus*, conforme já anunciamos, foi constituído a partir de uma polêmica instanciada por uma cadeia de textos de gêneros distintos, motivada por uma declaração do deputado federal Jair Bolsonaro. A lista de textos que compõem o *corpus* pode ser visualizada abaixo:

Quadro 1. Textos integrantes da polêmica analisada

	Título	Autor	Gênero	Modalidade	Publicação
1	<i>Bolsonaro vê imigrantes como “ameaça” e chama refugiados de “a escória do mundo”</i>	VITOR	Notícia/ Entrevista	Escrito/ Oral	19/09/2015
2	<i>Refugiados e Bolsonaro: a verdade</i>	BOLSONARO	Enunciado- resposta online	Oral	22/09/2015
3	<i>Deixe a escória entrar, Bolsonaro. Pois faremos com ela um grande país</i>	NARLOCH	Artigo de opinião	Escrito	23/09/2015
4	<i>A livre imigração é uma bandeira da esquerda ou da direita?</i>	NARLOCH	Artigo de opinião	Escrito	25/09/2015
5	<i>Leandro Narloch e o Politicamente Correto</i>	CARVALHO	Enunciado- resposta online	Oral	16/11/2015
6	<i>Bolsonaro estava certo?</i>	NARLOCH	Artigo de opinião	Escrito	18/11/2015
7	<i>O erro de Olavo de Carvalho sobre a imigração</i>	NARLOCH	Artigo de opinião	Escrito	09/12/2015
8	<i>O erro de Leandro Narloch sobre a imigração</i>	DIÁRIO DA INSURGÊNCIA	Editorial	Escrito	09/12/2015
9	<i>Narloch x Olavo de Carvalho. Ou: O problema não é a imigração, mas o “Estado benfeitor”</i>	CONSTANTINO	Artigo de opinião	Escrito	10/12/2015
10	<i>Sim à imigração, não ao relativismo cultural</i>	NARLOCH	Artigo de opinião	Escrito	12/01/2016

Fonte: Elaboração própria

¹ Explicaremos pormenorizadamente a metodologia do estudo na subseção 4.1 desta dissertação.

Utilizamos como critério para seleção dos textos um conjunto de parâmetros: a. ter sido publicado virtualmente; b. ser uma resposta a um dos outros textos da cadeia; c. ter como tópico central o debate sobre a imigração no Brasil; d. apresentar visada argumentativa (Amossy, 2018), ou seja, estar orientado a buscar a adesão de um auditório a uma concepção de realidade ou a alguma proposta de mudança da realidade.

Em termos analíticos, a análise concentrou-se inicialmente na apreensão da macroestrutura e da configuração funcional da argumentação, para que pudéssemos compreender as estratégias e os raciocínios empregados na legitimação dos posicionamentos de cada um dos discursos enfocados (conservador e liberal). Dentre essas duas dimensões de análise, será a configuração funcional a central, com discussões aprofundadas na subseção 4.3. A análise macroestrutural será recuperada quando relevante qualitativamente, mas se encontra em sua completude disponível nos anexos desta dissertação.

Posteriormente, passamos à análise dos padrões representacionais que embasaram a legitimação dos posicionamentos e dos argumentos apreendidos na etapa anterior por meio de elementos linguísticos que permitiam um olhar minucioso sobre eles. Assim, optamos por considerar as analogias, as metáforas e os recursos de posicionamento epistêmico, tendo em vista tanto sua pertinência teórica para o tipo de análise empreendido quanto sua alta incidência no *corpus*.

Por fim, congregamos os resultados dessas análises no estabelecimento do quadro sociocognitivo ideológico de conservadores e liberais no tangente à imigração no Brasil.

Em termos organizacionais, dispomos os capítulos desta dissertação da seguinte maneira:

- No capítulo 1, discutiremos o fenômeno da imigração, o que inclui tratar de suas definições, das questões históricas pertinentes, especialmente no que se refere ao Brasil, e da representação dos imigrantes na nossa mídia.
- No capítulo 2, trataremos dos fundamentos epistemológicos e metodológicos tanto dos Estudos Críticos do Discurso, com destaque aos conceitos de Discurso, Ordens do Discurso e Ideologia, quanto da Linguística Cognitiva e da Abordagem Sociocognitiva da Linguagem, com ênfase na noção de perspectivação conceptual e nas categorias de metáfora, analogia e posicionamento epistêmico.
- No capítulo 3, abordaremos as Teorias da Argumentação que embasam este trabalho. Inicialmente, comentaremos sobre a configuração funcional da argumentação epistêmica com base no Modelo Toulmin (2006[1958]) e da argumentação prática com base modelo de argumentação prática de Fairclough e Fairclough (2012). Em seguida,

abordaremos questões concernentes à macroestrutura da argumentação, bem como revisaremos os esquemas argumentativos propostos pela Pragmadiálética; e, na sequência, apresentaremos uma breve caracterização do discurso polêmico.

- No capítulo 4, iniciaremos a análise propriamente dita: primeiramente, dissertaremos sobre o contexto no qual os textos se inserem, bem como seus autores, e, por fim, realizaremos a análise do *corpus*.
- Na Conclusão, remontaremos tanto aos objetivos propostos inicialmente quanto ao percurso trilhado no desenvolvimento desta dissertação e uma consideração crítica acerca da polêmica e do tema da imigração

1 A IMIGRAÇÃO

No one leaves home unless home is the mouth of a shark.
(Warsan Shire, 2011)

Neste capítulo, discutiremos o fenômeno da imigração a partir de um diálogo entre as perspectivas histórica, sociológica, antropológica e econômica, a fim de embasar as interpretações discursivas decorrentes da descrição linguística e conseguir explicar, de forma mais refinada, as condições de emergência da polêmica em análise. Inicialmente, procuraremos definir o que é a imigração; posteriormente, trataremos da história da imigração em 1.1; na sequência, discorreremos sobre a crise migratória mundial, os grupos envolvidos e as consequências deste fenômeno; por fim, focalizaremos o Brasil, debatendo, em especial, a **imigração Sul-Sul**, e a representação dos atores sociais imigrantes na mídia brasileira.

1.1 Imigração: definição, categorizações e teorias

A migração, segundo Poston (2006), pode ser definida como uma mudança de local de residência permanente, geralmente com duração de um ano ou mais, envolvendo um deslocamento geográfico que atravessa uma fronteira política. Há duas formas básicas de migração: a primeira, intitulada **migração internacional** – foco de nossa pesquisa – diz respeito a um deslocamento no qual se cruza uma fronteira de um país para outro - aqui o indivíduo é emigrante na sua região de origem e, de forma complementar, imigrante em seu local de destino -, enquanto a segunda, denominada **migração interna** se refere a um deslocamento geográfico que envolve o cruzamento de uma fronteira política, geralmente um estado ou município, dentro de um mesmo país. Tal deslocamento, contudo, não é simples e depende de um processo complexo de alta demanda psicossocial e burocrática.

Rocha-Trindade (1995, p. 37) denomina percurso migratório como o “conjunto de passos, ações ou situações, dados ou experimentados por um indivíduo migrante, com relevância para o processo em que se encontra envolvido”. Para a autora, o primeiro passo desse percurso consiste no desejo de partida, corroborado por numerosas variáveis, como informação do país de acolhimento, descontentamento com a situação enfrentada no país vigente e a vontade de planejar um futuro melhor, seja por motivações pessoais, coletivas ou estruturais.

Em seguida, há o **preparo da partida**: nesse estágio, o indivíduo transforma sua ideia em algo mais tangível por meio de ações como a busca pelos documentos requeridos, a escolha do percurso, a compra da passagem e a finalização de algumas pendências ainda no país de origem, como as obrigações familiares, as ocupações, o trabalho e os demais deveres.

Posteriormente, na terceira fase, cuida-se da viagem e, então, chega o momento de **primeira instalação**, uma fase geralmente transitória, que compreende os primeiros passos para o estabelecimento no país de acolhimento e que se caracteriza pela procura ou pelo início de um novo emprego formal ou informal, pelo estabelecimento de rotinas, pela criação de contatos e pelas primeiras relações sociais.

A fase seguinte, a **inserção**, depende da estabilização dos processos anteriores e assume grande relevância, na medida em que é nela que sucedem reencontros de familiares, nascimento de filhos, fundação de ou integração em comunidades de imigrantes e até mesmo a formação de grupos minoritários.

A **fixação** é a etapa de maior estabilidade, podendo ser consagrada por meio da aquisição da nova nacionalidade (processo de naturalização). Contudo, é possível que, durante esse processo, os objetivos almejados pelo imigrante não sejam alcançados – por razões pessoais ou estruturais do país de acolhimento –, e o regresso ao país de origem se torne uma opção desejável. Outras vezes, contudo, instala-se uma nova situação problemática, na medida em que o retorno pode envolver riscos derivados de mudanças políticas, econômicas e socioculturais no país de origem, o que requisitaria uma nova fase de reinserção.

Vemos, nessa explanação, que, para Rocha-Trindade (1995), o elemento de maior relevância no processo migratório é o ator social emigrante. A autora o descreve a partir de uma lente dupla: por um lado, entende-o como “um nacional ausente, com perda pouco significativa de direitos no país de onde provém e, talvez, até uma certa diminuição dos deveres e obrigações inerentes à sua qualidade de cidadão” (ROCHA-TRINDADE, 1995, p. 31); por outro, como um indivíduo que sofre com as coerções de viver em um país diferente do seu, tendo que ressocializar-se tanto no âmbito público quanto privado e submeter-se a novas leis e modos de vida. Nesse sentido,

como imigrante, é um estranho vindo de fora, encontrando uma sociedade que provavelmente desconhece e onde terá de inserir-se, sujeitando-se às leis que a administram. Leis que regulam as relações públicas e privadas que irá encetar e terá de desenvolver durante a estada que aí venha a fazer e que, amarrando-o por um lado à sua provável condição de cidadão estrangeiro, lhe limitam os direitos e prerrogativas e não deixam, por outro, de lhe criar os mesmos deveres e obrigações a que os nacionais desse país estão sujeitos. (ROCHA-TRINDADE, 1995, p. 31)

No que tange à imigração recente – final do século XX e século XXI –, Poston (2006) propõe categorizar os imigrantes em quatro grupos: os **refugiados e requerentes de asilo**; os **migrantes de colônias antigas**; os **migrantes econômicos** e os **migrantes privilegiados etnicamente**. Tais categorias são definidas da seguinte forma:

- **Refugiados² e requerentes de asilo:** são pessoas que emigram involuntariamente devido à perseguição, à violência ou à privação extrema em seu país, geralmente se deslocando para um Estado vizinho.
- **Migrantes de colônias:** surgem como resultado do processo de descolonização e compreendem, em geral, grupos populacionais que deixaram seus países, ex-colônias, em direção aos países europeus, ex-colonizadores. O processo de migração pós-colonial é um fenômeno recente iniciado nos anos 1950.
- **Migrantes econômicos:** são migrantes voluntários motivados por aspirações econômicas e estão mais propensos a mudar de países menos desenvolvidos para países mais desenvolvidos.
- **Migrantes privilegiados etnicamente:** designam grupos de migrantes cuja entrada é favorecida em um dado país por serem da mesma origem étnica e/ou religiosa que a maioria de sua população, como foi o caso dos judeus na Diáspora em relação ao Estado de Israel.³

Em nosso estudo, podemos acrescentar uma categoria à tipologia de Poston (2006), os **migrantes desprivilegiados etnicamente**, uma vez que imigrantes haitianos, senegaleses, iranianos, sírios e bolivianos não têm sua entrada favorecida no Brasil e sofrem, além da xenofobia⁴, racismo.

O autor ainda abarca cinco teorias que qualificam o fenômeno migratório, desenvolvendo-o a partir de diferentes níveis de análise - notadamente, o indivíduo, a família, o país e o mundo. Logo, as abordagens, sintetizadas na sequência, não devem ser tomadas como concorrentes ou incompatíveis entre si.

² De modo geral, o **refugiado** sempre será um **imigrante** em seu país de destino, porém o **imigrante** não necessariamente será um **refugiado**. Segundo Moulin (2012), o estatuto de refugiado depende das condições de saída do imigrante de seu país de origem, o que envolve perseguições de caráter racial, religioso, de origem geográfica ou ainda de vinculação a um grupo social ou político não hegemônico que resulta em medo ou incapacidade de viver com o mínimo de dignidade nesse país.

³ Outra categoria que podemos mencionar é o **expatriado**, que, segundo Castree; Kitchin e Rogers (2013, p. 143, tradução livre), se refere a “uma pessoa estabelecida fora de seu país de origem, frequentemente abreviado como *expat*. Na prática, o termo é aplicado geralmente a profissionais, trabalhadores qualificados e artistas de países afluentes, geralmente transferidos por empresas, ao contrário dos imigrantes em geral” (No original: a person settled outside their country of origin, often abbreviated as ‘expat’. In practice the term is generally applied to professionals, skilled workers, or artists from affluent countries, often transferred by companies, rather than all immigrants in general).

⁴ Segundo o Glossário sobre Imigração (2009, p.80), no plano internacional, não existe uma definição consensual de xenofobia, muito embora possa ser descrita como atitude, preconceito ou comportamento que rejeita, exclui e, frequentemente, diminui pessoas com base na percepção de que são estranhas ou estrangeiras relativamente à comunidade, à sociedade ou à identidade nacional. Existe uma relação estreita entre racismo e xenofobia, noções que são difíceis de distinguir.

O **modelo econômico neoclássico** postula que a migração resulta das decisões de custo-benefício individual para maximizar rendimentos esperados devido ao deslocamento. Os trabalhadores são atraídos de países com salários baixos em trabalhos adequados para países com salários altos em trabalhos limitados.

A **nova teoria da economia da imigração** contesta algumas das hipóteses e suposições da economia neoclássica. Majoritariamente, ela argumenta que as decisões sobre imigração são feitas não somente por indivíduos isolados, mas especialmente por unidades maiores, tais como famílias e comunidades.

A **teoria dual do mercado de trabalho** argumenta que a migração resulta da demanda de trabalho das sociedades industriais. A migração internacional é causada não somente pelos fatores de repulsão dos países de origem, mas também pelos de atração dos países de destino. O capitalismo tende a separar os mercados de trabalho em dois grupos: um grupo mais qualificado, que, em geral, tem empregos de maior estabilidade, salários altos com bons benefícios e ótimas condições de trabalho, e um grupo de baixa qualificação, que, grosso modo, atua em condições de trabalho inferiores, com baixos salários e poucos benefícios, além de menor estabilidade. Países com demanda desse segundo tipo de mão-de-obra consistem em polos de atração para imigrantes (inclusive, ilegais), em geral, mais vulneráveis, para ocupar tais postos.

A **análise de sistemas mundiais** assevera que a migração internacional é o resultado natural da globalização da economia. Muitas pessoas são liberadas de indústrias tradicionais e da atividade agropecuária, criando um grupo de pessoas prontas para se deslocar, tanto interna quanto internacionalmente.

A **teoria da rede de imigração** foca nos laços interpessoais – as redes – que conectam os migrantes, migrantes antigos e migrantes potenciais e não-migrantes nos países de origem e destino. As redes aumentam a probabilidade de deslocamento internacional ao diminuírem os custos e os riscos da migração e aumentarem os ganhos. Redes facilitam aos novos migrantes encontrarem trabalho nos países de destino.

Além disso, devemos ressaltar que a decisão do imigrante de deixar seu país de origem por um tempo indeterminado também pode simbolizar o enfrentamento de experiências violentas, causadas por desastres naturais, guerras, genocídios, dentre outros fatores. Tais experiências caracterizam, majoritariamente, a **imigração Sul-Sul** para o Brasil, tema da polêmica em análise.

1.2 A crise migratória mundial

A mobilidade geográfica é uma condição humana antiga, manifesta sempre que grupos humanos enfrentaram fome, guerras, desastres naturais, condições climáticas e pobreza extremas. No mundo contemporâneo, as razões para tais deslocamentos tornam-se mais complexas, uma vez que a realidade político-social de cada país pode se constituir em um motor para o deslocamento do imigrante.

Dentre seus objetivos, que podem se apresentar de forma individualizada ou amalgamada, podemos citar a busca por melhor qualidade de vida, segurança, emprego e a conquista de direitos básicos. Tais contextos e fatores são ilustrados na citação abaixo retirada de *Os 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e sua relevância para migrantes e refugiados* do representante do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados – ACNUR – no Brasil:

o mundo passou por diversas transformações e o aumento das desigualdades sociais e econômicas resultou em intensos fluxos migratórios, cada vez mais complexos, de pessoas em busca de proteção, melhores condições de vida e garantia de direitos básicos. Esses fluxos têm em sua origem não somente o acirramento de conflitos étnicos, políticos e religiosos, mas também a pobreza, a exclusão social e a falta de emprego. (LÓPEZ-CIFUENTES, 2008, p. 8)

Nesse processo, conforme relata López-Cifuentes (2008), a globalização se torna um fator relevante para a análise da imigração. Quando a economia se tornou mundial, embora as fronteiras continuassem firmes para os seres humanos, para o capital especulativo as barreiras internacionais foram eliminadas, o que acarretou a marginalização e exclusão de partes expressivas da população do acesso ao bem-estar material.

Para a contenção desses fluxos imigratórios são levantadas muitas soluções burocráticas que dificultam o acesso ao visto de trabalho, ou seja, ainda que o avanço tecnológico ofereça maior acesso a meios de transporte e tarifas mais baratas, entrar em outro país torna-se mais difícil, pois os países receptores se protegem dos contingentes migratórios por meio de burocracias e leis que se tornam arma eficaz contra a imigração, barrando os indivíduos antes mesmo do início de sua jornada; assim, ao rejeitá-los pela via legal, as vias ilegais acabam sendo sua única opção. Sobre esse tópico, disserta López-Cifuentes (2008, p. 9):

Para esses milhões de migrantes e refugiados, as fronteiras não desapareceram. Pelo contrário, para eles, os muros estão cada vez mais altos, principalmente as muralhas das nações mais influentes e responsáveis pelo processo de exclusão daqueles que buscam seus territórios para viver e trabalhar.

Fica evidente que a imigração se torna uma solução para um problema imediato, que pode viabilizar o alcance de uma realidade melhor para o indivíduo. Esse fenômeno, portanto, relaciona-se diretamente à esperança de sobreviver em condições menos precárias, com maiores

oportunidades de qualidade de vida, o que minimiza os perigos ou medos que a nova jornada pode infligir ao emigrante. Para o sociólogo George Martine (2005, p. 3), “o migrante vive num mundo onde a globalização dispensa fronteiras, muda parâmetros diariamente, ostenta luxos, esbanja informações, estimula consumos, gera sonhos e, finalmente, cria expectativas de uma vida melhor”.

A mídia e o acesso rápido a informações do mundo todo alimentam diariamente o imaginário do imigrante fazendo-o sonhar com uma nova realidade para si, que lhe parece próxima e de fácil alcance, motivando-o a lançar-se ao desconhecido, a localidades longínquas e culturas distintas. Martine (2005, p. 3) corrobora esse ponto de vista ao asseverar que “nos dias de hoje, o horizonte do migrante não se restringe à cidade mais próxima, nem à capital do estado ou do país. Seu horizonte é o mundo – vislumbrado no cinema, na televisão, na comunicação entre parentes e amigos.”

Dessa forma, é nas décadas de 1970 a 1990, segundo Dadalto (2012), que emergem grandes fluxos migratórios internacionais, constituídos, principalmente, por latino-americanos, africanos e asiáticos que tinham os Estados Unidos e os países europeus como destino eleito.

Para a autora, contudo, o tema da imigração ganhou novas nuances a partir de 11 de setembro de 2001, dividindo opiniões em relação aos imigrantes. O atentado e a ascensão das medidas antiterroristas no mundo, segundo López-Cifuentes (2008, p. 9), “contribuíram para que a situação dos excluídos globais se tornasse ainda mais complicada. O medo do ‘outro’, particularmente se é ‘diferente’, tornou-se mais evidente”.

A condição de imigrante torna-se ainda mais complexa e estigmatizada com a crise de 2008. Francesconi (2016, p. 8-9) esclarece que a crise financeira desencadeou desemprego, gerando movimentos de regresso de imigrantes aos seus países de origem, de forma que restou, à parcela remanescente, o agravamento de preconceitos e a atribuição da culpa pela situação econômico-financeira. Tendo em vista que os principais afetados por essa crise foram a União Europeia e os Estados Unidos, o foco dos fluxos migratórios passou a ser os países do hemisfério Sul. Dentre eles, o Brasil tornou-se um destino privilegiado.

Bógus e Fabiano (2015) asseveram que o Brasil e demais países, que não se constituíam tradicionalmente como países de destino do imigrante internacional, passaram também a receber números significativos de pessoas originárias do Haiti, Bolívia e Congo assim como pedidos vindos de indivíduos do Oriente Médio, Ásia e África, decorrentes da necessidade de fuga de conflitos armados.

1.3 A imigração no Brasil: marcos legais, aspectos sócio-políticos e econômicos

1.3.1 A história da Imigração

Para a antropóloga Giralda Seyferth (2007), os primeiros estrangeiros a chegaram ao Brasil com o estatuto de imigrantes o fizeram devido a uma grave crise econômica em 1818⁵. Neste ano, cerca de dois mil emigrantes deixaram a Suíça rumo ao Rio de Janeiro ainda que cerca de quatrocentas pessoas tenham morrido em decorrência das dificuldades na viagem.

Tais imigrantes, beneficiados com lotes como propriedades, conforme previa o Tratado de Colonização assinado por D. João VI, foram os responsáveis pela fundação da colônia de Nova Friburgo; porém, devido às parcas condições oferecidas pelo regime colonial, muitos desses imigrantes acabaram por não permanecer no local, o que tornou essa experiência inicial um fracasso. Esse episódio marca um processo de imigração voltado ao imigrante europeu com o fim, majoritariamente, de ocupar as terras desocupadas no país.

Após a independência do Brasil, em 1822, o investimento por parte do governo foi recuperado, a despeito do insucesso de Nova Friburgo e de algumas tentativas frustradas de colonização na Bahia. Nesta última, havia duas colônias criadas por alemães, que se transformaram em grandes latifúndios para o plantio de cacau por escravos.

Seyferth (2007) também afirma que o modelo de colonização alicerçado na pequena propriedade familiar, cedida a imigrantes, obteve sucesso somente em 1824, no Rio Grande do Sul, na fundação da colônia de São Leopoldo, a despeito dos percalços enfrentados pelos colonos. Contudo, essa região não era o único destino dos imigrantes alemães: o governo imperial brasileiro dispunha de um agenciador, G. A. Shäffer, para trazer imigrantes para o Brasil. Tal agenciador, ao receber sua concessão de terras na Bahia, não encaminhava os alemães apenas para São Leopoldo, mas também os despachava, a contragosto, para a colônia Frankental (BA), assim como para Nova Friburgo, para recuperar os lotes abandonados pelos suíços. Além da questão agrária e ocupacional, outra circunstância também impulsionava a chegada de estrangeiros ao Brasil naquele momento: a necessidade de formar batalhões estrangeiros para atuar na fronteira da Argentina e para atuar nos conflitos gerados pela independência.

⁵ Devemos ressaltar que o Decreto de Abertura dos Portos, promulgado por D. João VI em 1808, consistiu em estímulo significativo para a vinda de estrangeiros para o Brasil para trabalhar no campo comercial. Seyferth (2007) relata, contudo, que, por não terem sido considerados imigrantes, as estatísticas sobre esses estrangeiros são pouco precisas, ainda que se estime que aproximadamente quatro mil estrangeiros teriam chegado ao Brasil antes de 1822, prevalecendo os provenientes da Espanha, França, Inglaterra e Alemanha. É por não terem sido considerados imigrantes que apontamos a experiência de 1818 como a inicial.

Seyferth (2007) discute a periodização dos movimentos migratórios para o Brasil a partir de um diálogo com os trabalhos de Diegues Júnior (1964) e Carneiro (1950). Esses dois autores dividiram a história da imigração em três períodos com marcadores temporais distintos.

Diegues Júnior (1964 apud SEYFERTH, 2007) fez recortes baseado na Lei de Terras, na lei que proibiu o tráfico africano e na abolição do regime escravista. Seu último recorte compreende tanto o período da “grande imigração” quanto os desdobramentos após as duas guerras mundiais (1888-1950).

Carneiro (1950 apud SEYFERTH, 2007), estudioso do sistema de colonização europeia, por sua vez, define os “grandes períodos” com maior precisão e os relaciona em maior profundidade à realidade paulista, da maneira que podemos conferir a seguir:

- 1808 - 1886: caracterizou-se pela coexistência do trabalho escravo e remunerado e pelo predomínio do imigrante alemão nos núcleos colônias com trabalho escravo proibido, situados principalmente na região Sul do país - em São Paulo, em meados da década de 1870, o percentual de imigrantes é ínfimo mesmo levando-se em consideração a imigração italiana.
- 1886 - 1930: o italiano predomina e a mão de obra imigrante torna-se substituta do trabalho escravo. A fundação de colônias na região Sul continua, porém, o fluxo imigratório torna-se mais abundante em direção a São Paulo devido ao cultivo de café. Marcado pela “imigração dirigida”, estatisticamente, é o período de maior relevância.
- 1930 - 1950: é definido por um declínio no fluxo imigratório em geral como também por uma política que ia de encontro aos processos de imigração e naturalização. O grupo de maior preponderância da época era o nipônico.

Em um primeiro olhar, observa Seyferth (2007), a periodização de Carneiro (1950 apud SEYFERTH, 2007) parece historicamente mais consistente levando em conta que Diegues Júnior (1964 apud SEYFERTH, 2007) não fez recorte da “grande imigração”, porém, o ano de 1850 é de suma importância por marcar o interesse do Estado na imigração europeia com a finalidade de colonização. O modelo colonial, por sua vez, era separado do modelo escravocrata, pois definia-se como uma política pública em prol da imigração e consistia em iniciar uma maneira diferente de exploração agrícola com base na “propriedade familiar de uma gleba” (SEYFERTH, 2007, p. 19). O ordenamento jurídico da terra era o objetivo maior da lei 601 de 18/09/1850, também conhecida como Lei de Terras, visando a regularização fundiária, definindo terras desocupadas e seu acesso por meio de sua compra no regime de colonização.

É apenas com o decreto 1.318 de 30/01/1854, contudo, que a Lei de Terras é regularizada e o binômio imigração/colonização torna-se mais evidente. Esta lei consolida tanto a colonização em terras públicas quanto a imigração, em parte, subsidiada, distinguindo notoriamente dois sistemas de exploração agrícolas: o latifúndio escravista e a propriedade familiar.

Seyferth (2007) observa que embora o governo imperial fizesse esforços, a imigração em massa só ocorre durante a República, principalmente durante 1887-1914, quando o Brasil recebe quase três milhões de imigrantes – italianos, portugueses, espanhóis, austríacos, russos e sírio-libaneses. É somente em 1908 que chegam os japoneses, cuja imigração se intensifica a partir da década de 1920, tornando-se o maior contingente de imigrantes dez anos mais tarde.

O número de imigrantes decai, então, em 1939, por causa “não só da Guerra Mundial, mas também da política restritiva de cotas instituídas em 1934 e das práticas nacionalizadoras implementadas pelo Estado Novo em 1937” (SEYFERTH, 2007, p. 22).

Nas décadas de 1960 e 1970, houve um recuo no número de imigrantes, mas, na década seguinte, a entrada de estrangeiros aumentou significativamente, devido à “intensificação dos movimentos migratórios em âmbito global” (SEYFERTH, 2007, p. 24). Sobre os últimos vinte e cinco anos após a década de 1980, a autora salienta que o panorama da imigração no Brasil muda.

Em primeiro lugar, tem maior visibilidade a imigração latino-americana e africana (nesse último caso, oriunda, principalmente, de Angola, Moçambique e Cabo Verde – ex-colônias portuguesas); também a presença de asiáticos é significativa (chineses e coreanos, sobretudo) e não se restringe aos grandes centros (São Paulo ou Rio de Janeiro). (SEYFERTH, 2007, p. 25).

Ainda que o Brasil tenha sido destino para esses imigrantes até então novos, Seyferth (2007) assevera que, nesse período, o fenômeno mais notório não diz respeito à imigração para o Brasil, mas à emigração de brasileiros, principalmente para os Estados Unidos, Japão e Europa.

Com a exposição feita por Seyferth (2007), à luz da atual realidade brasileira, além de visualizarmos um panorama sobre a história da imigração no Brasil, aprendendo sobre as periodicidades da imigração, os grupos que escolheram o país como destino e as políticas voltadas para a temática, também notamos que o país tem a sua formação nacional intimamente ligada a tal fenômeno, que não pode ser visto apenas como o recebimento de grupos de pessoas que cruzaram fronteiras, mas como grupos que, além de promoveram mudanças no âmbito sociocultural e econômico do país, engendraram novas configurações identitárias, de caráter multifacetado, pelo país.

1.3.2 A imigração Sul-Sul

Nosso objetivo, nesta subseção, é discorrer sobre o conceito de **imigração Sul-Sul**, uma vez que a polêmica que analisamos engloba tal modalidade de movimento migratório. São alvo de debate os deslocamentos de grupos oriundos de países de distintos continentes, como Haiti e Bolívia (América), Síria e Irã (Ásia) e Senegal (África), o que apresenta dificuldades para estabelecer possíveis generalizações. Na realização dessa pesquisa, houve muita dificuldade em encontrar uma terminologia e um conceito adequado para dar conta de tal variedade; dentre eles, contudo, o que parece mais se aproximar de nosso objeto é a noção de **imigração Sul-Sul**. Por isso, deter-nos-emos sobre ela.

Sabendo não haver um consenso de Sul e Norte, iremos nos apoiar na classificação do *Banco Mundial* baseada precipuamente na dimensão econômica de cada país, mesmo que isso leve a transgressões acerca do que seria espacialmente o Sul e o Norte. Assumimos, com base nas considerações de Ratha e Shaw (2007), a terminologia e a conceituação do *Banco Mundial*, para quem são considerados do Sul os países com renda baixa e média, além de países com renda alta que não sejam membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE. Assim, tanto Haiti, Senegal, Irã, Síria e Bolívia (baixa e média renda), por um lado, e Brasil, por outro (alta renda, mas não membro da OCDE), estariam incluídos.

Ratha e Shaw (2007) estimam que 74 milhões, ou aproximadamente metade dos imigrantes de países em desenvolvimento, residiam em outros países em desenvolvimento em 2007. Entretanto, os autores acreditam que os números devam ser maiores, pois o número estimado considera apenas os imigrantes legais. Além disso, os autores pontuam que a imigração ilegal deve ser mais comum no fluxo Sul-Sul, devido às fortes restrições vigentes no Norte hoje contra a recepção de grandes fluxos migratórios.

Sobre a questão econômica destes grupos de imigrantes, Ratha e Shaw (2007, p. 2, tradução livre, destaque nosso) salientam que “o impacto da **imigração Sul-Sul** sobre a renda de migrantes e nativos é menor do que da **imigração Sul-Norte**. No entanto, mesmo pequenos aumentos na renda podem ter implicações substanciais para o bem-estar dos pobres”⁶.

No artigo *South-South Migration: Partnering Strategically for Development* da Organização Internacional para as Migrações – O IM – da ONU, de 2014, temos uma observação relevante sobre a modalidade de **imigração Sul-Sul**. Vejamos a seguir:

⁶ No original: The impact of South-South migration on the income of migrants and natives is smaller than for South-North migration. However, even small increases in income can have substantial welfare implications for the poor.

Novos padrões e fluxos migratórios emergem e continuarão emergindo em resposta aos desenvolvimentos globais. Alguns países e regiões do mundo estão crescendo economicamente, enquanto outras estão encarando crises econômico-financeiras, recessão e crescimento lento. Situações de crise emergente, a vagarosa, mas certa, degradação do meio ambiente e as mudanças climáticas complicam ainda mais o cenário. (OIM, 2014, p. 4)⁷.

O artigo ainda menciona que, mesmo com esse panorama complexo, a imigração “permanece como uma das estratégias mais efetivas para indivíduos e suas famílias lidarem com tais desafios e melhorarem sua qualidade de vida, como também promoverem o desenvolvimento tanto do país de sua origem quanto de seu país de destino” (OIM, 2014, p. 4)⁸.

1.3.3 Os imigrantes na mídia

Por se tratar de um estudo desenvolvido sobre um *corpus* composto por textos da mídia na internet, pretendemos, a seguir, fazer uma breve discussão sobre estudos que se debruçaram sobre a representação midiática do imigrante no Brasil.

Em seu trabalho, Campos (2015) estuda a construção discursiva da identidade dos imigrantes ao longo de aproximadamente dois séculos e constata que a imprensa, manipulada por grande parte da elite brasileira serviu como meio para a instauração de um projeto nacional de seletiva xenofobia, voltado para o assimilacionismo. Segundo o autor, nesse projeto,

os imigrantes não são seres humanos, mas “braços”. Não migram, são “importados”. Devem ser parte de uma “multidão trabalhadora”, mas nunca os “perturbadores da ordem”. Devem ser “morigerados” e “industriosos” mas, se reivindicam direitos, são classificados como “agitadores” e “anarquistas”. Devem ser “assimiláveis”, sob o risco de suas comunidades se tornarem indesejáveis “quistos étnicos”. O imigrante é um bode expiatório muito bem-vindo no Brasil, principalmente se age sobre ele, ainda mais além, o corte de classe. (CAMPOS, 2015, p. 528).

Um exemplo que corrobora as afirmações anteriores refere-se a relatos históricos da imprensa hodierna que destaca, acerca do imigrante “branco” europeu, somente feitos positivos voltados para o progresso que este propicia ao país receptor, bem como sua fácil aculturação, evitando falar de sua complexa condição como os conflitos trabalhistas e os casos de xenofobia que enfrentaram, relatados em jornais e revistas de forma recorrente nos variados períodos de imigração para o Brasil, do XIX ao XXI, como descreve o autor.

⁷ No original: New migration patterns and flows emerge and will continue emerging in response to global developments. Some countries and regions of the world are growing economically, while others are facing economic and financial crises, recession and slow growth. Emerging crisis situations and slowly, but surely, environmental degradation and climate change further complicate the scenario.

⁸ No original: migration remains one of the most effective strategies for individuals and their families to cope with such challenges and improve their well-being, as well as promote the development of both destination and origin countries.

Neste estudo, uma observação relevante, feita por meio de Sergio Buarque de Holanda (1995[1936] apud CAMPOS, 2015), diz respeito às heranças rural e escravocrata que de forma violenta causaram cicatrizes, tanto no Brasil quanto no imigrante. Um exemplo seria o fato de que, devido à cultura de direitos não estar consolidada, os imigrantes são afetados pela herança do Brasil Colônia assim como pelo capitalismo liberal. Deste modo, os imigrantes negros e pobres – em sua maioria, negros pobres – são classificados imediatamente como refugiados sem o crivo do direito internacional; na contramão desse fenômeno, temos os imigrantes brancos – em sua maioria, brancos ricos – que são classificados como “estrangeiros”, sendo categorizados de forma positiva como detentores de uma cultura superior e de um povo civilizador.

Campos (2015, p. 529) destaca um aspecto relevante sobre os **imigrantes Sul-Sul** que chegam ao Brasil e que encontra eco na polêmica que analisamos, quando constata que “é uma dura e recorrente a realidade exposta, por exemplo, na abordagem da mídia impressa dispensada aos haitianos e “africanos” – guineenses, senegaleses, nigerianos, ganenses etc. – que têm chegado ao Brasil em maior número desde 2010”.

Esta observação lança luz sobre um aspecto relevante da prática midiática brasileira sobre imigração. Os imigrantes vindos de países economicamente desfavorecidos, em especial da América Latina ou Central, da África e do Oriente Médio, sofrem severa estigmatização nesses meios, que muitas vezes, corroboram o imaginário de que tais grupos invadem nosso país, trazendo mais pobreza, gerando ônus para o Estado e diminuindo as oportunidades de trabalho (BREZIS; KRUGMAN, 1996 e HONG; MCLAREN, 2015).

Télémaque (2012, p. 48), ao abordar o caso específico dos haitianos, explica que “foi assim que a imigração haitiana fez seu impacto na mídia brasileira, em meio às numerosas manchetes dedicadas à entrada desses imigrantes pelo Norte”. E podemos averiguar o grande efeito que a mídia tem quando a autora conclui que “compartilhando, de certa forma, desta visão, o governo brasileiro decidiu fechar a sua fronteira, quebrando a tradição do país como terra hospitaleira” (TÉLÉMAQUE, 2012, p. 48).

Estas observações nos levam a concluir que o fenômeno da descolonização, conforme discorre Campos (2015), ainda não encontrou espaço na imprensa no que tange a temática da imigração.

Outro aspecto relevante, ligado à mídia brasileira, diz respeito à tese de “embranquecimento” dos brasileiros estimulada “durante quase todo o período pesquisado, até pelo menos o início da segunda metade do século XX” (CAMPOS, 2015, p. 532). O autor continua:

As raízes dessa ideologia brasileira foram observadas por um grupo de especialistas das Nações Unidas que visitou o país em 2013. Após consultar distintas instituições e avaliar a situação dos povos afrodescendentes, o grupo concluiu que as pessoas de ascendência africana com quem se reuniram compartilharam experiências “graves” de racismo e discriminação com base em sua cor de pele. (CAMPOS, 2015, p. 532).

Logo, podemos imaginar que, se brasileiros afrodescendentes enfrentam grave discriminação baseada em sua cor da pele, o imigrante que seja afrodescendente sofrerá preconceito ainda maior: primeiro, por ser estrangeiro; segundo, devido a sua cor de pele. Como veremos em nosso *corpus*, as questões geográfica, econômica e religiosa também são motivos para a discriminação do imigrante no Brasil.

2 A ABORDAGEM (SOCIO)COGNITIVISTA DOS ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO: TEORIA E CATEGORIAS DE ANÁLISE

Neste capítulo, apresentaremos as bases teóricas dos **Estudos Críticos do Discurso**, considerando especialmente os trabalhos de Fairclough (1995, 2003, 2010[1995], dentre outros), van Dijk (2000, 2009, 2014, dentre outros) e Hart (2014)⁹.

Em primeiro lugar, trataremos do surgimento da abordagem, de seus principais objetos de estudo e de sua forma de engajamento diante dos dados; discutiremos o conceito de **discurso** a partir do qual trabalharemos; apresentaremos a noção de **ordem do discurso** e debateremos suas categorias de análise e dissertaremos sobre a noção de **ideologia** que permeará o trabalho.

Discorreremos, em segundo lugar, sobre as teorias cognitivistas da linguagem – a **Linguística Cognitiva** e a **Abordagem Sociocognitiva da Linguagem**. A primeira será representada por autores como Lakoff, Langacker, Talmy, Fillmore e Fauconnier, Vereza, Duque e Gonçalves-Segundo, ao passo que a segunda será representada por van Dijk. Ambas as perspectivas têm papel fundamental no desenvolvimento desta pesquisa: a **Linguística Cognitiva** embasará, juntamente com as Teoria da Argumentação, a etapa descritiva da pesquisa, ao passo que a **Abordagem Sociocognitivista** será relevante para a interpretação discursiva voltada à apreensão da ideologia.

2.1 Fundamentos dos Estudos Críticos do Discurso

2.1.1 História, objetos de estudo e engajamento

On ne peut rien écrire dans l'indifférence.
(Simone de Beauvoir, 1954)

De acordo com Wodak (2004), a **Análise Crítica do Discurso** - ACD¹⁰ - tem sua origem ligada a desenvolvimentos da chamada **Linguística Crítica**, praticada, especialmente, na década de 1970, na Universidade de East Anglia, instituição em que Kress, Trew e Fowler começam a tratar os discursos de forma ideológica, rejeitando a ideia de arbitrariedade do signo linguístico e lançando mão da **Linguística Sistêmico-**

⁹ Para uma visão sucinta da interface entre Cognição e Discurso proposta por Hart (2014), conferir Gonçalves-Segundo; Sousa (2017).

¹⁰ Hart (2010, p. 3, tradução livre) assevera que, em um sentido lato, “A Análise Crítica do Discurso, em um sentido mais amplo, pode ser rastreada pelo menos até o estudo aristotélico da retórica.”, constatando sua relevância ao longo do tempo (No original: Critical Discourse Analysis in a broader sense can be traced back at least as far as the Aristotelian study of rhetoric).

funcional – LSF – como ferramenta de análise das representações sociais e das relações de poder presentes nos textos. Dentre os autores norteadores da área, destacam-se os franceses Michel Foucault e Pierre Bourdieu, o russo Mikhail Bakhtin e o alemão Jürgen Habermas.

A consolidação da ACD, conforme Wodak (2009), deu-se a partir do encontro de um grupo de acadêmicos, constituído por Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunther Kress, Theo Van Leeuwen e pela própria Ruth Wodak, na Universidade de Amsterdã, no início da década de 1990, no qual puderam discutir teoria e procedimentos metodológicos.

O termo **Análise Crítica do Discurso** aparece pela primeira vez em 1985, em uma publicação de Norman Fairclough no *Journal of Pragmatics* (MELO, 2012, p. 62). Sabemos que seu foco na língua e discurso foi possível devido à **Linguística Crítica**¹¹, praticada no Reino Unido e na Austrália de maneira proeminente. Esse tipo de análise pode ser visto como uma reação aos paradigmas predominantemente formais, dominantes nas décadas de 1960 e 1970, que descartavam significativamente as dimensões social e crítica da linguagem (VAN DIJK, 2015). Sobre a ACD e os analistas do discurso, o linguista holandês disserta:

A **Análise Crítica do Discurso** (ACD) é uma pesquisa analítica do discurso que estuda principalmente a forma como o abuso e a desigualdade do poder social são promulgados, reproduzidos, legitimados e resistidos por meio de texto e da fala no contexto social e político. Com tal pesquisa dissidente, os analistas críticos do discurso assumem uma posição explícita e, portanto, desejam compreender, expor e, em última análise, desafiar a desigualdade social. É também por isso que a ACD pode ser caracterizada como um movimento social de analistas do discurso politicamente comprometidos. (VAN DIJK, 2015, p. 466, tradução livre, destaque nosso).¹²

Para Gonçalves-Segundo (2014), no que tange aos estudos de ACD no Brasil, destacam-se duas propostas: o modelo de Norman Fairclough (2003, 2010) – que se vale da **Linguística Sistêmico-Funcional** como seu instrumento de análise (HALLIDAY, 2004; MARTIN; WHITE, 2005), com enfoque nas relações entre as práticas sociais e a construção textual no que diz respeito à constituição de hegemonias por meio da

¹¹ Ainda segundo Hart (2010, p. 3, tradução livre), alguns princípios da ACD relacionam-se intimamente com ideais da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt; além disso, para o autor, “a ACD não é crítica no sentido comum da palavra. Ela é crítica devido a sua crítica radical das relações sociais”.

¹² No original: Critical Discourse Analysis (CDA) is discourse analytical research that primarily studies the way social-power abuse and inequality are enacted, reproduced, legitimated, and resisted by text and talk in the social and political context. With such dissident research, critical discourse analysts take an explicit position and thus want to understand, expose, and ultimately challenge social inequality. This is also why CDA may be characterized as a social movement of politically committed discourse analysts.

linguagem – e a abordagem sociocognitivista de Van Dijk (1999, 2003, 2014), direcionada às relações entre ideologia, conhecimento e discurso, por meio de um instrumental que permite um olhar profundo sobre as estratégias micro e macrotextuais de dominação conduzidas pelos grupos detentores de poder em relação aos grupos minoritários. Porém, ressalta Gonçalves-Segundo (2014), van Dijk não assume as categorias da teoria conhecida como **Linguística Cognitiva** (LC) para a análise dos dados, fato também mencionado por Hart (2011). Dentre os nomes mais relevantes no país, que trabalham com a ACD, temos Izabel Magalhães, Maria Lúcia Andrade, Karina Falcone, Paulo Roberto Gonçalves-Segundo, Viviane Heberle, Iran Melo, Cleide Pedrosa, Sônia Pimenta, Viviane Resende e Viviane Vieira.

Fairclough e Wodak (1997) assinalam que o analista crítico do discurso procura dar maior visibilidade a problemas sociais e entender as relações de poder como discursivas. O discurso, para os autores, é histórico, constituído pelo e constituidor do social e do cultural, da mesma forma que produz e reproduz ideologias e formas de ação social.

De acordo com Wodak (1997 apud VAN DIJK, 2015), a análise desenvolvida pelos analistas do discurso é principalmente discursiva, interpretativa e explanatória. Dentre seus princípios estão também a ideia de um link mediado entre texto e sociedade e a concepção de discurso entendida como histórica que constitui a sociedade e a cultura, e não só produz trabalho ideológico como também é uma força de ação social.

Nesse sentido, a ACD cumpre um importante papel de revelar as propriedades ideológicas e persuasivas dos textos, de forma a capacitar o pesquisador a depreender e analisar aspectos, muitas vezes, não evidentes nos textos a partir de “um enquadramento sistematizado e descritivo como uma gramática ou uma tipologia”, (HART, 2014, p. 2, tradução livre¹³). Como veremos mais adiante, nossa análise de dados será baseada tanto em categorias linguístico-cognitivas quanto argumentativas.

A visão proposta por Hart (2014) se relaciona à crítica por almejar tornar visíveis os processos de constituição e de operação da ideologia subjacentes aos textos, proporcionando aos atores sociais e aos grupos aos quais pertencem uma possibilidade de conscientização sobre os discursos que perpassam os textos. Essa reflexão dá-se a partir

¹³ No original: [...] a systemized descriptive framework such as a grammar or typology.

da conscientização dos sujeitos sobre os dispositivos de formulação dos discursos, muitas vezes invisíveis e/ou desconhecidos por eles.

O seu objetivo, porém, não se restringe apenas à identificação da ideologia do discurso, mas busca entender a representação e a reprodução da dominação e da desigualdade, proporcionando a possibilidade de combate às ações e aos agentes hegemônicos.

Por essa razão, a teoria lança mão de abordagens sociológicas, históricas e antropológicas para dar conta do contexto social e político em que o texto é produzido e nos quais os atores sociais estão inseridos, mostrando que o contexto é determinante para a compreensão da prática social, instanciada por meio da prática discursiva e materializada em textos.

Logo, a ACD é constituída a partir de três propriedades fundamentais: ela é dialética, relacional e transdisciplinar (FAIRCLOUGH, 2010[1995]). Dialética, porque o discurso não é concebido como uma categoria discreta, mas interseccionada e imbricada a noções de ordem sociais como poder, solidariedade, legitimidade, dominação, dentre outras. Relacional, pois seu foco reside na análise das redes de prática em que atores sociais são posicionados, tendo em vista um contexto sócio-histórico particular que envolve a produção, a distribuição, o consumo e a interpretação de textos. Transdisciplinar, na medida em que não se limita à análise do texto em si, mas ao exame das interrelações e correlações entre o linguístico, o social, o histórico, o discursivo e – por que não? – o cognitivo.

Além disso, devemos ressaltar que o analista crítico do discurso, diferente de outras abordagens, assume explicitamente um compromisso político em prol dos grupos minoritários e excluídos pela desconstrução dos discursos hegemônicos e pelo empoderamento dos atores e dos grupos oprimidos. Em consequência disso, as pesquisas se voltam à busca de uma melhoria social, o que acarreta levar em consideração valores éticos normativos, em geral, humanitários e libertários. Assim, privilegia-se o estudo de discursos conservadores hegemônicos que vão de encontro aos valores anteriormente mencionados, posto que, muitas vezes, legitimam exploração, exclusão, preconceito, etc. Ao longo da história, a ACD tem estudado frequentemente a relação entre discurso e ação social em vários aspectos, como imigração, educação, gênero e etnia. É nesse âmbito que nossa pesquisa se insere.

2.1.2 O conceito de Discurso

O conceito de discurso é alvo de polêmica nas diversas abordagens sobre o tema. Além disso, o termo é vastamente polissêmico no português brasileiro, podendo ser entendido de diversas formas: a. como coerção estrutural; b. como modo sociossemiótico de representação; c. como termo genérico para produções faladas e escritas; d. como um gênero textual específico, instanciado, principalmente, na esfera política. Nesta pesquisa, trabalharemos com as noções de discurso como coerção estrutural e como modo sociossemiótico de representação. A partir deste momento, quando nos referirmos à noção de coerção estrutural, grafaremos a palavra com D (maiúsculo); quando tratarmos de discurso como representação, manteremos o d (minúsculo).

Partiremos, então, da proposta de Gonçalves-Segundo e Zelic (2016), para compreendermos a noção de **Discurso** como coerção estrutural. Para os autores o **Discurso** é:

encaixado socialmente, constituído pela história e desenvolvido interacionalmente. Ademais, é constitutivamente dialógico, cognitivamente (re)construído, materializado na forma de texto em distintas modalidades semióticas e atravessado por padrões complexos de representação, ação e identificação (GONÇALVES-SEGUNDO; ZELIC, 2016, p. 68).

Afirmar que o **Discurso** é encaixado socialmente, constituído pela história e desenvolvido interacionalmente significa compreender a atuação de duas forças na produção textual: a primeira, de caráter centrípeto, corresponde às coerções de origem sócio-histórica, que limitam o acesso ao conjunto possível de recursos multimodais e materiais para práticas verbais e não-verbais; a segunda, de caráter centrífugo, equivale às coerções interacionais e psicológicas, que dinamizam o processo de produção e interpretação de textos, posto que são calcados na experiência concreta e local do ator social. Por essa razão, em ACD, o indivíduo é visto como um agente parcialmente estruturado, e não, como um sujeito totalmente estruturado que apenas ecoa os discursos de sua posição na prática. Por isso, faz sentido falar em desconstrução e empoderamento.

Essa reflexão aponta, portanto, para uma concepção de língua como ‘um meio de dominação e força social’, como enunciada por Habermas (1977, p. 259 apud HART, 2014, p. 3, tradução livre¹⁴). O **Discurso** é entendido como engrenagem na construção da sociedade, com poder de convergência e divergência de forças sociais. A visão de

¹⁴ No original: ‘a medium of domination and social force’.

Fairclough (1989, 2010) nos mostra que o **Discurso** e a **ação social** têm uma relação dialética, visto que as estruturas sociais são refratadas no uso da linguagem e, por meio desse uso, são reforçadas.

Logo, o **Discurso** é “socialmente modelado e socialmente modelador ou constitutivo” da sociedade (FAIRCLOUGH, 1995, p. 131). Por isso, falar de **Discurso** não se refere apenas à produção e ao consumo de textos – como a acepção c. deixaria entender –, mas para todo o sistema da interação e condicionamento sociais que envolvem as práticas em que agentes estão posicionados.

Para a nossa pesquisa, é essencial considerar o contexto sócio-histórico em que o padrão migratório vigente transcorre, com o objetivo de compreender os aspectos causais que promovem a emergência de uma cadeia de textos que instancia discursos tanto xenofóbicos quanto tolerantes, bem como meritocráticos ou inclusivos.

Retomando a citação de Gonçalves-Segundo e Zelic (2016), propor que o **Discurso** é constitutivamente dialógico implica reconhecer, com base em Volochinov (2006[1929]) que todo enunciado é responsivo a enunciados anteriores e posteriores, seja em termos de convergência ou divergência. Em nossa pesquisa, trata-se de aspecto fundamental, na medida em que o *corpus* analisado se constitui de uma polêmica gerada no âmbito da dita direita brasileira, que envolveu conservadores e liberais, em resposta a uma declaração do deputado federal Jair Bolsonaro (PP-RJ) em relação aos imigrantes/refugiados que estavam/estão chegando ao Brasil, o que gerou uma rede intertextual em que se torna possível depreender as contradições e as congruências que permeiam esses discursos.

Ademais, ao asseverar que o **Discurso** é (re)construído cognitivamente, os autores assinalam a ligação intrínseca entre cognição e ação, apontando para a noção de **construal** (Langacker, 2008; Hart, 2014; Gonçalves-Segundo, 2014, 2017b), que, de acordo com Croft (2012), diz respeito à estruturação semântica da experiência materializada no enunciado.

Segundo Fauconnier (1994), a língua é apenas a ponta de um iceberg de uma série de processos cognitivos que são responsáveis pela efetiva produção e interpretação de sentido, uma vez que eles dão coerência à cadeia de enunciados criados, estimulam sensações, incitam emoções e promovem simulações, processos esses essenciais para a comunicação e para o pensamento.

Nesta pesquisa, nos apoiaremos na tipologia de operações de *construals* proposta por Hart (2014) para análise microlinguística das representações que estruturam os discursos liberal e conservador acerca da **imigração Sul-Sul** a fim de compreendermos o processo de reprodução e contestação discursiva, o que pode ser mais bem realizado por meio do diálogo entre língua, cognição e argumentação.

Também é importante mencionar que assumimos, em consonância com os autores, a distinção entre **texto** e **Discurso**, enxergando aquele como um evento comunicativo concreto, como a materialização multimodal da atividade discursiva, constringido pelas coerções físicas e tecnológicas dos diversos suportes (MARCUSCHI, 2008).

Logo, é relevante considerarmos que a cadeia de textos em análise se desenvolve em meio virtual – blogs, vídeos do YouTube e portais online de notícias –, o que influencia tanto na forma como a responsividade ocorre quanto na própria configuração dos textos. Contudo, não debateremos pormenorizadamente tal aspecto, uma vez que nosso enfoque consiste na configuração discursiva e ideológica, e não no domínio acional relativo aos gêneros discursivos.

Por fim, Fairclough (2003 apud GONÇALVES-SEGUNDO; ZELIC, 2016), aponta que o **Discurso** é atravessado por padrões sociossemióticos de representação, os ditos **discursos** (acepção b.); de ação, os ditos gêneros; e de identificação/ser, os estilos. A articulação desses três fatores constitui uma **ordem do discurso**, conceito que debateremos na próxima seção, e consiste no cerne de um estudo do **Discurso** como coerção estrutural.

2.1.3 A noção de Ordem do Discurso: discursos, gêneros e estilos

A noção de **Ordem do Discurso** foi inicialmente pensada por Foucault (2014[1971]) e foi posteriormente reelaborada na obra de Norman Fairclough (2003) no âmbito do seu modelo relacional-dialético de análise discursiva. Tal modelo prevê três níveis de análise do texto: o nível das **relações externas** ao texto, o que inclui considerar as **estruturas**, as **práticas** e os **eventos sociais**; o nível **interdiscursivo**, no qual as **Ordens do Discurso** se instauram; e o nível das **relações internas** ao texto, o que abrange a construção multimodal dos enunciados – em termos linguísticos, isso implica olhar, de forma seletiva, baseado naquilo que é saliente em cada *corpus*, para os aspectos retórico-

pragmáticos, semânticos, lexicogramaticais e fonético-fonológicos que constituem os textos.

Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 22, tradução livre) concebem a **estrutura social** como as “condições de fundo duráveis que sustentam a vida social, mas que podem ser transformadas vagarosamente por ela¹⁵”. Isso significa dizer que os parâmetros estruturais atravessam e influenciam toda a rede de práticas sociais em maior ou menor grau, afetando a capacidade de mobilização de poder dos diversos atores sociais. São exemplos desses parâmetros a etnia, as classes sociais, o gênero, o capitalismo, a democracia e a nacionalidade, fatores estes de extrema relevância para este trabalho.

Já as **práticas sociais** são vistas como “modos rotinizados, ligados a espaços e tempos particulares, por meio dos quais as pessoas aplicam recursos (materiais ou simbólicos) para agir conjuntamente no mundo¹⁶” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 21, tradução livre). Elas estão ligadas a esferas de atividade humana (VOLOCHINOV, 2006[1929]) e, em geral, são constituídas de uma contraparte discursiva, associada aos distintos gêneros discursivos, e outra não discursiva, que envolve recursos materiais, como equipamentos e tecnologias, a configuração espacial, as crenças e os valores dos agentes, além das relações sociais. Assim, na esfera educacional, podemos elencar práticas de ensino-aprendizagem, práticas de avaliação, práticas de orientação e práticas de controle de comportamento corporal. No âmbito das primeiras, existem, como contraparte discursiva, os gêneros aula, seminário, estudo dirigido, dentre outros, e, como contraparte não discursiva, podemos pensar na disposição das cadeiras, na presença ou não de recursos multimídia, nas maneiras como o docente concebe a relação professor-aluno e mesmo o grau de familiaridade entre ambos. Devemos ressaltar, contudo, que tais contrapartes não devem ser vistas de forma dicotômica; conforme afirmamos anteriormente, a ACD concebe as relações entre o discursivo, o material, o social e o psicológico de modo dialético. Em consequência disso, as **práticas sociais** constituem, no fundo, formas de controle sobre o que pode e/ou deve ser selecionado, excluído ou retido dentre as inúmeras possibilidades de ação em uma dada circunstância em uma dada esfera.

¹⁵ No original: long-term background conditions for social life which are indeed also transformed by it, but slowly.

¹⁶ No original: [...] habitualized ways, tied to particular times and places, in which people apply resources (material or symbolic) to act together in the world.

Por fim, **eventos sociais** configuram-se nas interações locais e imediatas, situadas em dadas coordenadas espaço-temporais, nas quais textos são produzidos. Por conseguinte, eventos e textos reproduzem, em maior ou menor grau, as coerções dos níveis superiores, mas, dada a sua ancoragem no situacional, configuram-se no espaço privilegiado para a resistência e para a dinamicidade.

Em termos das **relações internas**, o texto deve ser considerado a partir de uma série de fatores, que abarcam a dimensão retórica, a dimensão referencial, a dimensão semântico-pragmática, a dimensão léxico-gramatical, a dimensão fonético-fonológica e/ou grafemática e a dimensão visual. Nesta pesquisa, consideraremos especialmente as dimensões retórica e semântico-pragmática, tendo como base o estudo da configuração funcional e dos/as esquemas/estratégias argumentativas, no que se refere à primeira, e a LC, a partir da tipologia de operações de *construal* de Hart (2014), no que concerne à segunda, nomeadamente os processos de metaforização, analogia e posicionamento epistêmico e efetivo.

O nível **intermediário** é, contudo, o foco de análise de um estudo crítico-discursivo, uma vez que, segundo Fairclough (2003), consiste em uma dimensão híbrida entre o semiótico e o social. A interdiscursividade abarca o conjunto das **Ordens do Discurso**, entendidas como mecanismos reguladores da variação sociosemiótica em práticas sociais de dadas esferas. Conforme Gonçalves-Segundo (2011), elas controlam o que é preferível, possível e interdito em dada prática, embora possam ter seus modelos e esquemas afetados e transformados ao longo do tempo pelo exercício da resistência em múltiplos eventos sociais encadeados. Ademais, devemos também ressaltar que tal regulação implica que uma **Ordem do Discurso** comporta necessariamente modelos alternativos e hegemônicos de construção textual, que envolvem três variáveis: os **discursos** (modos sociosemióticos de representar), os **gêneros** (modo sociosemióticos de agir) e os **estilos** (modos sociosemióticos de ser). Logo, elas podem ser vistas como articulações de **discursos**, **gêneros** e **estilos** que, no seio de uma **prática social**, restringem e facilitam a produção e interpretação do sentido.

Nesta pesquisa, apesar de considerarmos que a dimensão genérica seja relevante, uma vez que lidamos com textos opinativos, e que os autores dos textos em análise, provavelmente, partilhem de estilos compatíveis com os discursos que os identificam (conservador e liberal), nosso foco será na dimensão representacional, mais especificamente no papel das **operações de construal** na representação do imigrante, de

suas **ações**, dos seus **valores** e **crenças**, e de sua função social no Brasil hodierno, e da argumentação na legitimação de posicionamentos favoráveis ou desfavoráveis à entrada de **imigrantes Sul-Sul** no país.

2.1.4 Ideologia e Discurso

Assim como o conceito de **Discurso**, a noção de **ideologia** é polêmica e apresenta matizes e categorias de operacionalização distintas em função da teoria sociológica de base e do arcabouço discursivo de sustentação. Neste estudo, não nos preocuparemos em apresentar uma revisão da literatura – para isso, cf. Silva (2009); discutiremos apenas o modelo de van Dijk (1998, 2000, 2014), que será útil para a nossa análise.

A proposta do autor consiste em um modelo sociocognitivista da **ideologia** que integra noções de Psicologia Cognitiva, Psicologia Social, Sociologia, Linguística e Estudos Discursivos para uma abordagem holística do fenômeno. Conforme Gonçalves-Segundo (2016), trata-se de um modelo majoritariamente – mas não exclusivamente – computacional, baseado em símbolos amodais, ou seja, relativos a uma linguagem do pensamento que, diferente da LC, de base corporeada, não associa e articula, de forma constitutiva, linguagem, percepção e ação.

De acordo com o modelo sociocognitivo proposto por van Dijk (2014), as **ideologias** são crenças sociais partilhadas por grupos, suas organizações são esquemáticas e definem, no que concerne os membros do grupo:

- i. **Identidade** (quem somos, quem pertence a esse grupo);
- ii. **Ação** (o que fazemos e o que devemos fazer);
- iii. **Objetivos** (por que fazemos isso, por que estamos juntos, qual a finalidade do que fazemos);
- iv. **Normas e valores** (o que é bom ou ruim para nós, o que é permitido ou não);
- v. **Grupos de referências** (quem são os aliados e os inimigos);
- vi. **Recursos** (que recursos temos disponíveis e quais devemos reproduzir).

Além disso, as ideologias são adquiridas e reproduzidas de forma discursiva e sua aquisição se dá por meio de diversos grupos ideológicos dos quais nós fazemos parte. As ideologias não têm a capacidade de determinar nossos discursos, mas apenas de influenciá-los assim como atuam sobre nossas práticas, mas não as definem. Isso se dá,

pois são as várias formas de representação social e pessoal que controlam nossos modelos mentais e nossas práticas sociais.

Assim, podemos afirmar, grosso modo, que as **ideologias** de grupo filtram, de forma mais ou menos polarizada, o **conhecimento sociocultural geral**, a partir de perspetivações que tendem a valorizar os aspectos positivos do **endogrupo** (Nós) e minimizar seus aspectos negativos, ao mesmo tempo em que minimizam os aspectos positivos do **exogrupo** (Eles) e maximizam seus aspectos negativos.

Uma consequência disso é a concepção de que a **ideologia** é um construto cognitivo constitutivo da dinâmica de grupos, independente do seu poder e de estar associada a um discurso hegemônico ou resistente. Tal visão difere da faircloughiana (2003), para quem a **ideologia** está ligada aos grupos hegemônicos, consistindo em representações que discriminam, excluem e exploram grupos minoritários.

No que se refere às ideologias ligadas a grupos hegemônicos, no entanto, um dos efeitos mais perversos da **ideologia** é a sua naturalização, de forma que o ator social passa a crer que uma dada representação da realidade, que, na verdade, é fruto de uma filtragem ideológica, é parte do **conhecimento sociocultural geral**. Isso vai ao encontro do que Hodge e Kress (1993) propõem, na medida em que enxergam as **ideologias** como padrões de crenças e valores normalizados que se materializam nos textos.

Assim, podemos dizer que a **ideologia** se articula e rearticula em discursos de atores e instituições sociais diversas, muito embora seu poder de naturalização da realidade seja mais forte quando derivada de grupos com poder econômico, político e/ou cultural, que conseguem distribuir suas perspetivas sobre a realidade de forma mais horizontal e vertical, legitimando determinados **valores, crenças, ações e identidades**.

Em nossa pesquisa, buscaremos depreender, pela análise cognitivo-retórica, os aspectos constitutivos dos discursos conservador e liberal sobre a imigração no Brasil no início do século XXI, atentando para o seu potencial ideológico, o que envolve entender a organização esquemática da polarização entre o **endogrupo** nacional e o **exogrupo** imigrante/refugiado em termos de **identidade, ação, objetivos, normas, valores e grupos de referência** – no caso de nossa polêmica a categoria **recursos** não se aplica, como veremos na análise posterior.

2.1.5 Etapas de pesquisa de um Estudo Crítico-Discursivo

A pesquisa em ACD, de acordo com Fairclough (2003), Resende e Ramalho (2006), Melo (2012), Gonçalves-Segundo (2014, 2016) e Gonçalves-Segundo e Zelic (2016) envolve três etapas principais e uma secundária: a descrição textual, a interpretação discursiva, a explanação sócio-histórica e o posicionamento crítico engajado diante dos dados.

A **descrição** abrange a apreensão dos modos pelos quais os recursos linguísticos e multimodais são aplicados no texto, hipotetizando sobre as suas formas de interpretação/compreensão, tendo em vista as coerções relativas à distribuição e ao consumo dos textos. Neste estudo, esta etapa será realizada a partir da análise da argumentação e das **operações de construal**.

A **interpretação** abarca o exame das relações de convergência ou divergência daquilo que é enunciado em relação aos processos de estruturação sócio-histórica e de coerção interdiscursiva, depreendendo complacências e resistências em relação a modelos discursivos, genéricos e estilísticos de caráter hegemônico e resistente. Nesta pesquisa, focaremos na dimensão discursiva, ou seja, representacional.

A **explanação** envolve a mobilização de teorias sociais, antropológicas, históricas e/ou psicológicas para compreender os processos de inibição ou de estimulação de determinados padrões interdiscursivos em termos de estruturação textual em circunstâncias e práticas específicas. Para esta pesquisa, procuraremos beber em fontes sociológicas que tratam do fenômeno de **imigração**.

Por fim, a etapa de posicionamento crítico corresponde a um balanço teoricamente embasado das implicações sociais do objeto de pesquisa em análise e das possibilidades que a pesquisa realizada possui em termos de desconstrução de um dado discurso potencialmente excludente e do empoderamento de atores oprimidos.

2.2 A Linguística Cognitiva e a Abordagem Sociocognitiva da Linguagem

The brain is wider than the sky
(Emily Dickinson)

A pergunta norteadora deste tópico é “O que é a Linguística Cognitiva?”. Para respondermos a essa questão, faremos uma breve exposição de seu contexto histórico, de seus conceitos basilares.

Embora surja na década de 1970, a LC cresce de fato na década de 1980, quando surgem importantes obras, dentre as quais a seminal *Metaphor we live by*, de Lakoff e Johnson (1980). A teoria alcança toda a Europa e América do Norte por volta dos anos 1990, o que acarreta a formação de uma comunidade internacional, relativamente grande, de pesquisadores “que se identificaram como ‘linguistas cognitivos’¹⁷” (EVANS; BERGEN; ZINKEN, 2007, p. 4, tradução livre). Entretanto, 1989 é o ano eleito como referência para a emergência da área como um movimento intelectual não somente consciente como também vasto. Tal marco cronológico constituiu-se a partir da criação tanto da *Associação Internacional de Linguística Cognitiva* quanto da revista *Linguística Cognitiva*, resultantes das discussões e dos acordos assumidos em um congresso em Duisburg, na Alemanha (EVANS; BERGEN; ZINKEN, 2007).

Para Croft e Cruse (2004, p. 1, tradução livre), são três as principais hipóteses orientadoras da abordagem linguístico-cognitiva: a. “linguagem não é uma faculdade autônoma”, b. “gramática é conceptualização” e c. “conhecimento da língua despenda do uso linguístico”¹⁸. Hart (2014, p. 109, tradução livre), por sua vez, complementa as hipóteses orientadoras da LC, propostas anteriormente, com mais dois compromissos epistemológicos: d. “a linguagem não é modular, composta por subsistemas distintos para sintaxe, semântica, etc”¹⁹, e e. “a linguagem codifica *construals*”²⁰.

A Abordagem sociocognitiva da linguagem, melhor representada por meio do trabalho de Teun van Dijk, é uma abordagem teórica muito produtiva, principalmente em estudos que relacionam discurso, sociedade e cognição. Em relação à LC, a abordagem vandijkiana é considerada parcialmente modal, e, em relação à **Linguística Gerativa**, por sua vez, o modelo mostra-se menos computacional. O cerne de sua perspectiva teórica é a noção de **crença**, concebida por van Dijk como uma atitude mental diante de um estado de coisas (GONÇALVES-SEGUNDO, 2018b).

De acordo com Gonçalves-Segundo (2018b), dentre as noções propostas por Van Dijk, o conhecimento é o carro chefe da ligação com questões discursivas, por entender que este é consequência e condição do discurso. Gonçalves-Segundo (2018b, p. 102) avança ao dizer que:

¹⁷ No original: who identified themselves as ‘cognitive linguists’.

¹⁸ No original: Language is not an autonomous cognitive faculty. Grammar is conceptualization. Knowledge of language emerges from language use.

¹⁹ No original: Language is not modular, made up of distinct sub-systems for syntax, semantics and so on.

²⁰ No original: Language encodes construals.

A abordagem sociocognitiva de van Dijk (2014) busca teorizar acerca do caráter social do conhecimento de fundo necessário tanto para a produção quanto para a interpretação discursiva e, assim, compreender a dinâmica da reprodução social (integração, interação e comunicação sociais).

Embora possamos encontrar distinções consideráveis entre as teorias, ambas são complementares em aspectos que proporcionam avanços nas pesquisas relativas à cognição e aos estudos discursivos, o que tentaremos explorar ao longo dessa pesquisa conjuntamente a aspectos argumentativos do discurso, até então não muito estudados em sua interface com a cognição²¹.

A seguir, desenvolveremos alguns dos conceitos cruciais concernentes à LC que se mostraram profícuos em nosso *corpus*. Primeiramente abordaremos o conceito de **constatural**, em seguida trataremos de **metáfora** e **analogia** e, por fim, do **posicionamento epistêmico**.

2.2.1 A definição de perspectivação conceptual (*construal*)

Antes de definir o conceito de **perspectivação conceptual**, Gonçalves-Segundo (2017b) faz menção ao arcabouço teórico da cognição sociocorporeada para definir o conceito de linguagem por ele utilizado, tal conceito e suas premissas serão expostos abaixo por nos servirem de base para o nosso estudo. Segundo o autor, a linguagem:

deve ser explicada em termos de seu caráter simbólico e de sua função interacional tendo em vista sua integração com os outros sistemas cognitivos — memória, atenção, categorização, dentre outros — e sensório-motores — visão, audição, propriocepção, etc. e de sua ancoragem em um dado ambiente sócio-histórico e cultural, que atuará como fonte das experiências e dos estímulos para o aprendizado (dinâmico) da língua, o que inclui as formas de discursivização em contextos reais de interação. (GONÇALVES-SEGUNDO, 2017b, p. 72)

Essa visão, pontua o autor, tem por objetivo exceder a divisão de natureza e cultura uma vez que considera como centrais para compreender a gramática e o discurso tanto a ancoragem social quanto o funcionamento dos sistemas cognitivos.. Tal associação se faz possível pela noção de **experiência**.

À luz de Croft (2012), Gonçalves-Segundo (2017b, p. 73) define o conceito de **experiência** como a apreensão humana de algum aspecto do mundo real e complementa seu pensamento ao dizer que “tal apreensão envolve a atividade dinâmica de funções

²¹ Conferir, contudo, Vereza (2007, 2013), Palumbo (2013) e Gonçalves-Segundo (2017a), que já trilham esse caminho tomando como norte estudos de metáfora, de referenciação e de dinâmica de forças.

corpóreas de caráter bioquímico, neurológico e sensório-motor que emergem na interação do corpo vivo com o mundo físico e material, social e cultural”.

Para o autor, a capacidade de significação e conhecimento do ser humano são elaborados, assegurados e preservados pelos padrões de ação que manifestam-se a partir da relação mencionada anteriormente. Desta forma, a partir das alegações anteriores, o autor assevera ser possível tratar da **perspectivação conceptual**.

Em sua concepção de **perspectivação conceptual**, Gonçalves-Segundo (2017b) considera dois pontos de vista: o primeiro diz respeito a quem é responsável pela produção do texto, e o segundo refere-se aos consumidores dos textos. Sob a orientação do produtor textual, o autor afirma que a **perspectivação conceptual** consiste na:

estruturação semântica de uma experiência, materializada em enunciados concretos e resultado de uma atividade de conceptualização que é possibilitada e limitada pelas coerções cognitivas advindas do seu corporeamento, o que inclui tanto fatores biológicos quanto fatores sócio-histórico-culturais (GONÇALVES-SEGUNDO, 2017b, p. 78).

Em relação ao ponto de vista do consumidor textual, assevera que a perspectivação conceptual dos enunciados ativa:

pistas referenciais e relacionais materializadas no enunciado concreto, que representam uma alternativa de estruturação semântica da realidade, responsável por ativar nós em uma rede complexa de conceitos e categorias, que se associam a experiências multimodais corporeadas e simuladas de introspecção, ação e emoção (GONÇALVES-SEGUNDO, 2017b, p. 78).

Logo, é relevantes para nós, analistas críticos do discurso, observarmos que operações de **perspectivação conceptual** são ativadas nos enunciados, o que nos permite hipotetizar acerca de suas filiações discursivas e ideológicas e acerca das potenciais interpretações dos leitores-ouvintes. Para tratar dessa ligação entre a LC e a ACD, partimos da noção de **estratégia discursiva** definida por Hart (2014, p. 110), de acordo com tradução de Gonçalves-Segundo (2017b, p. 79),

um plano de atividades discursivas mais ou menos intencionais/institucionalizadas cuja instanciação resulta em uma apresentação particular da realidade, sistematicamente estruturada e internamente coerente, que visa à legitimação e/ou à mobilização de ações sociais, na medida em que invoca, por meio da linguagem, determinadas conceptualizações com efeitos perlocucionários.

Desta forma, podemos notar um teor operacional ideológico das estratégias discursivas ao validarem ou invalidarem certas desigualdades, viabilizadas por mecanismos hegemônicos, por meio da significação. É por isso que Gonçalves-Segundo

(2017b, p. 79) afirma que as estratégias discursivas podem ser “instanciadas tanto para a manutenção de relações de poder, via preconceito, exclusão ou silenciamento quanto para a contestação dessas relações, via empoderamento e inclusão/integração”,

Por conseguinte, podemos seguir em direção ao quadro abaixo, adaptado de Hart (2014, p. 111), referente à tipologia das operações de **perspectivação conceptual** que articulam as **estratégias discursivas** e **sistemas conceptuais**. Dados os objetivos da pesquisa e as categorias de análise selecionadas para o exame do *corpus*, iremos nos deter nas operações de **metaforização** e **ponto de vista**.

Quadro 2. Tipologia das operações de perspectivação conceptual

Estratégia	Sistema	Gestalt	Comparação	Atenção	Perspectiva
Configuração estrutural		Esquematisação			
Enquadramento			Categorização Metáfora		
Identificação				Foco Granularidade Quadro de visualização	
Posicionamento					Ponto de vista Dêixis

Fonte: Adaptado de Hart (2014, p. 111)

A estratégia de **enquadramento** está conectada à nossa capacidade de fazer **comparações** entre objetos e eventos, podendo emitir julgamentos sobre os graus de similitude e dissimilitude, visando, conforme Gonçalves-Segundo (2017b, p. 80), “agrupá-los em determinadas categorias, ou ainda de associar diferentes domínios de conhecimento com o objetivo de compreender uma experiência mais abstrata ou complexa, por meio do processo de **metaforização**”. A partir da intersecção da estratégia de **enquadramento** e a capacidade cognitiva de **comparação**, temos a nossa terceira operação de **perspectivação conceptual**, a **metaforização**. Sobre ela, podemos dizer que se trata de uma operação alocada na nossa habilidade cognitiva de **comparação**, por meio da qual, de acordo com Gonçalves-Segundo (2017b, p. 80), “o conhecimento multimodal acerca de um domínio da realidade é projetado em outro domínio, o que implica a geração de uma nova rota de conceptualização para esta experiência”.²²

Nesta pesquisa, **metáforas** e **analogias** consistirão em elemento central de análise, uma vez que elas permitirão compreender os diferentes modos de conceber a ação

²² Para maiores informações sobre a categoria linguístico-cognitivo da metáfora, conferir a seção 2.2.2 a seguir.

imigrante e a identidade imigrantes nos dois discursos em polêmica no *corpus*: o conservador e o liberal.

Provenientes da intersecção da estratégia discursiva **posicionamento** com o sistema conceptual de **perspectiva**, habilidade ligada ao fato de a cognição ser situada e, por conseguinte, conectada ao corporeamento, temos as operações de **ponto de vista** e a **dêixis**. Enquanto a segunda não será explorada detidamente no trabalho, a primeira consiste em objeto significativo em nossa análise, especialmente no que tange as suas dimensões epistêmica e axiológica.

A **perspectivação**, conforme Gonçalves-Segundo (2017b, p. 91), é fundamentada na experiência situada do conceptualizador,

a partir do qual o aqui, o agora, o real — e, provavelmente, o correto, o moral — se estabelecem. Qualquer enunciado produzido, portanto, apresenta pistas que instruem o ouvinte/leitor a distanciar ou aproximar entidades, ações, situações ou propriedades em relação ao *self* do falante e ao seu próprio *self*.

Para este trabalho, focalizaremos, especialmente, a dimensão epistêmica, relacionada tanto ao estatuto de realidade dos enunciados por meio de recursos modais e evidenciais quanto pela indicação das fontes dos conhecimentos elaborados proposicionalmente. Tais categorias serão detalhadas na subseção 2.2.4.

2.2.2 Metáfora

Concebida, inicialmente, como figura estratégica de estilo no âmbito da Retórica, há apenas pouco tempo a **metáfora** foi reconhecida como organizadora sistemática de nossas experiências. Por tal, podemos dizer que se trata de uma categoria universal de apreensão de fenômenos no mundo e de uma adaptação cognitiva que proporciona entendimento por meio da associação entre domínios.

Em consonância com Hart (2014, p. 137, tradução livre) a “**metáfora** também envolve o detalhamento dessas estruturas básicas [esquemas imagéticos] com imagens mais ricas retiradas das bases de conhecimento enciclopédico – *frames*²³”; desse modo, do ponto de vista ideológico, a metáfora deve ser estudada no discurso como uma operação de **perspectivação conceptual** que ativa uma imagem particular da realidade em detrimento de outra. Neste sentido, buscaremos considerar o papel ideológico e

²³ No original: [...] metaphor also involves the fleshing out of these basic structures with richer images recruited from encyclopedic knowledge bases – frames.

legitimador que a metáfora desempenha na estruturação do nosso entendimento sobre fenômenos sociopolítico e culturais como uma **operação construal** fundamentada na habilidade geral de comparação de experiência.

Sobre a constituição básica e geral da **metáfora**, Vereza (2013) e Gonçalves-Segundo (2014), postulam que ela se estrutura por meio de um mapeamento de conhecimentos advindos da experiência com um **domínio-fonte**, prototipicamente corporeado, a um **domínio-alvo**, tipicamente não corporeado. Tais mapeamentos – que promovem projeções entre elementos de um domínio para outro, viabilizando a realização de inferências válidas no **domínio-fonte** para o **alvo** – consistem no processo cognitivo que permite re-categorizar o **domínio-alvo**, compreendendo-o de outra maneira, a partir do que se conhece da **fonte**.

Posto isso, adiante, trabalharemos a noção de **metáfora situada** por se tratar da categoria metafórica mais predominante em nosso *corpus* e que, por tal, será utilizada na elaboração de nossa análise posterior.

As **metáforas situadas**, de acordo com Vereza (2013, p. 5), são “locais e episódicas” e configuram-se como um tipo de metáfora que prescinde de explicação linguística apesar de constituírem textos específicos de forma cognitiva. Não somente as metáforas situadas conduzem cognitivamente um desdobramento ou mapeamento textual, mas também elas os conduzem de forma discursiva. Tais desdobramentos ou mapeamentos textuais configuram-se episodicamente e de forma *online* ao passo que a **metáfora situada** constrói certos objetos discursivos ou, (VEREZA, 2013, p. 6), “um ponto de vista, de uma maneira deliberada”.

Em outras palavras, a **metáfora situada** é discursiva também por situar-se na ligação entre os campos da cognição e da pragmática, não somente por se fazer presente na “linguagem em uso”, (VEREZA, 2013, p. 6), ainda que, de forma exclusiva, no campo cognitivo. Segundo Vereza (2013) tal faceta nos auxilia no entendimento da complexidade do entrelace cognitivo-pragmático por um determinado viés.

2.2.3 Analogia

Nesta seção, discutiremos noções fundamentais para compreendermos um dos fenômenos de significativo destaque para a ciência cognitiva e para os estudos da linguagem e da argumentação: a **analogia**. Temos como propósito a revisão, a classificação e a compreensão desse fenômeno para, no capítulo 4.4, analisarmos sua

ocorrência em nosso *corpus*. Verificaremos, então, como tal fenômeno se faz presente, identificaremos quais suas implicações, no que diz respeito aos atores sociais, e refletiremos sobre como as **analogias** constroem e reproduzem as **ideologias** instanciadas no discurso conservador e liberal sobre a **imigração**. Como aporte teórico, recorreremos à proposta elaborada por Gentner e Smith (2012).

Inicialmente, Gentner e Smith (2012) definem o **raciocínio analógico** como a habilidade de perceber e usar similaridades relacionais entre duas situações ou eventos e asseveram que o **raciocínio analógico** é um aspecto fundamental da cognição humana. A este respeito, afirmam que a **analogia** “é um processo central na descoberta científica e na resolução de problemas, assim como na categorização e na tomada de decisões” (GENTNER; SMITH, 2012, p. 130, tradução livre)²⁴.

Para termos um raciocínio por analogia, de acordo com Gentner e Smith (2012), deve haver a identificação de um sistema relacional em comum entre duas situações e a criação de outras inferências impulsionadas por essas similitudes. Tais similitudes poderão também incluir correspondências de propriedades concretas entre as situações, embora não seja algo necessário, uma vez que o que é, de fato, crucial é a sobreposição de estrutura relacional.

Um dos casos mais típicos de **analogia** consiste naquele em que um domínio familiar, a **base** ou **fonte**, serve de modelo para se depreender e fazer novas deduções sobre o **domínio-alvo**, de compreensão menos habitual. Trata-se, pois, de processo similar ao que descrevemos acerca da **metaforização**. As autoras salientam também que o processo de **analogia** se refere a uma maneira recorrente e efetiva de fazer as pessoas compreenderem novas abstrações relacionais e, por tal, mostra-se proeminente no campo educacional.

Uma observação relevante para a nossa pesquisa diz respeito ao uso frequente da **analogia** na argumentação por permitir ao orador “guiar seu público em direção a um enquadramento e conjunto de inferências” (GENTNER; SMITH, 2012, p. 131, tradução livre)²⁵.

Os processos do **pensamento analógico** são a **recuperação** - ligada à recorrência de um “certo tópico” alocado na memória de trabalho que pode desencadear

²⁴ No original: It is a core process in scientific discovery and problem-solving, as well as in categorization and decision-making.

²⁵ No original: guide his or her audience toward a particular framing and set of inferences.

em uma pessoa a lembrança de uma situação análoga pregressa na memória de longo prazo; o **mapeamento** – que designa o processo em que duas situações, que se fazem presentes na memória de trabalho “tanto por recuperação analógica quanto simplesmente devido o encontro de dois casos juntos²⁶”, (GENTNER; SMITH, 2012, p. 131, tradução livre), tenham suas representações e projeções de inferências alinhadas entre dois domínios; e a **avaliação**: referindo-se ao julgamento das **analogias** e inferências provenientes de um **mapeamento analógico** assim que ele é realizado. Na sequência, detalharemos, com ênfase discursiva, o funcionamento dos três processos:

a. **Recuperação analógica**: tal processo está associado à recuperação de objetos e de relações, tanto no **domínio-fonte** quanto no **alvo**, para a produção da **analogia** e consiste no ponto de partida para o **mapeamento**. As autoras comentam de situações de solução de problemas em que o **domínio-fonte** ainda não está presente na memória de trabalho, requisitando alguma espécie de pista para que seja ativado para que as pessoas consigam alcançar a solução. Em termos discursivos, contudo, o processo parece estar associado à situação prototípica: usa-se a **analogia** para construir uma associação entre domínios diferentes, presentes na memória de longo prazo, que são recuperados e mapeados, localmente, na memória de trabalho, para a elaboração de uma tese ou de argumentos para o convencimento ou persuasão do outro, o que está ligado à avaliação.

b. **Mapeamento**: Por ser o processo de maior importância no **raciocínio analógico**, o mapeamento também tem sido o mais estudado pelos especialistas em **analogia**. Inicialmente, este processo consiste em encontrar similaridades entre duas situações e, a partir disso, recuperar demais informações da fonte – situação mais familiar – para o alvo – situação menos familiar.

Para Gentner e Smith (2012, p. 131, tradução livre), “o que distingue a **analogia** de outros tipos de similaridade é que para duas situações serem analógicas, elas devem ser similares nas suas estruturas relacionais²⁷” e deve ocorrer um alinhamento entre objetos de um **domínio-fonte** para um **domínio-alvo** em uma correspondência um-para-um, em processo similar ao que foi discutido na **metaforização**, uma vez que toda **metáfora** é uma **analogia**, mas nem toda **analogia** é uma **metáfora**.

²⁶ No original: either through analogical retrieval or simply through encountering two cases together.

²⁷ No original: What distinguishes analogy from other kinds of similarity is that for two situations to be analogical, they must be similar in their relational structure.

A partir desse alinhamento e dessa coesão entre estruturas relacionais, somos capazes de gerar inferências que permitem enxergar no **domínio-alvo** relações que existiam, inicialmente, apenas no **domínio-fonte**, conforme a figura abaixo permite visualizar:

Figura 1. Alinhamento inicial da estrutura relacional comum

Fonte: Adaptado de Gentner e Smith (2012, p. 132, tradução livre).

Figura 2. Inferências candidatas geradas devido ao preenchimento dos padrões relacionais faltantes no alvo

Fonte: Adaptado de Gentner e Smith (2012, p. 132, tradução livre).

Figura 3. Abstração do padrão relacional comum como resultado do alinhamento estrutural

Fonte: Adaptado de Gentner e Smith (2012, p. 132, tradução livre).

Uma consequência disso é a capacidade de abstrairmos uma estrutura relacional de um contexto específico de uso, para poder replicá-la em outras situações. Conforme Gentner e Smith (2012, p. 133, tradução livre), uma vantagem do uso da analogia consiste em “derivar um entendimento mais geral baseado na abstração do padrão relacional comum²⁸”.

c. **Avaliação:** após a geração do alinhamento e das inferências, ocorre a **avaliação da analogia**. Gentner e Smith (2012) citam três critérios de avaliação, respectivamente: a **correção factual**; a **relevância de objetivo** e o **fornecimento de novo conhecimento**. Para um estudo discursivo, contudo, é relevante apenas tratarmos do último desses critérios, a partir de uma releitura cognitivo-discursiva, uma vez que tais critérios, de modo geral, estão relacionados a pesquisas sobre aprendizagem, o que foge ao escopo deste trabalho.

Nesse sentido, um dos critérios para avaliarmos **analogias** consiste no potencial que elas têm de gerar novos conhecimentos, o que se baseia na extrapolação do conhecimento que se tem sobre o alvo, a partir das inferências geradas pela fonte e da forma pela qual ela ecoa os discursos que constituem o **endo** e o **exogrupo**. Logo, esse tipo de avaliação está ligado ao processo de resistência ou complacência do leitor-ouvinte

²⁸ No original: derive a more general understanding based on abstracting the common relational pattern.

em relação ao discurso produzido. Argumentativamente, o processo envolve a aceitação do **mapeamento** realizado na tese ou no argumento como legitimadora de uma visão da realidade, o que está associado aos efeitos de persuasão e convencimento.

Tendo em vista a relevância das **analogias** na constituição argumentativa de nosso *corpus*, tentaremos, nesta pesquisa, entender, de forma mais precisa, qual o papel que elas assumem na polêmica sobre **imigração** no Brasil, especialmente no que tange ao julgamento do **imigrante Sul-Sul** e de suas práticas.

2.2.4 O Posicionamento Epistêmico

Para explorarmos a caracterização das expressões das posturas dos textos analisados, recorreremos à Marín-Arrese (2011), que teoriza, baseada em Langacker (2008), acerca do **posicionamento efetivo** e do **posicionamento epistêmico** no **discurso**. A seguir, focaremos apenas no **posicionamento epistêmico**, dada sua relevância para o estudo da relação entre linguagem, cognição e argumentação.

O posicionamento **epistêmico**, segundo Marín-Arrese (2011, p. 201, tradução livre), refere-se “às estimativas do orador/escritor em relação às ‘perspectivas para realização’ do ‘processo oracional traçado (p)’ designando o evento, isso é, a possibilidade, a previsão ou a certeza de realização de p’s (LANGACKER, 2007, p. 6-7) e indicações da validade do status da proposição comunicada²⁹”.

Destacam-se cinco campos: o da modalidade epistêmica; o da **validação factual**; o da **evidencialidade experiencial**; o da **evidencialidade cognitiva** e o da **evidencialidade comunicativa**. Observemos, inicialmente, no quadro 3, que “expressões de postura epistêmica incluem uma variedade de expressões que designam situações em que o falante, como conceptualizador, expressa conhecimento sobre o evento ou alguma forma de estimativa quanto à sua potencial realização³⁰”, observa Marín-Arrese (2011, p. 205, tradução livre).

²⁹ No original: to speaker/writer’s estimations regarding the ‘prospects for realization’ of the ‘profiled clausal process (p)’ designating the event, that is, the possibility, the prediction or the certainty of p’s realization (Langacker 2007: 6-7), and indications of the validity status of the communicated proposition.

³⁰ No original: expressions which designate situations in which the speaker as conceptualizer expresses knowledge about the event or some form of estimation regarding its potential realization.

Quadro 3. Marcadores da Estância Epistêmica

Definição e Realização	Marcadores (lista não exaustiva)
Modalidade epistêmica	
Recursos que estabelecem o estatuto de realidade das proposições. <i>Realização</i> : verbos modais epistêmicos; advérbios, adjetivos predicativos e nominais.	dever, poder; certamente, possivelmente; (ser) possível, provável, certo; possibilidade.
Validade da verdade factual	
Recursos pessoais e impessoais que expressam significados factivos ou afetivos. <i>Realização</i> : advérbios, adjetivos predicativos ou nominais.	lamentavelmente, francamente; estar confiante de que; a verdade é que.
Evidencialidade experiencial	
Recursos evidenciais ligados ao domínio sensorial e das aparências. <i>Realização</i> : verbos; advérbios, adjetivos predicativos e nominais.	ver, perceber, notar; evidentemente; (ser) evidente, óbvio, visível; percepção (de que).
Evidencialidade cognitiva	
Recursos evidenciais ao domínio mental (crenças, saberes e conclusões, especialmente). <i>Realização</i> : verbos; advérbios, adjetivos predicativos e nominais.	achar, pensar, saber, concluir; presumivelmente, logicamente; (ser) sabido que; (a) crença (em), (chegar à) conclusão (de que).
Evidencialidade comunicativa	
Recursos de comunicação e de interação verbal. <i>Realização</i> : verbos de elocução; conjunções.	dizer, alegar, afirmar; segundo, conforme, de acordo com.

Fonte: Adaptado de Marín-Arrese (2011, p. 206)

Modalidade epistêmica: trata-se da categoria responsável pelas expressões que correspondem às avaliações do orador acerca do estatuto de realidade da cena, posicionada entre o *realis* (polaridade positiva) e o *irrealis* (polaridade negativa). Tais expressões manifestam diferentes graus de certeza em respeito à ocorrência do evento. Verbos, advérbios, adjetivos e substantivos podem expressar tais valores.

Validação factual: refere-se às construções pessoais e impessoais que designam juízos sobre a factualidade dos eventos. É, em geral, expressa por advérbios ou adjetivos.

Evidencialidade experiencial: abarca as instâncias de uso de linguagem que indicam que a fonte da informação enunciada parte da percepção do orador/escritor, em outras palavras, apontam para se o orador tem acesso sensorial direto à evidência ou se ela está perceptualmente acessível para o orador/leitor. O processo de inferência na aquisição das informações com base em resultados observáveis, ou seja, a apresentação

da evidência como um sinal ou como prova direta para a alegação, também podem ser enfatizados por marcadores perceptivos indiretos.

Evidencialidade cognitiva: abrange as expressões que indicam que a fonte do conhecimento enunciado parte da mente do produtor textual, ou seja, que é resultado de atividade cognitiva. A autora também engloba os predicados que dizem respeito a processos inferenciais que tenham relação com a interpretação de conhecimento.

Evidencialidade comunicativa: Marín-Arrese (2011) apenas se refere às autocitações, por estar focada no estudo da relação entre estilo e posicionamento no trabalho que serve de base para esta tipologia. Entretanto, consideraremos como **evidencialidade comunicativa** qualquer forma de citação, seja a si mesmo ou a outros atores sociais, uma vez que recorrer a fontes externas autorizadas é relevante para a legitimação de alegações e propostas de ação nos textos analisados no *corpus*. Trata-se, basicamente, do campo que é denominado usualmente como discurso relatado.

Por fim, concluímos esta parte observando o valor retórico dos recursos de posicionamento, por repercutirem “a preocupação do falante com a aceitação da informação como válida por parte do ouvinte” e por serem “uma indicação da maneira pela qual eles usam estratégias de legitimação para administrar seus interesses³¹” (MARÍN-ARRESE, 2011, p. 210, tradução livre).

³¹ No original: the speaker’s concern with the acceptance of the information as valid on the part of the hearer, and are an indication of the way in which they use legitimisation strategies in order to manage their interests.

3 Teorias da Argumentação

Neste capítulo, apresentaremos as bases das teorias argumentativas que sustentarão nossa análise. Enfocaremos, em especial, três aspectos considerados relevantes por Reisigl (2014): a **configuração funcional da argumentação**, que leva em consideração o papel dos enunciados em termos de um *layout* argumentativo, seja de ordem epistêmica, seja de ordem prática; a **macroestrutura argumentativa**, que diz respeito à organização em rede dos argumentos e à sua combinação para sustentação de **Alegações** ou **Propostas de Ação**; e os **esquemas argumentativos**, que concernem às formas de raciocínio que legitimam a defesa das **Alegações** ou das **Propostas de Ação**. Para isso, vamos nos apoiar respectivamente no modelo de argumentação epistêmica de Toulmin (Toulmin, 2006[1958]; Toulmin; Rieke e Janik, 1984[1978]; Gonçalves-Segundo, 2016) e no modelo de argumentação prática de Fairclough e Fairclough (2012); em adaptações da proposta de diagramação macroestrutural de Freeman (2011); e na tipologia de esquemas da Pragmadiálética (van Eemeren, Houtlosser e Snoeck-Henkemans, 2007). Por fim, discutiremos a tipologia de polêmica proposta por Dascal (1998).

3.1 Configuração Funcional da Argumentação

A configuração funcional consiste na dimensão de análise da constituição dos movimentos argumentativos em termos do papel que os enunciados ocupam na sustentação, na defesa e na legitimação de **Alegações**, no campo da argumentação epistêmica, voltada ao convencimento (levar a crer), e de **Propostas de Ação**, no campo da argumentação prática, voltada à persuasão (levar a fazer).

Iniciaremos esta explanação pela discussão do Modelo Toulmin (1958) e, posteriormente, debateremos o Modelo de Fairclough e Fairclough (2012).

3.1.1 A Argumentação Epistêmica: relendo o Modelo Toulmin

Os Usos do Argumento, de Stephen Toulmin (2006[1958]) foi corresponsável, junto com o *Tratado de Argumentação*, de Perelman; Obrechts-Tyteca (2014[1958]), pela renovação dos estudos argumentativos contemporâneos com larga influência nas teorias que os sucederam. Neste livro, o autor britânico propõe um *layout* funcional abstrato que permite compreender o valor que as proposições assumem, uma em relação a outra, em um processo de argumentação epistêmica orientado à defesa de uma **Alegação**. Nesse

sentido, o autor não propõe um modelo holístico para o fenômeno – **esquemas argumentativos**, por exemplo, ocupam um espaço diminuto –, mas uma abordagem que permite avaliar e reconstruir a dinâmica argumentativa efetivada nos textos.

São seis os componentes arrolados pelo autor como estruturantes da argumentação: os **Dados**, a **Alegação**, a **Qualificação**, a **Garantia**, o **Apoio** e a **Refutação**, organizados segundo o esquema abaixo:

Figura 4. Layout da Argumentação Epistêmica

Fonte: Gonçalves-Segundo (2016, p. 72, adaptado de Toulmin, 2006[1958]).

A linha que conecta os **Dados** à **Alegação** corresponde, em larga medida, às premissas e à conclusão de um entimema clássico. Para Toulmin; Rieke; Janik (1984[1978], p. 28), **Alegações** consistem em “asserções apresentadas publicamente para aceitação geral”, requisitando, por isso, fundamentação por **Dados** que sejam capazes de conduzir o outro, via inferência, à conclusão proposta. Tais inferências, que exercem o papel de licenciar esse raciocínio, são denominadas **Garantias**.

Como inferências, **Garantias** tendem a não ser materializadas textualmente, mas podem ser contestadas, caso o ouvinte/leitor não seja convencido de sua força como um passo legítimo rumo à **Alegação**. Nesses casos, os **Apoios** atuam como formas de sustentar o raciocínio inferencial, por meio de estatísticas, taxonomias, leis ou normas, resultados de pesquisa científica ou mesmo o senso comum. Já a **Qualificação** diz respeito ao grau de validade que a voz autoral atribui à **Alegação** com base nos **Dados** e na **Garantia**, o que é linguisticamente manifestado por meio da modalidade epistêmica. Nesse sentido, quanto menor for a capacidade de a Garantia legitimar o passo inferencial dos **Dados** para a **Alegação**, maior a tendência de a modalização se situar no campo da possibilidade ou da probabilidade em vez da certeza ou da necessidade.

Por fim, a **Refutação** configura-se nos “tipos de circunstâncias excepcionais que, em casos específicos, podem refutar as suposições criadas pela **Garantia**” (TOULMIN,

2006[1958], p. 153) ou na abertura para uma **Contra-Alegação**, representativa de um discurso alternativo sobre o tópico em discussão. Há diferentes tipos de **Refutação**: algumas se baseiam no enfraquecimento do *ethos* de quem diz, minando a credibilidade dos **Dados** apresentados por um proponente; outras atuam sobre o *logos*, criando bloqueios diretos – refutações fortes (*a menos que*) – ou empecilhos parciais – refutação fraca (*apesar de*) – à inferência. As refutações fracas diferem das fortes, na medida em que elas não bloqueiam o raciocínio inferencial, concedendo a aspectos do discurso outro, ainda que não os considerando como suficientemente fortes para validar uma **Contra-Alegação**. Nesse sentido, refutações fracas permitem afirmar a **Alegação**, inclusive fortalecendo-a.

Gonçalves-Segundo (2016, p. 76) sistematiza as relações entre os componentes anteriormente expostos da seguinte maneira:

1. **Alegações** (C) estão atreladas a **Dados** (D), de modo que aquelas consistem em conclusões qualificadas e dedutíveis a partir destes, viabilizadas por uma **Garantia** (W), que sempre se constitui numa hipótese de interligação entre os componentes citados.
2. **Garantias** (W) consistem em generalizações derivadas de **Apoios** (B), que são campo-dependentes, com conteúdo ligado a leis, estatutos, normas, taxionomias, estatísticas, fórmulas, experiências e, em especial, ao senso comum.
3. O valor modal de uma alegação consiste na **Qualificação** (Q), que varia da invalidação à validação, passando por graus intermediários. A **Qualificação** (Q) está, em geral, vinculada ao grau de compatibilidade da Garantia em relação ao teor dos Dados oferecidos para se chegar a alguma conclusão.
4. **Refutações** (R) visam a enfraquecer a **Alegação** (C), por questionar a integridade, a validade ou a aplicabilidade da **Garantia** (W), por negar a factualidade dos **Dados** (D) ou ainda por questionar a solidez do **Apoio** (B), muito embora seja a primeira dessas possibilidades a mais comum.

3.1.2 O Modelo da Argumentação Prática de Fairclough e Fairclough e a persuasão

Fairclough e Fairclough (2012) propõem um modelo de argumentação prática orientado a explicar o funcionamento de argumentações voltadas à defesa de **Propostas de Ação** em contextos deliberativos, nos quais alternativas de ação diferentes são examinadas e discutidas com o objetivo de que uma decisão seja tomada. O modelo também parece ser aplicável a contextos de polêmica sobre **Propostas de Ação** a serem adotadas por diversas instituições ou mesmo pelo Estado, ainda que fora do âmbito de uma decisão local. Nesse sentido, acreditamos que podemos partir das premissas dos autores para estudar nosso *corpus*, uma vez que ocorre tensão entre conservadores e

liberais no que tange ao modo como eles projetam que a **imigração Sul-Sul** deva ser tratada no Brasil, o que alterna entre o bloqueio total, o bloqueio/liberação parcial e a liberação total.

Enquanto, na argumentação epistêmica, o movimento argumentativo é direcionado à **Alegação**, na argumentação prática, o movimento argumentativo é direcionado à **Proposta de Ação**. Tal proposta é sustentada a partir de uma rede complexa de constituintes orientada para sua legitimação e para a deslegitimação de **Contra-Propostas**. Tais constituintes são: os **Objetivos**, as **Circunstâncias**, os **Valores**, as **Consequência** da ação e a relação **Meio-Fim**.

De forma sintética, podemos afirmar que, a partir de uma dada leitura das **Circunstâncias** vigentes, um problema é encontrado e requisita uma solução. Tal solução consiste em uma **Proposta de Ação** cujo **Objetivo**, em geral, é resolver, em maior ou menor grau, o problema. Tanto o **Objetivo** quanto a **Proposta de Ação** estão submetidos aos **Valores** que embasam o julgamento do orador, responsáveis por delimitar quais **Objetivos** devem ser perseguidos e que **Propostas de Ação** podem ser levantadas. A avaliação das propostas está principalmente associada às consequências positivas ou negativas projetadas pelos participantes da polêmica ou da deliberação em relação a: a. o alcance dos objetivos; b. o (des)respeito aos valores assumidos; e c. a geração de problemas ou benesses não previstas.

A figura a seguir ilustra essa rede de relações:

Figura 5. Layout de Argumentação Prática

Fonte: Re-elaboração, com expansões próprias, a partir de Fairclough e Fairclough (2012, p. 51, tradução livre)

Propostas de Ação são, em geral, construídas via julgamentos de propriedade, que indicam se elas são corretas ou erradas, boas ou ruins, pertinentes ou não, ou via marcadores deônticos, que assinalam dever, obrigação ou necessidade, como os verbos *dever*, *ter que*, ou mesmo imperativos.

Para Fairclough e Fairclough (2012), uma **Proposta de Ação** é construída contra um fundo de outras **Propostas de Ação (Contra-Propostas)**, que consistem em alternativas práticas para o alcance do **Objetivo**. Nesse sentido, um processo de argumentação prática se volta não só à defesa da **proposta de ação** enfocada, mas especialmente à invalidação das alternativas. Daí a importância do esquema pragmático (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2014[1958]), ligado às **Consequências Positivas** ou **Negativas** da ação.

Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014[1958], p. 303, destaque nosso), “o **argumento pragmático**, que permite apreciar uma coisa consoante suas consequências, presentes ou futuras, tem uma importância direta para a ação. Ele não requer, para ser aceito pelo senso comum, nenhuma justificação”. Além disso, os autores acrescentam que ele só pode se desenvolver se houver um acordo sobre os valores das consequências, em geral, associado ao sucesso do que se objetiva. Logo, se algum orador projeta consequências negativas que ferem algum **Valor** considerado relevante ou trazem novos problemas, isso diminui o apoio a uma dada **Proposta**; ocorre o inverso se **Consequências Positivas** são projetadas discursivamente. Muitas vezes, a decisão acaba sendo tomada com base na alternativa de ação que resistiu melhor à crítica.

A questão dos **Objetivos** é fundamental em um contexto de argumentação prática. Fairclough e Fairclough (2012, p. 43, tradução livre, destaque nosso) entendem o **Objetivo** como “estados-de-coisa futuros gerados por alguma fonte de normatividade, especificada na premissa de **Valor**³²”. Os **Valores**, por sua vez, dizem respeito às preocupações factuais dos agentes ou aos compromissos que os agentes assumem como parte da ordem do discurso da instituição à qual estão vinculados. Nesse sentido, não devemos igualar **Valores** a desejos individuais.

Os **Valores** cumprem duas funções fundamentais no modelo: por um lado, eles restringem o conjunto de ações que pode ser proposto para que o **Objetivo** seja alcançado e, por outro lado, sustentam a seleção e a descrição das **Circunstâncias**. Como **Valores**

³² No original: [...] future states of affairs generated by some source of normativity [...] specified in the value premise.

se constituem em aspectos centrais de discursos, podemos concluir que a construção de **Circunstâncias** emerge de um processo de perspectivação sustentado pelas **ideologias** e pelos discursos assumidos/incorporados pelas vozes autorais.

Na polêmica que estudamos, veremos como liberais e conservadores, partindo de diferentes **Valores**, constroem as **Circunstâncias** que envolvem a **imigração** de forma distinta, o que impacta tanto na elaboração dos **Objetivos** quanto no levantamento de **Propostas de Ação**.

3.2 Macroestrutura da Argumentação

De acordo com Freeman (2011, p. 1, tradução livre, destaque nosso), “a **macroestrutura** de uma argumentação diz respeito a como as asserções componentes (conjuntamente talvez com outros elementos) se combinam entre si como um todo para exercer apoio a alguma **Alegação** ou **Alegações**³³”. Trata-se de aspecto relevante no estudo da argumentação, pois permite ao analista mapear **Alegações** e **Dados** variados, com distintos graus de importância, além das formas de combinação empregadas localmente, para a avaliação de um texto argumentativo como um todo. Com isso, torna-se possível visualizar quais argumentos e **Alegações** são centrais ou periféricos, qual o escopo das **Refutações** levantadas e mesmo o grau de (in)(ter)dependência dos argumentos mobilizados³⁴.

O autor reconhece três grandes padrões macroestruturais: o **padrão serial**, o **convergente** e o **ligado**.

Toda macroestrutura requisita, pelo menos, três unidades comunicativas ou asserções: na estrutura serial, um **Dado** X conduz a uma **Alegação** Y, que, por sua vez, torna-se um **Dado** (Y) que conduz a uma **Alegação** Z, conforme podemos visualizar na figura a seguir:

³³ No original: the macrostructure of an argument concerns how its component statements (together perhaps with other elements) fit together as wholes to allegedly lend support to some claim or claims.

³⁴ O estudo da macroestrutura pode ser combinado ao da configuração funcional, debatido anteriormente. Não entraremos nesse nível de detalhamento nesta pesquisa. Assumiremos que o elemento/nó que está na cauda do vetor consiste em argumento para se sustentar o ponto de vista epistêmico ou prático localizado no nó em que a cabeça do vetor está ligada.

Figura 6. Macroestrutura Serial

Fonte: Elaboração própria a partir do *software Yed Graph Editor*

Na declaração do deputado federal Jair Bolsonaro, que constitui o *corpus* desta pesquisa, ocorre um exemplo desse tipo de estrutura, como podemos averiguar abaixo:

1. [As Forças Armadas estão] completamente desaparelhadas.
5. [É possível que] venham a reduzir o efetivo.
6. É menos gente na rua para fazer frente aos marginais do MST que são engordados agora por senegaleses... haitianos... iranianos... bolivianos e tudo que é escória do mundo né? e agora tá chegando os sírios também aqui a escória do mundo está chegando aqui no nosso Brasil.

Figura 7. Exemplo de Macroestrutura Serial

Fonte: Elaboração própria a partir do *software Yed Graph Editor*

O deputado parte da representação de que as Forças Armadas estão sem investimentos suficientes – **Dado₁** – para alegar que poderá ocorrer a redução do seu efetivo – **Alegação₅**. Esta, então, torna-se um **Dado (Dados)** para suportar a nova **Alegação** – a de que não haverá gente suficiente para fazer frente aos marginais que ameaçam o país, a **Alegação₆**.

Numa macroestrutura convergente, cada premissa – **Dado_x** e **Dado_y** – possui força argumentativa suficiente para conduzir isoladamente o auditório a uma mesma conclusão – **Alegação_z**. Observemos, na sequência, a figura, o exemplo e a análise pertinente:

Figura 8. Macroestrutura Convergente

Fonte: Elaboração própria a partir do *software Yed Graph Editor*

Em outro ponto da polêmica, agora no texto [Narloch 5], em que defende a livre imigração e condena o relativismo cultural, o jornalista traz **D₁₄** e **D₁₆** para sustentar sua **A₁₅** e assim desassociar o imigrante da criminalidade lá, com a finalidade de demonstrar que o mesmo se aplicaria ao Brasil. Vejamos a seguir:

14. Nos Estados Unidos, onde há mais liberdade econômica e menos relativismo, a assimilação é maior.
15. Por lá, a conexão entre imigrantes e criminalidade “é mítica”.
16. “Muitos estudos mostram que recém-chegados têm menos chances que os nativos de cometerem crimes violentos ou serem presos”, diz Jason Riley, colunista do Wall Street Journal – e da Fox News.

Figura 9. Exemplo de Macroestrutura Convergente

Fonte: Elaboração própria a partir do *software Yed Graph Editor*

Por fim, em uma macroestrutura ligada, uma **Alegação_z** é defendida pela combinação de dois ou mais **Dados** – **Dado_x** e **Dado_y**, por exemplo –, que, isoladamente, não conseguiriam levar o leitor/ouvinte à conclusão enunciada, conforme podemos visualizar na figura abaixo:

Figura 10. Macroestrutura Ligada

Fonte: Elaboração própria a partir do *software Yed Graph Editor*

Na declaração de Bolsonaro, que serve de gatilho para a polêmica, há também um segmento que ilustra esse padrão:

1. [As Forças Armadas estão] completamente desaparelhadas.
2. O recruta [ganha] à base do salário mínimo.
3. O recruta [está] sendo dispensado quatro meses por ano por falta de almoço na maioria das cidades brasileiras.
4. O orçamento [será] cortado para o ano que vem.

Figura 11. Exemplo de Macroestrutura Ligada

Fonte: Elaboração própria a partir do *software Yed Graph Editor*

Em resposta à pergunta de Frederico Vitor acerca da situação das Forças Armadas Brasileiras, Bolsonaro alega que seu estado é de completo desaparelhamento – **Alegação₀₁**. Para legitimar essa posição, o deputado apresenta um conjunto de dados ligados: **Dado₂**, o recruta ganhar à base do salário mínimo; **Dado₃**, o recruta ser dispensado quatro vezes ao ano por falta de almoço; e **Dado₄**, o corte de verbas para o setor. Cada um dessas premissas não parece suficiente, se tomadas separadamente, para afirmar a tese do desaparelhamento; contudo, se tomadas em bloco, parecem fornecer evidências mais contundentes para defender a **Alegação**, o que está associado a um maior poder de convencimento.

Em nossa pesquisa, a análise dos padrões macroestruturais consiste em aspecto secundário, que será apenas elaborado quando necessário para o refinamento da análise da configuração funcional em face de nossos objetivos.

3.3 Esquemas argumentativos: o modelo pragmatialético de van Eemeren; Houtlosser e Snoeck-Henkemans (2007)

A abordagem pragmatialética propõe uma tipologia de esquemas argumentativos baseada em três categorias: os **argumentos sintomáticos**, os **argumentos analógicos** e os **argumentos causais**. Em van Eemeren; Houtlosser e Snoeck-Henkemans (2007), os

autores definem as características de cada tipo, apresentam e discutem subtipos, propõem perguntas críticas relativas à aplicação de cada esquema, arrolam uma série de marcadores linguísticos que assinalam as distintas relações e mostram diversos exemplos com base em textos reais. O que faremos, nesta seção, é uma síntese da proposta, buscando destacar os elementos pertinentes para nossa análise.

De início, os autores debruçam-se sobre o uso de esquemas argumentativos em discussões críticas, defendendo que “cada argumentação isolada ou coordenativa³⁵ é baseada em um esquema argumentativo que cria uma relação justificada específica entre o argumento aplicado ou (no caso de coordenação) os argumentos aplicados e a **Alegação**³⁶ em questão³⁷” (VAN EEMEREN; HOUTLOSSER; SNOECK-HENKEMANS, 2007, p. 137, tradução livre, destaque nosso).

Posteriormente, apresentam um conjunto de questões críticas que permitem avaliar a relação de justificação entre as **Alegações** e os **Dados** para cada um dos três grandes eixos esquemáticos. Tais questões, além de atuarem como testes para que o analista depreenda as formas de argumentação e avalie a sua pertinência, podem também constituir-se em uma antecipação do proponente em relação a possíveis **Refutações** do contestador e servir, portanto, para o planejamento da argumentação. Conforme van Eemeren; Houtlosser e Snoeck-Henkemans (2007, p. 137, tradução livre), “não só a representação da argumentação, mas também a resposta crítica da parte opositora e a maneira com que o orador/escritor segue em seu argumento podem prover pistas sobre a natureza da relação entre o argumento e a **alegação**³⁸”.

3.3.1 Argumentação Analógica ou por Comparação

Van Eemeren e Grootendorst (1992, p. 97 apud VAN EEMEREN; HOUTLOSSER; SNOECK-HENKEMANS, 2007, p. 138, tradução livre) consideram que, na **argumentação analógica**, ocorre “uma semelhança, um acordo, uma similitude, um paralelo, uma correspondência ou outro tipo de similaridade entre o que é estabelecido

³⁵ Argumentação isolada diz respeito aos textos em que uma única Alegação deriva de um Dado, ao passo que argumentação coordenativa está associada às macroestruturas anteriormente expostas.

³⁶ Optamos por traduzir “point of view” como alegação.

³⁷ No original: Each single or coordinative argumentation is based on an argument scheme that creates a specific justifying relationship between the applied argument or (in the case of coordination) the applied arguments and the standpoint at issue.

³⁸ No original: Not only the presentation of the argumentation, but also the critical responses of the opposite party and the way the speaker or writer follows up his argument can provide clues about the nature of the relationship between the argument and the standpoint.

no argumento e o que é estabelecido na **Alegação**”³⁹. Tal esquema pode ser caracterizado a partir da seguinte generalização, proposta em van Eemeren; Grootendorst e Snoeck-Henkemans (2002, p. 99 apud VAN EEMEREN; HOUTLOSSER; SNOECK-HENKEMANS, 2007, p. 138, tradução livre):

Quadro 4. Funcionamento da Argumentação Analógica

Y é a verdade de X porque Y é verdade de Z e Z é comparável a X ⁴⁰

Fonte: van Eemeren; Grootendorst e Snoeck-Henkemans (2002, p. 99, tradução livre)

Ela funciona do seguinte modo: a voz autoral deseja alegar que Z e X são análogos e que por isso devem/podem ser tratados de forma semelhante. Para provar esse raciocínio, atribui a X uma propriedade, ação ou situação Y que também podem ser aplicados a Z, o que licencia a inferência de que X e Z são análogos. Temos, portanto, a estabilização de uma predicação – Y – e uma variação nos referentes a que ela se aplica.

Garssen (1997) estuda e elenca alguns subtipos de **argumento analógico**, reenquadrando propostas como a de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014[1958]):

1. **comparação figurativa:** trata-se de comparação de matérias originárias de diferentes domínios de conhecimento, como ocorre em metáforas ou símiles;
2. **regra da justiça:** refere-se ao argumento que exige que seres ou situações em contextos de mesma natureza sejam tratados da mesma forma.
3. **princípio de reciprocidade:** concerne a situações em que se legitima uma resposta idêntica e/ou proporcional a outra previamente realizada com base nas similitudes entre os referentes.

As seguintes questões críticas são destacadas pelos autores em relação aos argumentos analógicos. Assim, para que tais raciocínios sejam considerados consistentes, as duas primeiras perguntas devem ser respondidas de forma positiva, e a terceira, de forma negativa:

Quadro 5. Perguntas críticas pertinentes à Argumentação Analógica

a. os elementos comparados são realmente comparáveis? b. há similaridades relevantes suficientes entre os elementos comparados? c. há quaisquer diferenças relevantes entre os elementos comparados? ⁴¹
--

Fonte: van Eemeren; Houtlosser e Snoeck-Henkemans (2007, p. 139, tradução livre)

³⁹ No original: [...] a resemblance, an agreement, a likeness, a parallel, a correspondence or some other kind of similarity between that which is stated in the argument and that which is stated in the standpoint.

⁴⁰ No original: Y is true of X because Y is true of Z and Z is comparable to X.

⁴¹ No original: Are the things that are compared actually comparable? Are there enough relevant similarities between the things that are compared? Are there any relevant differences between the things that are compared?

3.3.2. Argumentação Sintomática

À luz de van Eemeren; Houtlosser e Snoeck-Henkemans (2007, 154, tradução livre), na argumentação baseada em uma relação sintomática, temos que “uma propriedade, classe, pertencimento a um grupo, características distintivas ou essenciais de algo particular, de uma pessoa ou uma situação referente à argumentação também se aplica a algo, pessoa ou situação referida na **alegação**⁴²”. Para Freeman (2011), isto significa dizer que a premissa é, de certo modo, um indício da conclusão.

Segue, abaixo, o esquema geral da **Argumentação Sintomática** proposto por van Eemeren; Houtlosser e Snoeck-Henkemans (2007):

Quadro 6. Funcionamento da Argumentação Sintomática

<p>Y é verdade de X porque Z é verdade de X e Z é característico de Y⁴³</p>
--

Fonte: van Eemeren; Grootendorst e Snoek-Henkemans (2007, p. 154, tradução livre)

Ele funciona do seguinte modo: a voz autoral deseja alegar que Z é típico ou constitutivo de Y, tendo em vista que as atitudes/propriedades/situações Z estão ligadas ao fato de X ter Y. Temos, portanto, uma estabilização de um referente – X – e a variação das predicções a ele aplicadas.

Levando em consideração aspectos críticos em relação à **argumentação sintomática**, van Eemeren; Houtlosser e Snoeck-Henkemans (2007, p. 155, tradução livre) sugerem que devemos questionar se:

Quadro 7. Perguntas críticas pertinentes à Argumentação Sintomática

<p>a. a característica Z é, de fato, típica de Y?, b. a característica Z não é também típica de algo mais (Y')?, c. Existem outras características (Z') que X precisa ter para poder atribuir (propriedade) Y para X?⁴⁴</p>
--

Fonte: van Eemeren; Grootendorst e Henkemans (2007, p. 155, tradução livre)

O subtipo mais importante de argumento sintomático consiste na **argumentação por exemplo**. Sua função é conduzir a uma generalização a partir de uma organização de fatos isolados, tomados como casos especiais.

⁴² No original: a property, class membership, distinctive characteristic, or essence of a particular thing, person, or situation referred to in the argumentation also applies to the thing, person or situation referred to in the standpoint.

⁴³ No original: Y is true of X because Z is true of X and Z goes characteristically together with Y.

⁴⁴ No original: Is (characteristic) Y indeed typical of (property) Z?

Is (characteristic) Y not also typical of something else (Z')?

Are there any other characteristics (Y') that X needs to have in order to be able to ascribe (property) Z to X?

3.3.3. Argumentação Causal

Por fim, iremos tratar da argumentação baseada em uma relação causal. Nela o argumento é apresentado como a causa ou consequência da **Alegação**. A argumentação causal pode ser representada pelo seguinte esquema de van Eemeren; Houtlosser e Snoeck-Henkemans (2007, p. 164, tradução livre):

Quadro 8. Funcionamento da Argumentação Causal

<p>Y é verdade de X porque Z é verdade de X e Z leva a Y.⁴⁵</p>
--

Fonte: van Eemeren; Houtlosser e Snoeck-Henkemans (2007, p. 164)

Ele funciona do seguinte modo: um fato/situação/evento Z ocorre em relação a um referente X. Um fato/situação/evento Y também ocorre em relação a um referente X. O proponente, então, infere haver uma relação de força entre Z e Y, de forma que a ocorrência de Z passa a ser vista como uma força que causa a ocorrência de Y, negando a possível coincidência de acontecimentos em relação a X. Temos, portanto – de forma análoga ao **argumento sintomático** –, uma estabilização do referente – X – e uma variação nas predicções a ele associadas. A diferença é que, no **argumento sintomático**, as predicções dizem respeito a propriedades, àquilo que é típico e simultâneo, ao passo que, no **argumento causal**, diz respeito à anterioridade/posterioridade, à força de um evento como origem de outro. Uma característica da **argumentação causal**, diferente dos demais tipos argumentativos apresentados anteriormente, é ser a única que possui uma variação inversa em que o argumento refere-se ao resultado e a alegação à causa.

Para esse esquema argumentativo, van Eemeren; Houtlosser e Snoeck-Henkemans (2007, p. 165, tradução livre) também elencam três questões críticas relevantes:

Quadro 9. Perguntas críticas pertinentes à Argumentação Causal

<p>a. a causa estabelecida leva ao resultado mencionado, de fato? b. existem outros fatores que devem ser apresentados conjuntamente com a causa proposta para criar o resultado mencionado? c. o resultado proposto pode ser causado por outra razão também?⁴⁶</p>
--

Fonte: van Eemeren; Houtlosser e Snoeck-Henkemans (2007, p. 165, tradução livre)

⁴⁵ No original: Y is true of X because Z is true of X and Z leads to Y.

⁴⁶ No original: Does the established cause, in fact, lead to the mentioned result?

Are there any other factors that must be present together with the proposed cause to create the mentioned result?

Could the proposed result be caused by something else as well?

Os autores observam que a primeira questão é relativa a todos os tipos de argumentação causal; a segunda, apenas aos que mencionam a causa no argumento; e a terceira, aos que mencionam o resultado no argumento.

Dentre os subtipos de argumento causal, o mais relevante para o nosso trabalho é o **argumento pragmático**, já mencionado quando tratamos do modelo de Fairclough e Fairclough (2012). Segundo Garssen (1997, p. 21 apud van Eemeren; Houtlosser; Snoeck-Henkemans, 2007, p. 166, tradução livre):

Uma hipótese justa para a alegação de que o percurso da ação envolvida é recomendável é feito ao mostrar que o percurso da ação leva automaticamente a uma situação favorável ou desejada. A argumentação pragmática pode também ser usada para condenar um percurso da ação por sinalizar as consequências desfavoráveis ou indesejadas do percurso da ação na argumentação.⁴⁷

Como podemos ver, a **argumentação pragmática** possui como característica uma dualidade, pois o resultado almejado, por meio da argumentação, pode levar a um resultado negativo ou positivo e serão os resultados alcançáveis/alcançados, apontados no percurso da ação, que determinarão a qualidade dos argumentos. Mais uma vez, à luz de Garssen (1997), os autores exibem cinco questões críticas relativas à **argumentação pragmática**, que devem ser consideradas quando tratarmos desse tipo argumentativo. Exibimo-las a seguir:

Quadro 10. Perguntas críticas pertinentes à Argumentação Pragmática

a. o que é apresentado como resultado é desejável ou indesejável? b. o que é introduzido como causa, de fato, leva ao resultado (in)desejado mencionado? c. existem outros fatores que devem ser apresentados juntos à causa proposta para criar resultados (in)desejados mencionados? d. a causa desejada possui efeitos colaterais (in)desejados? e. o resultado mencionado pode ser alcançado ou prevenido de outras formas também?⁴⁸

Fonte: van Eemeren; Houtlosser e Snoeck-Henkemans (2007, p. 165, tradução livre)

⁴⁷ No original: A reasonable case for the standpoint that the course of action involved is recommendable is made by showing that the course of action automatically leads to a favourable or desirable situation. Pragmatic argumentation can also be used to condemn a course of action by pointing to the unfavourable or undesirable consequences of that course of action in the argumentation.

⁴⁸ No original: Does the proposed cause, in fact, lead to the mentioned result?

Are there any other factors that must be present together with the proposed cause to create the mentioned result?

Does the proposed cause indeed lead to the mentioned (un)desirable result?

Could the mentioned result be achieved or counteracted by other means as well?

Por fim, van Eemeren; Houtlosser e Snoeck-Henkemans (2007) destacam que este subtipo de argumentação é utilizado especialmente em interações de tomada de decisão (argumentação prática), de forma que se deve atentar aos efeitos colaterais possíveis (in)desejados e a outras formas de alcançar o resultado almejado ou se afastar do resultado indesejado.

3.4 O discurso polêmico segundo Dascal

O trabalho proposto nesta dissertação está alocado em uma polêmica de vozes da direita política brasileira debatendo sobre imigração no Brasil; dessa forma, faz-se necessário delimitar o que entendemos por esta categoria e como a trataremos ao longo de nosso estudo. Para abordá-la, lançaremos mão de Dascal (1998) e Amossy (2017) como bases teóricas.

Segundo o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2009, p. 2248), **polêmica**, de etimologia grega *polemikós*, “(arte) da guerra, (ciência) do combate”, é definida como: “1 discussão, disputa em torno de questão que suscita muitas divergências; controvérsia. 2 fig. debate de ideias”. Logo, podemos notar que um termo que tem origem na ideia de um combate físico, relativo à guerra, foi abstraído para a ideia de combate com palavras, baseado, provavelmente, na metáfora conceptual de que ARGUMENTAÇÃO É GUERRA. Há então três sentidos que se destacam nesta definição: o primeiro é a **discussão**; o segundo, a **disputa**; e o terceiro, a **controvérsia**. Estas categorias são muito relevantes, pois vão ao encontro da teoria relativa aos tipos de polêmica sobre os quais dissertaremos a seguir.

Amossy (2017), ao tratar de uma retórica do dissenso, qualifica a Teoria das Controvérsias de Dascal (1998) como um importante esforço nesse sentido, na medida em que o autor, segundo Amossy (2017, p. 39), “salienta o caráter de atividade crítica e a fecundidade das interações polêmicas”. Ao observar as interações polêmicas e a sua importância, Dascal (1998 apud AMOSSY, 2007, p. 39) observa que as primeiras:

não são um ato de resistência à razão pela obstinação, de fazer triunfar sua própria posição, mas uma forma de atividade dialógica que, no domínio das ciências, permite compreender o sentido de uma teoria e de levar em conta as mudanças conceituais. Em outras palavras, o confronto e a luta de teses antagônicas têm um valor heurístico: eles geram a compreensão e até mesmo o saber.

Nesse sentido, detalharemos, a seguir, os tipos de trocas polêmicas que Dascal (1998) elabora e os tipos de movimentos polêmicos propostos pelo mesmo autor.

Dascal (1998) disserta sobre três tipos de trocas polêmicas. Inicialmente, afirma que uma troca polêmica envolve ao menos duas pessoas que empregam a língua para se dirigirem mutuamente, em um confronto de atitudes, opiniões, argumentos, teorias e assim por diante.

A exigência de “se dirigirem mutuamente”, segundo Dascal (1998), exclui desse campo todos os tipos de discursos polêmicos no qual um dos participantes é incapaz de participar de fato, ou seja, todas as polêmicas que não têm diálogo real. O autor frisa que a razão para excluir esses casos deve-se a sua visão insistente de que a polêmica é uma atividade que sempre suscita um elemento de incerteza sobre a reação do oponente. A quantidade de incerteza varia de acordo com o tipo da troca polêmica. No entanto, um oponente vivo, real e ativo é imprevisível em suas ações. Embora possamos antecipar, até certo ponto, a reação do oponente, e até comprometer-nos a manipulá-lo a reagir de uma certa forma, a **polêmica** é um jogo no qual a nossa capacidade de previsão torna-se limitada. Para que isso seja possível, cada oponente deve ter o direito de contestar não somente a visão do oponente como também a interpretação de seus posicionamentos. Desde que esse direito possa ser usado tanto particular quanto publicamente, ou na escrita, como é o caso do *corpus* analisado neste trabalho, tanto diretamente quanto indiretamente, todas essas formas de interação de confronto devem ser consideradas, segundo Dascal (1998), “trocas polêmicas”.

A segunda exigência, afirma o autor, equivale ao reconhecimento do fato de que cada troca polêmica envolve “visões divergentes” sobre algum “conteúdo”. Os conteúdos opostos, por sua vez, não se referem apenas a conteúdos proposicionais específicos numa variedade de assuntos, mas também à força ilocutória, atitudes, preferências, ênfases, julgamento de adequação e relevância etc. Todos esses podem dar origem a trocas polêmicas, independentemente de serem “verdadeiramente” opostos. De acordo com Dascal (1998), o que importa é o que os disputantes os percebam como divergentes e, conseqüentemente, engajem-se em um debate tendo tais conteúdos como seu objeto explícito ou implícito.

Dascal (1998) propõe caracterizar três tipos ideais de troca polêmica: a **discussão**, a **disputa** e a **controvérsia**. Os principais critérios para essa tipologia são: o escopo do desentendimento, o tipo de conteúdo envolvido nele, os meios presumidos para resolver o desentendimento e os fins buscados pelos participantes.

A primeira troca polêmica, a **discussão**, pode ser definida como uma troca cujo centro é um problema ou tema bem delimitado. À luz de Dascal (1998, n.p, tradução livre)⁴⁹, podemos acrescentar que

à medida que a discussão se desenvolve, os contendores tendem a reconhecer que a raiz do problema é um erro relacionado a alguns conceitos ou procedimentos importantes dentro de um campo bem definido (mesmo que discordem sobre a natureza do erro em questão e sobre quem o cometeu).⁵⁰

O autor também observa que as **discussões** são passíveis de serem solucionadas a partir de correções feitas por meio de procedimentos aceitos em determinado campo.

A próxima troca polêmica diz respeito à **disputa**, que, assim como a **discussão**, aparenta ter como objeto central uma divergência bem circunscrita, porém, difere no ponto em que os contendores não aceitam, em hipótese alguma, que sua definição esteja embasada em algum erro, porque acreditam que ela se fundamenta em diferenças de atitude, sentimentos ou preferências. Para Dascal (1998), a **disputa** não pode ser decidida, uma vez que inexistem procedimentos que possam ser acolhidos por ambas as partes; dessa forma, não podemos solucionar a **disputa**. Ela pode, apenas, ser dissolvida ou dissolver-se. Sobre o que sucede essa dissolução, Dascal (1998, n.p., tradução livre, destaque nosso) afirma que

Uma vez que **dissolução** é uma forma de encerramento que, em última análise, mantém-se “externa” tanto ao tópico em disputa quanto às crenças e atitudes dos participantes, as divergências subjacentes tendem a ocorrer em disputas sobre outras versões do mesmo tópico ou em disputas sobre outros tópicos.⁵¹

O autor salienta que alguns contendores interpretam o posicionamento de seus opositores e a sua relutância ao “argumento racional” como fruto de alguma patologia que poderá apenas ser punida, tratada em terapia ou desprezada.

Por fim, falaremos sobre o conceito de **controvérsia**. Esta terceira troca polêmica ocupa uma posição intermédia entre a **discussão** e a **disputa**. Ela decorre de um problema específico, que, em pouco tempo, se propaga para outras questões contíguas,

⁴⁹ O acesso ao texto “Types of Polemics and Types of Polemical Moves” se deu a partir da página de Marcelo Dascal no website da Universidade de Tel Aviv. Disponível em: <<https://www.tau.ac.il/humanities/philos/dascal/papers/pregue.htm>>. Acesso em 16 de julho de 2018.

⁵⁰ No original: As the discussion develops, the contenders tend to acknowledge that the root of the problem is a mistake relating to some important concept or procedure within a well-defined field (even though they disagree regarding the nature of the mistake in question and about who commits it).

⁵¹ No original: Since “dissolution” is a form of closure that, ultimately, remains “external” both to the topic under dispute and to the participants’ beliefs and attitudes, the underlying divergences tend to recur either in disputes over other versions of the same topic or in disputes over other topics.

deflagrando discordâncias significativas. A **controvérsia** não somente envolve oposição a atitudes e preferências, mas também abarca desentendimentos sobre métodos que auxiliariam na solução de problemas. Dascal (1998, n.p., tradução livre, destaque nosso), afirma que, por esse motivo,

as **oposições** em questão não são percebidas simplesmente como uma questão de erros a serem corrigidos, nem há procedimentos aceitos para decidi-las – o que causa a continuação de controvérsias e, algumas vezes, sua recorrências. Entretanto, elas não são reduzidas a meros conflitos de preferências insolúveis. Os contendores acumulam argumentos que eles acreditam aumentar o peso de suas posições vis-à-vis às objeções dos adversários, assim, levando, se não à decisão do problema em questão, ao menos à inclinação do equilíbrio da razão a seu favor⁵².

A **controvérsia**, caracterizada por Dascal (1998), não pode ser nem solucionada ou dissolvida, ela, quando muito, é resolvida. Posto isso, é necessário observar que sua resolução poderá dar-se a partir do reconhecimento, do contendedor ou da comunidade de referência, de acúmulo de peso suficiente em prol “de uma das posições em conflito, ou na emergência (graças à controvérsia) de posições modificadas aceitáveis pelos contendores, ou simplesmente no esclarecimento mútuo da natureza de diferenças em jogo. (DASCAL, 1998, n.p., tradução livre)⁵³.

Se tomarmos como ponto de observação os fins das trocas polêmicas, afirma Dascal (1998, n.p., destaque nosso), “**discussões** estão basicamente preocupadas com o estabelecimento da verdade, **disputas** com vencer e **controvérsias** com persuadir o adversário e/ou um público competente a aceitar o posicionamento de alguém”.

O autor ressalta que a troca polêmica em que a oposição dos participantes é puramente lógica é a **discussão**, ao passo que, na **disputa**, tal oposição é essencialmente ‘ideológica’ – isto é, atitudinal e avaliativa. Já as **controvérsias** “envolvem uma ampla gama de divergências quanto à interpretação e relevância dos fatos, avaliações, atitudes, objetivos e métodos⁵⁴” (DASCAL, 1998, n.p., tradução livre).

⁵² No original: the oppositions in question are not perceived simply as a matter of mistakes to be corrected, nor are there accepted procedures for deciding them -- which causes the continuation of controversies and sometimes their recurrence. However, they do not reduce to mere unsolvable conflicts of preferences. The contenders pile up arguments they believe increase the weight of their positions vis a vis the adversaries' objections, thereby leading, if not to deciding the matter in question, at least to tilting the "balance of reason" in their favor.

⁵³ No original: one of the conflicting positions, or in the emergence (thanks to the controversy) of modified positions acceptable to the contenders, or simply in the mutual clarification of the nature of the differences at stake.

⁵⁴ No original: [...] involving a broad range of divergences regarding the interpretation and relevance of facts, evaluations, attitudes, goals, and methods.

Quando abordadas por um viés processual, “**discussões** seguem um modelo de ‘resolução de problemas’; **disputas**, um modelo de competição; e **controvérsias**, um modelo ‘deliberativo⁵⁵’” (DASCAL, 1998, n.p., tradução livre, destaque nosso).

Em seguida, o autor esclarece que é característico de um **debatedor** (participante de uma **discussão**) o fornecimento de argumentos fortes que atestam a verdade de seu posicionamento ou a inveracidade do posicionamento de seu adversário. Já um **disputante**, independente de seu posicionamento ser verdadeiro ou falso, tem por objetivo ser distinguido como vencedor da disputa. Por fim, um **controversialista** ambiciona prover razões suficientes para que acreditemos que seu posicionamento é superior, mesmo que as razões não atestem necessariamente tal superioridade de forma satisfatória. É importante destacarmos que o **debatedor**, ao contrário do anterior, está preparado para admitir derrota caso o adversário apresente argumentos fortes contra seu posicionamento; já um **controversialista** dispõe-se a reconhecer o peso das razões fornecidas pelo oponente, ao passo que um **disputante**, do início ao fim da disputa, mantém-se convencido de que seu posicionamento é correto independente do resultado da **disputa**.

Isso posto, cremos ser relevante pontuar que tais categorias devem ser vistas como ideais, de forma que interações polêmicas reais podem apresentar características híbridas de cada troca polêmica, bem como passar por diferentes estágios de troca ao longo do desenvolvimento da argumentação.

Além disso, Dascal (1998) ainda discute sobre os movimentos polêmicos construídos nos diferentes tipos de troca. Os principais critérios para a proposição desses movimentos são: a. o objetivo imediato do movimento; b. a natureza dos meios que emprega para atingir seu objetivo; c. o tipo de "mecanismo" em que se baseia; e d. a "força" com a qual se supõe.

Segundo Dascal (1998, n.p. tradução livre), uma **prova** é “um movimento que pretende estabelecer a verdade de uma proposição além da dúvida razoável. Para este propósito, emprega alguma regra de inferência que explícita e reconhecidamente é extraída de outras proposições (isto é, a evidência – que inclui as categorias de **Dados** e

⁵⁵ No original: discussions follow a "problem-solving" model, disputes a "contest" model, and controversies a "deliberative" model.

Garantias de Toulmin (1958)) – para que a proposição seja provada”⁵⁶. O autor prossegue:

Tanto a validade da regra de inferência quanto a veracidade da evidência são consideradas estabelecidas e, portanto, devem ser aceitas pelo destinatário. O destinatário é obrigado (na medida em que ele se comporta racionalmente) a aceitar também a conclusão. A possibilidade de provar uma proposição é tomada para mostrar que ela resistiu com sucesso a um teste decisivo que garante sua verdade (ou seu alto grau de probabilidade). (DASCAL, 1998, n.p. Tradução livre)⁵⁷.

O segundo movimento, o **estratagema**, visa a (re)ação de um auditório relevante, levando-o a crer que certa proposição é verdadeira. A inferência é de uso facultativo, porém quando for requisitada, nem o padrão de inferência nem a evidência são assumidos como válidos, configurando-se apenas de forma “eficaz” em relação ao destinatário almejado. Este movimento pode fazer uso de engano e da dissimulação como manipulação do auditório.

Finalmente, um **argumento** é um movimento que almeja convencer o destinatário, fazendo-o crer que uma certa proposição é consistente. Diferentemente das **provas**, mas em consonância com as **estratagemas**, a crença assume o lugar da verdade em relação aos argumentos, porém, ao contrário das **estratagemas**, o destinatário é induzido à crença que se deseja por meio de razões reconhecíveis fornecidas pelos **argumentos**. Em relação ao que caracteriza tais razões, Dascal (1998, n.p., tradução livre, destaque nosso) acrescenta que

diferentemente das **provas**, entretanto, essas razões não precisam ser baseadas em padrões de inferência válidos e evidências verídicas, que presume-se serem aceitas pelo destinatário; eles devem levar em consideração quais proposições o destinatário realmente aceita (ou provavelmente aceitará) como evidência e quais padrões de inferência provavelmente o persuadirão.⁵⁸

Antes de encerrarmos esta parte, é importante observarmos que embora Dascal associe o termo **argumento** apenas à controvérsia, sua visão do termo argumento é diferente e engloba qualquer forma de sustentação de uma **Alegação** ou de uma **Proposta**

⁵⁶ No original: a move that purports to establish the truth of a proposition beyond reasonable doubt. For this purpose, it employs some inference rule that explicitly and recognizably leads from other propositions (i.e., the evidence -- which includes Toulmin's (1962) "data" and "warrants") to the proposition to be proved.

⁵⁷ No original: Both the validity of the inference rule and the truth of the evidence are assumed to be established, and therefore to be accepted by the addressee. The addressee is compelled (in so far as he behaves rationally) to accept also the conclusion. The possibility of proving a proposition is taken to show that it has successfully withstood a decisive test that guarantees its truth (or its high degree of probability).

⁵⁸ No original: Unlike proofs, however, these reasons need not be based on valid inference patterns and truthful evidence, which are presumed to be accepted by the addressee; they must take into account which propositions the addressee actually accepts (or is likely to accept) as evidence, and which inference patterns are likely to persuade her.

de Ação, o que inclui tanto a proposição efetivamente construída quanto o tipo de raciocínio (sintomático, causal ou analógico) que permite defendê-las.

4 A ANÁLISE DA POLÊMICA SOBRE O IMIGRANTE SUL-SUL

4.1 Procedimentos Metodológicos

Nanos gigantum humeris insidentes
Bernardus Carnotensis

A partir do modelo proposto por Norman Fairclough (2003) e desenvolvido nacionalmente por Resende e Ramalho (2006), Melo (2012), Gonçalves-Segundo (2014, 2016) e Gonçalves-Segundo e Zelic (2016) dentre outros, a análise que desenvolveremos nesta dissertação buscará integrar descrição linguística, interpretação discursiva e explanação sócio-histórica.

Tendo em vista que o *corpus* consiste em uma polêmica que atravessa um conjunto de 10 textos argumentativos publicados em meio digital, iniciaremos o procedimento analítico pela descrição da configuração funcional da argumentação construída nos textos produzidos por cada uma das vozes autorais que integram a cadeia discursiva. São eles: o deputado federal Jair Bolsonaro (2 textos), o colunista Leandro Narloch (5 textos), o filósofo Olavo de Carvalho (1 texto), o blog Diário da Insurgência (1 texto) e o colunista Rodrigo Constantino (1 texto). Iremos nos basear para tal no modelo de argumentação prática de Fairclough e Fairclough (2012) e no modelo de argumentação epistêmica de Toulmin (1958), com os desdobramentos visíveis em Toulmin; Rieke e Janik (1984[1978]) e Gonçalves-Segundo (2016). Articulada a essa descrição, realizaremos a interpretação discursiva que permitirá depreender não só as principais alegações e propostas de ação defendidas como também os argumentos centrais que as sustentam, procedimento que viabiliza compreender os eixos fundamentais de representação sobre a modalidade de **imigração Sul-Sul** que está enfocada na polêmica.

Cada um desses eixos, organizados a partir de uma escala de 3 pontos representativa de posicionamentos discursivos diversos depreendidos entre setores da autoproclamada direita brasileira, consiste em componentes da ideologia dos grupos em conflito – conservadores versus liberais – que, combinados, permitem-nos compreender a sua postura política favorável ou desfavorável à entrada de imigrantes no Brasil.

A análise de cada eixo ocupará uma seção deste capítulo e será realizada a partir da consideração de processos analógicos e metafóricos, por um lado, e padrões de posicionamento epistêmico, por outro. Assim, esperamos detectar, em primeiro lugar, que domínios embasam a discussão sobre a **imigração Sul-Sul** e qual a sua repercussão na construção de uma imagem sobre o **imigrante**; em segundo lugar, que formas de

validação são utilizadas para respaldar os posicionamentos instanciados e qual o seu impacto na legitimação das políticas de imigração defendidas. Para tal, tomaremos como suporte os estudos de Gentner e Smith (2012), Vereza (2013), Hart (2014) e Gonçalves-Segundo (2014), no que se refere às **metáforas** e **analogias**, e Marín-Arrese (2011) no que diz respeito às formas de construção do posicionamento epistêmico.

Por fim, consolidamos o resultado das descrições e das interpretações realizadas na proposta de uma configuração ideológica sobre a imigração nos discursos conservador e liberal brasileiros a partir do modelo sociocognitivo de van Dijk (2014), que propõe um esquema ideológico de 6 componentes: a **identidade**, a **ação**, os **objetivos**, as **normas**, **valores** e os **grupos de referência**. Atrelaremos a essa consolidação reflexões oriundas da discussão sócio-histórica seguidas de uma crítica autoral ao modo como esses discursos se constituem e se legitimam, considerando, em especial, as defasagens representacionais.

4.2 Apresentação do *Corpus* e de seus autores

Os textos analisados neste trabalho pertencem a uma polêmica composta por vozes da autoproclamada direita política brasileira. Tais vozes podem ser divididas em categorias provenientes de sua postura em relação à divergência sobre o bloqueio ou a liberação da **imigração** no Brasil. As vozes do primeiro grupo pertencem a Jair Bolsonaro, Olavo de Carvalho e ao portal Diário da Insurgência, que advogam contra a entrada de imigrantes. O segundo grupo é composto por Leandro Narloch, que escreve uma série de textos opinativos favoráveis à livre imigração, e, por fim, por Rodrigo Constantino, que se propõe a revisar as alegações dos grupos anteriores e propor uma liberação da imigração de forma controlada e com ressalvas, ocupando, assim, um lugar intermediário entre o primeiro e o segundo grupo.

Abaixo, apresentaremos, sucintamente, as personalidades mencionadas e exploraremos alguns de seus pontos de vista, assim como também introduziremos alguns dos temas mais relevantes presentes nos textos que investigaremos em nosso *corpus* para que o leitor tenha um panorama antes de iniciar nossa análise.

4.2.1 Jair Bolsonaro

Jair Messias Bolsonaro, nascido em 1955, natural de Campinas, é deputado federal (2015-2019) pelo Partido Progressista (PP) do Rio de Janeiro, é formado em

Educação Física e militar de carreira⁵⁹. Jair Bolsonaro é também um dos presidenciáveis nas eleições de 2018.

Bolsonaro é uma personalidade política conhecida por várias declarações polêmicas, as quais, em geral, vão de encontro a grupos minoritários como negros, mulheres, homossexuais e, também, imigrantes. Sobre sua orientação política, o deputado é visto como um dos líderes da direita brasileira, em seu caso específico, uma direita conservadora de teor militarista.

Nosso *corpus* é composto por dois discursos do deputado federal. O primeiro, mote de nossa polêmica, é um excerto de uma entrevista, de Frederico Vitor, publicada em uma notícia do *Jornal Opção* de Goiânia, GO, intitulada *Bolsonaro vê imigrantes como “ameaça” e chama refugiados de “a escória do mundo”*⁶⁰.

A entrevista decorreu da visita que o deputado fez à capital goiana, a convite da Corregedoria-Geral da Justiça, para proferição de uma palestra sobre o “Sistema Penitenciário Brasileiro”, no *I Workshop da Justiça Criminal*, evento realizado pela *Associação dos Magistrados do Estado de Goiás (Asmego)* entre os dias 17 e 18 de setembro. A notícia, com o trecho selecionado pelo *Jornal Opção*, foi publicada em 18/09/2015, e a íntegra do áudio da entrevista, em 21/09/2015.

Na entrevista, Jair Bolsonaro versa sobre diversos temas: a. a polêmica com a deputada federal Maria do Rosário (PT) decorrente de uma declaração em que dissera que jamais a estupraria, pois ela não merecia⁶¹. b. o financiamento de campanhas; c. a economia no governo do PT; d. a situação de desaparecimento das Forças Armadas no Brasil. É no âmbito desse último tópico que Jair Bolsonaro afirma que a redução de pessoal enfraquecerá as Forças Armadas, que não conseguirão enfrentar os “marginais do MST” que são “engordados [...] por senegaleses... haitianos... iranianos... bolivianos e tudo que é escória do mundo”.

O segundo discurso a ser analisado, também de Jair Bolsonaro, consiste em um vídeo, publicado na conta do *youtube* de seu filho, Carlos Bolsonaro, intitulado

⁵⁹ Cf. CONHEÇA os Deputados: Jair Messias Bolsonaro. Disponível em: http://www2.camara.leg.br/deputados/pesquisa/layouts_deputados_biografia?pk=74847. Acesso em 07 de julho de 2018.

⁶⁰ Cf. VITOR, Frederico. Bolsonaro vê imigrantes como “ameaça” e chama refugiados de “a escória do mundo”. *Jornal Opção*. Set. 2015. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/bolsonaro-ve-imigrantes-como-ameaca-e-chama-refugiados-de-a-escoria-do-mundo-46043/>. Acesso em 07 de julho de 2018.

⁶¹ Cf. *Maria do Rosário Vs Jair Bolsonaro* (sem cortes); 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yRV98Im5zRs&t=1s>. Acesso em 07 de julho de 2018.

“Refugiados e Bolsonaro: a verdade”. O vídeo é publicado em 22/09/2015 na categoria Educação e é introduzido pelo seguinte texto:

BOLSONARO E A ESCÓRIA: Mais uma vez tentam distorcer as falas de Jair Bolsonaro e rotulá-lo como algoz de refugiados. No vídeo anexo Bolsonaro deixa clara a sua expressão: não podemos deixar que entrem no Brasil, sem qualquer controle, uma parte destes que se dizem refugiados, mas que na verdade são pessoas de má índole, que chegam de países com grandes focos terroristas, intolerantes com gays, desumano com as mulheres e com outras religiões. Os demais, bem intencionados, são bem vindos, desde que atendidos um controle de sua vida pregressa, sanitário e migratório, como qualquer país sério do mundo.⁶²

Tal vídeo, conforme o texto sintetizador e introdutório acima relata, configura-se em uma fala de Jair Bolsonaro explicando a sua declaração polêmica sobre os “imigrantes escória”. Sua explicação foca a dissociação entre imigrante, “pessoas de bem”, e terrorista, “de péssima índole”. Para tal, o deputado federal traça um panorama sobre a realidade desses imigrantes e as características intolerantes dos terroristas escória cuja vinda pretende barrar.

4.2.2 Leandro Narloch

Nascido em 1978, o colunista, jornalista e escritor Leandro Narloch é natural de Curitiba e também é uma das importantes vozes midiáticas da autoproclamada direita política; porém, à revelia das anteriores, Narloch se posiciona em favor da livre imigração, independente da origem do imigrante, pois, para ele, a vontade de trabalhar é a força mais capitalista que existe e quem se diz capitalista deve ser a favor da livre circulação de pessoas. É a grande voz liberal na rede de textos que compõe a polêmica estudada.

Entre as suas publicações está o best-seller “Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil”⁶³. Na revista *Veja*, sua atuação data de dezembro de 2014 a novembro de 2016 com a coluna *O caçador de mitos*. Desde dezembro de 2016, Narloch trabalha como colunista da *Folha de São Paulo*.

⁶² **Fonte:** REFUGIADOS e Bolsonaro: a verdade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t9AIyunctsU&t=2s>. Acesso em 07 de julho de 2018.

⁶³ **Cf.** BIOGRAFIA de Leandro Narloch. Disponível em: https://www.ebiografia.com/leandro_narloch/. Acesso em 07 de julho de 2018.

O nosso *corpus* é composto por cinco textos do autor: “Deixe a escória entrar, Bolsonaro. Pois faremos com ela um grande país” de 23/09/2015; “A livre imigração é uma bandeira da esquerda ou da direita?” 25/09/2015; “Bolsonaro estava certo?” de 18/11/2015; “O erro de Olavo de Carvalho sobre a imigração” de 09/12/2015; e, por fim, o último texto de nosso *corpus*, “Sim à imigração, não ao relativismo cultural” de 12/01/2016.

4.2.3 Olavo de Carvalho

Olavo Luiz Pimentel de Carvalho, nascido em 1947, também natural de Campinas, é escritor, conferencista, jornalista, filósofo e astrólogo. Apesar da militância de esquerda durante sua juventude, no PCB (1966-1968). Hoje, Olavo de Carvalho é tido, segundo Pablo Ortellado, como “pai espiritual da nova direita brasileira”⁶⁴ e tem recrutado, por meio das redes sociais, muitos adeptos desse movimento.

Seu vídeo, “Leandro Narloch e o politicamente correto”, é uma resposta a Leandro Narloch, à época, colunista da revista *Veja*, sobre a similaridade entre os imigrantes atuais - haitianos, senegaleses, bolivianos - e os imigrantes do fim do século XX - italianos, portugueses, espanhóis - que chegaram ao Brasil para substituir a mão-de-obra escrava. Se, para Narloch, esse paralelo é possível de ser traçado e a escória é um valor presente em ambos os grupos, ainda que não seja impeditivo do progresso, para Carvalho, tal paralelo não é visto com bons olhos e, no vídeo, o filósofo deixa claro sua queixa a partir da caracterização do primeiro grupo de forma depreciativa e do segundo grupo de forma enaltecida.

4.2.4 Diário da Insurgência

O Diário da Insurgência⁶⁵ é um blog, iniciado em 01/12/2015, que se propõe a trazer “notícias sobre desarmamento, terrorismo, economia, religião e política, todos os dias, sob uma perspectiva conservadora-liberal”.⁶⁶

⁶⁴ Cf. FELLET, João. Olavo de Carvalho, o 'parteiro' da nova direita que diz ter dado à luz flores e lacraias. **BBC**. Dez. de 2016. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38282897>. Acesso em 07 de julho de 2018.

⁶⁵ Cf. DIÁRIO da Insurgência. Disponível em: <http://diariodainsurgencia.blogspot.com/>. Acesso em 07 de julho de 2018.

⁶⁶ Cf. DIÁRIO da Insurgência. Disponível em: <http://diariodainsurgencia.blogspot.com/p/siga-nos.html>. Acesso em 07 de julho de 2018.

O texto que extraímos desse blog intitula-se “O erro de Leandro Narloch sobre a imigração”⁶⁷, publicado em 09/12/2015. Por se tratar de um editorial e, portanto, não ter um autor especificado, o texto apresenta a posição do blog como um todo. O texto, por si, é uma grande crítica a Leandro Narloch e a ideologia neoliberal a que o jornalista adere. Segundo o editorial, a adoção cega a tal ideologia o faz ignorar fatos relevantes na questão da imigração como um todo, em especial no que se refere. à segurança, uma vez que, na visão do blog, estaríamos expostos a riscos com a possível chegada de terroristas junto aos refugiados acolhidos de países islâmicos em caso de haver, de fato, livre imigração.

4.2.5 Rodrigo Constantino

Rodrigo Constantino Alexandre dos Santos, nascido em 1976, natural do Rio de Janeiro, é escritor e colunista. Escreveu já para O Valor Econômico e O Globo e é um dos integrantes do Instituto Milenium (Imil)⁶⁸, *think tank* brasileira, alocada no Rio de Janeiro, objetiva difundir ideais da direita liberal. Em 2010, em uma lista de cinco nomes eleitos pela revista Época, Rodrigo Constantino foi eleito como um “dos novos trombones da direita” no Brasil⁶⁹.

Constantino participa da polêmica de forma conciliadora no espectro conservador-liberal, ainda que se posicione mais para o lado de Leandro Narloch, com seu texto “Narloch x Olavo de Carvalho. Ou: O problema não é a imigração, mas o “Estado benfeitor”, publicado em 10/12/2015, em seu blog, na Gazeta do Povo.

4.3 A Configuração Funcional da Argumentação: Bolsonaro, Narloch, Carvalho, Insurgência e Constantino

Nesta seção, iremos analisar a configuração funcional dos movimentos argumentativos epistêmicos e práticos orientados ao debate sobre a imigração Sul-Sul no Brasil. Em geral, buscaremos respeitar a ordem de publicação dos textos, uma vez que,

⁶⁷ **Fonte:** DIÁRIO da Insurgência. O erro de Leandro Narloch sobre a imigração. **DI.** Dez. de 2015. Disponível em: diariodainsurgencia.blogspot.com/2015/12/o-erro-de-leandro-narloch-sobre.html. Acesso em 07 de julho /de 2018.

⁶⁸ **Cf:** INSTITUTO Milenium. Rodrigo Constantino. **Imil.** Disponível em: <https://www.institutomilenium.org.br/author/rodrigo-constantino/>. Acesso em 07 de julho de 2018.

⁶⁹ **Cf:** NOGUEIRA, Paulo. Os novos trombones da direita. **Revista Época.** Abr. de 2012 Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2012/04/os-novos-trombones-da-direita.html>. Acesso em 07 de julho de 2018.

por se tratar de uma polêmica em rede, os textos posteriormente publicados tendem a responder a textos anteriores da cadeia, seja assinalando concordância, seja sinalizando discordância, em maior ou menor grau. São exceções a esse procedimento os dois primeiros textos de Bolsonaro e de Narloch, uma vez que podemos entender a segunda publicação como um esclarecimento e um detalhamento concernente ao primeiro texto publicado por cada um desses autores.

O quadro abaixo indica os agrupamentos realizados para analisarmos a configuração funcional:

Quadro 11. Correspondência de textos do *corpus* e *layouts*

Textos integrantes do <i>corpus</i>	Layouts da Análise Funcional da Argumentação
Bolsonaro 1 e 2	Bolsonaro 1-2
Narloch 1 e 2	Narloch 1-2
Carvalho 1	Carvalho 1
Narloch 3	Narloch 3
Narloch 4	Narloch 4
Insurgência 1	Insurgência 1
Constantino 1	Constantino 1
Narloch 5	Narloch 5

Fonte: Elaboração própria

Organizaremos a seção da seguinte maneira: cada subseção comporta a análise de um movimento argumentativo, correspondente às divisões do quadro anterior. Em primeiro lugar, inserimos os textos completos, seguidos do diagrama representando a desconstrução do movimento argumentativo; posteriormente, realizamos uma discussão qualitativa do diagrama entremeada pelo posicionamento crítico diante dos dados.

Isso posto, passamos à análise dos dados.

4.3.1 A configuração funcional da argumentação prática nos textos de Bolsonaro 1-2

Seguem abaixo os dois exemplares textuais de autoria de Jair Bolsonaro, bem como o *layout* da configuração funcional que sintetiza o movimento argumentativo realizado em ambos os textos:

[Bolsonaro 1] – Ouça entrevista em que Bolsonaro chama refugiados de “escória” e sugere infarto a Dilma

Frederico Vitor entrevista Jair Bolsonaro

FV: o senhor é oficial do exército forjado na academia militar das Agulhas Negras como é que o senhor ava/avalia hoje a situação das nossas forças armadas?

JB: completamente desaparelhada

FV: aham

JB: tudo canibalizado é:: vivendo aqui... um recruta ganhando à base do salário mínimo
 FV: aham
 JB: sendo dispensado quatro meses por ano por falta de almoço na maioria das cidades brasileiras
 FV: sim
 JB: o orçamento cortado paro ano que vem ou nós das forças armadas incorporaremos menos de cento e dez ou seremos obrigados dá dá meio expediente a partir de fevereiro pra todos ou seja o filho do pobre que vai prestar o serviço militar obrigatório vai pra casa com fome eu acho que.. não sei qual é a adesão dos comandantes
 FV: uhum
 JB: mas caso venham a reduzir o efetivo é menos gente na rua pra fazer frente aos marginais do MST que são engordados agora por senegaleses... haitianos... iranianos... bolivianos e tudo que é escória do mundo né? e agora tá chegando os sírios também aqui a escória do mundo está chegando aqui no nosso Brasil como se nós já não tivéssemos problemas demais pra resolver este é um grande problema que nós podemos ter assim como a luta armada começou em 66
 FV: aham
 JB: e eles não tavam tão aparelhados assim e por isso foram derrotados
 FV: sim
 JB: agora eles tão muito melhores preparados do que nós e o que é o pior
 FV: hã
 JB: a ministra da defesa Eva Chiavon⁷⁰ sabe tudo ao nosso respeito
 FV: entendido [...]

[Bolsonaro 2] – Refugiados e Bolsonaro: a verdade

Jair Bolsonaro

JB: O Norte da África vive atualmente uma situação político-terrorista o termo é exatamente esse... onde gente de tudo quanto é... origem... e credo está saindo daquela região que transformou-se na sala do inferno... obviamente junto com essas pessoas muitas de bem outras de péssima índole embarcam nessa onda estão... na verdade se imiscuindo no mundo todo... a presidente Dilma Rousseff... a poucos dias declarou em um jornal de São Paulo onde ela claramente se mostrava de braços abertos para sírios adentrar no Brasil logicamente não podemos admitir isso junto com algumas pessoas de bem outras com esse tipo de formação de cultura completamente diferente da nossa virão pra cá estamos vendo aqui que o Estado Islâmico está cada vez mais jogando infiltrando gente sua nessas verdadeiras diásporas que está acontecendo naquela região cê pode ver algum cubano que está nesse programa conhecido como Mais Médicos caso peça asilo no nosso país ele terá? não terá pessoa de boa índole não é bem-vinda no Brasil e o governo está usando... esta questão terrorista... política do norte da África para importar junto com pessoas de bem a escória do mundo os integrantes do Estado Islâmico que inclusive no tratamento no tocante às mulheres né não se coadunam com a nossa educação aqui com a nossa cultura mulher pra eles é lixo você acha que essas pessoas né a parte

⁷⁰Aqui denominada ministra da defesa, Eva Chiavon nunca ocupou tal cargo. Parece-nos que Bolsonaro está usando de ironia para, talvez, desqualificar o ministro da defesa à época, Jaques Wagner (uma das figuras emblemáticas filiadas ao PT) ou sugerir que era a secretária-geral quem comandava o ministério. PORTAL vermelho. Eva Chiavon assume a secretaria-geral do Ministério da Defesa. **PV**. Jan. de 2015. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/257828-1>. Acesso em 25 de julho de 2018.

dessas pessoas a escória vindo pra cá como mais cedo ou mais tarde começa a tratará tratar a nossa mulher no Brasil até a questão dos homossexuais que tanto me atacam como eles são tratados lá são mortos decapitados jogados de cima de prédio... esse tipo de gente sem qualquer controle cê quer que venha pra cá? pode inventar mais uma calúnia a respeito da minha pessoa se depender de mim não virão pra cá sem um rígido de controle de sua vida pregressa de sua cultura de sua educação de seus costumes que não podemos colocar a nossa sociedade à mercê dessa minoria esCÓria que vai se juntar a outra escória que está no Brasil muitos coligados ao PT para impor o terror aqui em nosso meio.

Figura 12. *Layout de Argumentação Prática de Bolsonaro 1-2*

Fonte: Elaboração própria a partir do *software yEd Graph Editor*

O discurso de Bolsonaro consiste em uma instância de argumentação prática, centralizado em uma **Proposta de Ação (PdA)** que parece atuar como alternativa à proposta do governo petista comandado por Dilma Rousseff (PT) à época, como podemos constatar no fragmento abaixo:

... a presidente Dilma Rousseff... a poucos dias declarou em um jornal de São Paulo onde ela claramente se mostrava de braços abertos para sírios adentrar no Brasil... logicamente não podemos admitir isso junto com algumas pessoas de bem outras com esse tipo de formação de cultura completamente diferente da nossa virão pra cá

Logo, a política do PT, segundo Bolsonaro, vai ao encontro de uma atitude de abertura e de acolhimento aos imigrantes e refugiados do “Sul”. Como a polêmica se dá em termos de argumentação prática, justifica-se a produção do esquema anterior tendo como base as categorias elencadas em Fairclough e Fairclough (2012), discutidas na subseção 3.1.2.

Começaremos a análise a partir da **Proposta de Ação (PdA)** de Bolsonaro que propõe uma filtragem rígida da entrada de imigrantes, inicialmente, senegaleses, haitianos, iranianos, bolivianos e sírios, e, posteriormente, apenas os imigrantes do “Norte da África”, em especial, – ainda que dentre os grupos citados nenhum país esteja localizado ao Norte da África, mas sim no Oeste da África, no Oriente Médio, no Caribe e na América do Sul. Independentemente das incoerências em relação à localização geográfica do grupo, o deputado federal preconiza um controle rigoroso de suas “vidas pregressas”, que se dá, basicamente, por meio da análise de três aspectos do imigrante: sua cultura, sua educação e seus costumes. Tal meio de controle em nenhum momento é explorado pelo parlamentar, bem como a maneira de efetivar seu plano. Tal medida será altamente criticada por textos posteriores, porém, basta, por ora, dizermos que tal medida demandaria maior burocracia e investimento de dinheiro para que seja realizada.

As **Consequências Positivas (CPs)** que Bolsonaro apresenta são totalmente galgadas em seu **Valor (V)** relativo à “segurança” nacional, que, segundo ele, parece estar sob iminente ameaça. Por tal, é importante salientarmos que o tema da imigração surge à sombra do tema de aparelhamento e de um possível corte de orçamento nas Forças Armadas, e não necessariamente como uma preocupação genuína que se sustenta por si só. Desse modo, no ponto de vista do deputado, caso o Estado enfraqueça as Forças Armadas com cortes de orçamento, o país estará vulnerável às ações de grupos com

potencial marginalidade, como o Estado Islâmico⁷¹, grupo terrorista responsável por várias atrocidades contra civis no Oriente Médio e na Europa, que poderia, ao se “infiltrar” em grupos de refugiados, impor terror no Brasil.

Os refugiados, nesse caso, saem de seus países de origem devido à guerra causada pelo EI, entretanto, pelo fato de muitos integrantes do EI serem originários dos mesmos países que os refugiados faz com que um militante do EI não tenha dificuldade em se infiltrar nesses grupos, visando, no país de destino, perpetuar terror, como o próprio movimento já declarou.

O **Objetivo (O)** que informa a **PdA** comporta o elemento central que serviu de combustível para a nossa polêmica. Ao categorizar, em uma entrevista, os imigrantes senegaleses, haitianos, iranianos, bolivianos e sírios como “escória⁷²”, associando-os à criminalidade e defendendo uma política orientada a barrar ou filtrar severamente sua entrada, Bolsonaro causou reações discursivas diferenciadas em diversos meios, principalmente no âmbito da dita direita, englobando **conservadores** e **liberais**, em diversas mídias, principalmente as virtuais.

Sobre os grupos representados como “escória”, podemos constatar no excerto abaixo de [Bolsonaro 1], uma generalização, seguida de um raciocínio causal, na medida em que se é senegalês, haitiano, iraniano, boliviano ou sírio, é “escória”; e, se é “escória”, será absorvido por grupos vistos como marginais por Bolsonaro, como é o caso do Movimento Sem Terra (MST). Vejamos a seguir a colocação de Bolsonaro:

É menos gente na rua para fazer frente aos marginais do MST que são engordados agora por senegaleses... haitianos... iranianos... bolivianos e tudo que é escória do mundo né? e agora tá chegando os sírios também aqui... a escória do mundo está chegando aqui no nosso Brasil.

⁷¹ O Estado Islâmico (EI) é um grupo militante islâmico sunita comprometido com o estabelecimento de um califado islâmico que uniria muçulmanos em um estado islâmico transnacional e estrito-fundamentalista. E.I é ativo principalmente no Iraque e na Síria, mas declarou como objetivo estender seu alcance a outros países no Mediterrâneo Oriental. Sua origem se deu em Al-Tawhid wa al-Jihad, fundada após a invasão do Iraque (2003) pelos E.U.A [...]. ISLAMIC STATE. In: **The Columbia Encyclopedia**. 6. ed. *Encyclopedia.com*. Disponível em <https://www.encyclopedia.com/reference/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/islamic-state>. Acesso em 18 de julho de 2018.

⁷² “Escória”, segundo o *Dicionário Houaiss*(2009), tem cinco definições, porém só trabalharemos com a terceira, quarta e quinta, elencadas abaixo:

3 fig. a parte mais desprezível *«essa gente é a escória da vida política nacional»*

4 fig. coisa ou indivíduo reles, desprezível *«esse sujeito é escória, livre-se dele»*

5 metal subproduto metalúrgico formado esp. de silicatos

Podemos notar que, em sua origem, o termo fazia referência a um “subproduto metalúrgico”, porém, ao longo dos anos, consagrou-se como uma expressão para se referir, de forma figurativa, ao que é “reles”, “desprezível” ou “mais desprezível”.

Devido à polêmica, em seguida, Bolsonaro grava um vídeo em que tenta explicar o que considera como “escória” em relação aos imigrantes que têm como destino o Brasil. Em sua explicação, o parlamentar limita o termo apenas às “pessoas de péssima índole” que podem se infiltrar nos demais grupos de imigrantes/refugiados, como podemos ver a seguir:

obviamente junto com essas pessoas muitas de bem outras de péssima índole embarcam nessa onda estão... na verdade se imiscuindo no mundo todo... a presidente Dilma Rousseff... a poucos dias declarou em um jornal de São Paulo onde ela claramente se mostrava de braços abertos para sírios adentrar no Brasil⁷³ logicamente não podemos admitir isso junto com algumas pessoas de bem outras com esse tipo de formação de cultura completamente diferente da nossa virão pra cá... estamos vendo aqui que o Estado Islâmico está cada vez mais jogando infiltrando gente sua nessas verdadeiras diásporas que está acontecendo naquela região.

Nesse excerto, podemos reafirmar o contraponto entre a visão de Dilma Rousseff e Jair Bolsonaro. Este último se coloca de forma antagônica em relação à declaração da mandatária em dois sentidos: em primeiro lugar, ao conceber que a vinda de “algumas pessoas de bem” implicaria a vinda de infiltrados com intenções terroristas; em segundo lugar, ao sugerir que o Estado seja incompetente ou mesmo leniente em relação ao terrorismo, na medida em que constrói a visão de que o governo não consegue fazer um controle eficaz da entrada de imigrantes, ainda que seja capaz de fazê-lo, conforme fica claro quando observamos a construção das **Circunstâncias (Cs)** na Figura 12.

O antagonismo apresentado consiste na polarização Esquerda x Direita recorrente desde o início da polêmica e que é associada pelos atores sociais da direita a seus interlocutores com o objetivo de enfraquecer, de forma provocativa, argumentos que difiram dos ideais do seu conceito de direita.

Em seguida, comentamos sobre a relação implícita de **Meio-Fim (M-F)**, que sustenta a ancoragem da **PdA** de Bolsonaro, a partir da conexão entre **C₁**, **C₂** e **O**, que, por sua vez, é condicionado por um importante **V** para o grupo conservador - a segurança. Logo, o **M-F** do *layout* de Bolsonaro prevê que um “filtro rígido” da entrada de imigrantes no país poderá prevenir o acesso ao país por infiltrados que, para o deputado potencializarão a criminalidade e a violência.

Em suma, Bolsonaro, militar de carreira e político, lança luz a uma questão debatida no Brasil à época devido à ameaça à segurança internacional ocasionada pelos ataques terroristas no exterior, em sua maioria reivindicados pelos Estado Islâmico, como

⁷³ Cf. FOREQUE, Flávia. Brasil está de 'braços abertos' para receber refugiados, afirma Dilma. **Folha de São Paulo**. Set. de 2015. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/09/1678709-brasil-esta-de-bracos-abertos-para-receber-refugiados-afirma-dilma.shtml>. Acesso em 23 de julho de 2018.

o ataque ao semanário Charlie Hebdo (07/01/2015)⁷⁴ em Paris, o atentado em Saint-Quentin Fallavier (26/06/2015)⁷⁵ e a explosão da mesquita xiita no Kuwait também em (26/06/2015)⁷⁶. Esse contexto, somado à colocação do parlamentar sobre o enfraquecimento das Forças Armadas, por meio de um possível corte de verbas por parte do governo do PT, aumenta, na sua visão, a periculosidade de grupos de refugiados que escolham o Brasil como seu país de destino, bem como potencializa uma aversão a eles. Desta forma, Bolsonaro coloca em xeque dois traços identitários importantes dos brasileiros: a cordialidade e a hospitalidade, conforme postula Sérgio Buarque de Holanda em seu livro *Raízes do Brasil* (1936) como podemos ver no seguinte excerto:

A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. (HOLANDA, 1995[1936], p. 146)

Consequentemente, a ideia de um Brasil ainda cordial, aberto ao estrangeiro, se mostra irreal na visão de Bolsonaro devido aos riscos que esses grupos podem nos oferecer. Sobre a questão de seu espectro político, podemos dizer que, ao comungar de valores pujantes na direita, caracterizados por uma visão conservadora de bloqueio da imigração e por seu ponto de vista sobre a função do Estado (no caso, exercer eficazmente a filtragem rígida ou até mesmo o bloqueio por meio burocráticos de imigrantes/refugiados de certos países), Bolsonaro insere-se na **direita conservadora** com um viés **militarista**.

De acordo com Robertson (2004), é difícil definir o **conservadorismo**, pois essa teoria política, surgida no século XVIII para fazer frente aos racionalistas do **Iluminismo** e às forças radicais da **Revolução Francesa**, rejeita ideologias explícitas, ao passo que prefere o pragmatismo no que se refere à política. Essa dificuldade se acirra porque sociedades e gerações diferentes não procuram, necessariamente, preservar as mesmas concepções. Ainda segundo Robertson (2004, p. 112, tradução livre), vemos que

⁷⁴ Cf. Ataque em sede do jornal Charlie Hebdo em Paris deixa mortos. **G1**. (07/01/2015). Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/tiroteio-deixa-vitimas-em-paris.html>>. Acesso em: 25 de julho de 2018.

⁷⁵ Cf. Atentado terrorista deixa um morto e feridos em usina na França. **G1**. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/06/atentado-contra-usina-na-franca-deixa-um-morto-e-varios-feridos.html>. Acesso em 25 de julho de 2018.

⁷⁶ Cf. Explosão em mesquita xiita deixa vítimas no Kuwait. **G1**. (26/06/2015). Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/06/explosao-em-mesquita-xiita-deixa-vitimas-no-kuwait.html>. Acesso em: 25 de julho de 2018.

os conservadores não se opõem necessariamente à mudança em si, mas são céticos quanto às tentativas de moldar uma sociedade perfeita de acordo com algum modelo pré-existente. Eles também tendem a acreditar que o homem é defeituoso por fraquezas que tornam certos objetivos ideais ilusórios, embora nem todos os principais pensadores conservadores relacionem esse ponto de vista com a noção cristã do Pecado Original. Eles consideram que seu apoio à tradição reflete sua humildade diante da experiência das gerações anteriores - uma experiência que eles acreditam estar cristalizada nas instituições.⁷⁷

Sobre suas características e sobre os partidos europeus em que se manifesta, o professor de Oxford afirma que

na Europa continental, os partidos que compartilham valores conservadores normalmente não se consideram conservadores. A maioria preferiu usar termos como democrata-cristão, ou, como na tentativa de recriar o já extinto Partido Cristão Democrata Italiano, o "Partido do Povo". Na França, o gaullismo, como a principal força conservadora, usou o apelo do conservadorismo à unidade nacional e ao patriotismo, tanto em seus rótulos quanto em grande parte de seu apelo eleitoral.⁷⁸ (ROBERTSON, 2004 p. 112, tradução livre)

O **conservadorismo** é tanto “uma questão de perspectiva e reação pessoal quanto um credo particular” (ROBERTSON, 2004, p. 112, tradução livre)⁷⁹. Dessa forma, “faz sentido, [...], falar da ala conservadora de um partido socialista, por exemplo, enfatizando a importância da experiência, tradição socialista, respeito à continuidade organizacional e assim por diante” (ROBERTSON, 2004, p. 112, tradução livre)⁸⁰.

David Robertson (2004) também cita dois autores conservadores. O primeiro, na Grã-Bretanha, Edmund Burke, publicou o livro *Reflections on the Revolution in France* em que enfatizou “a importância de tradições, instituições e mudanças evolucionárias

⁷⁷ No original: Conservatives do not necessarily oppose change in itself, but they are sceptical about attempts to fashion a perfect society in accordance with some pre-existing model. They also tend to believe that man is flawed by weaknesses that make certain ideal goals illusory, although not all of the major conservative thinkers relate this view to the Christian notion of Original Sin. They regard their support for tradition as reflecting their humility in the face of the experience of earlier generations—an experience which they believe to be crystallized in institutions.

⁷⁸ No original: . In continental Europe the parties which share conservative values have typically not called themselves conservative. Most have preferred to use terms like Christian Democrat, or, as with the attempt to re-create the now defunct Italian Christian Democratic Party, the ‘People’s Party’. In France Gaullism, as the main conservative force, has used conservatism’s call to national unity and patriotism both in its labels and in much of its electoral appeal.

⁷⁹ No original: is as much a matter of personal outlook and reaction as a particular creed.

⁸⁰ No original: it makes sense, therefore, to talk about the conservative wing in a socialist party, for example, stressing the importance of experience, socialist tradition, respect for organizational continuity and so on.

opostamente a ideias abstratas, individualismo e sistemas políticos desenhados artificialmente⁸¹” (ROBERTSON, 2004, p. 112, tradução livre).

O segundo autor, por sua vez, é o francês Joseph de Maistre, que “forneceu uma versão mais reacionária do **conservadorismo** em ensaios que defendiam uma autoridade estabelecida contra ideias revolucionárias. Ele também enfatizou a necessidade de ordem e a importância de traços nacionais específicos em um dado sistema político ⁸²” (ROBERTSON, 2004, p. 112, tradução livre).

De alguma forma, parece-nos que o conservadorismo do qual Bolsonaro comunga tem pontos em comum com a visão de Joseph de Maistre por seu teor mais reacionário caracterizado pelo combate a ideias revolucionárias (caso do comunismo/socialismo) e à necessidade de enfatizar a “ordem” por meio de uma figura autoritária, e também por um pseudo-nacionalismo.

4.3.2 A configuração funcional da argumentação prática de Narloch 1-2

Abaixo temos os dois exemplares textuais de autoria de Leandro Narloch, bem como o *layout* da configuração funcional que sintetiza o movimento argumentativo realizado em ambos os textos:

<p>[Narloch 1] – Deixe a escória entrar, Bolsonaro. Pois faremos com ela um grande país</p> <p>Ao chamar os imigrantes sírios e haitianos de “escória do mundo” e compará-los a “marginais do MST”. Bolsonaro trai o capitalismo que ele próprio diz defender</p> <p style="text-align: center;"><u>Leandro Narloch</u></p> <p>O deputado Jair Bolsonaro está como a economia brasileira. Quando todo mundo acha que não tem como piorar, ele dá um jeito de cometer uma tolice ainda mais terrível que as anteriores. Nesta semana, durante uma entrevista para o <i>Jornal Opção</i>, de Goiás, Bolsonaro disse:</p> <p><i>Não sei qual é a adesão dos comandantes, mas, caso venham reduzir o efetivo [das Forças Armadas] é menos gente nas ruas para fazer frente aos marginais do MST, dos haitianos, senegaleses, bolivianos e tudo que é escória do mundo que, agora, está chegando os sírios também. A escória do mundo está chegando ao Brasil como se nós não tivéssemos problema demais para resolver.</i></p> <p>É isso mesmo: Bolsonaro comparou imigrantes, gente que atravessa mares e percorre países a pé para encontrar um trabalho, com “marginais do MST” interessados em privilégios do governo e em tirar riquezas dos outros.</p> <p>É verdade que haitianos e bolivianos são a escória do Brasil de hoje. Assim como poloneses, japoneses, alemães e italianos (alguns deles de sobrenome “Bolsonaro”) eram a escória da</p>
--

⁸¹ No original: the importance of traditions, institutions and evolutionary change as opposed to abstract ideas, individualism and artificially designed political systems.

⁸² No original: provided a more reactionary version of conservatism in essays which defended established authority against revolutionary ideas; he emphasized the need for order and the importance of the specific national traits in a given political system.

sociedade brasileira há um século. O deputado costuma atacar o governo comunista de Cuba e defender o capitalismo. Pois não há força mais capitalista que a dos imigrantes. Ninguém representa tão bem a vontade de vencer pelo próprio trabalho. Eu, Bolsonaro e quase todos os brasileiros que eu conheço são descendentes de gente miserável que chegou ao Brasil aceitando qualquer subemprego. Em poucas gerações, essa gente enriqueceu mais que os nativos. Em Londres, judeus e sikhs eram os grupos mais pobres no começo do século 20. Hoje são os mais ricos. Nos Estados Unidos, chineses e irlandeses sofriam tanta discriminação quanto os negros. Muitas empresas anunciavam empregos com a sigla NINA (*No Irish Need Apply*, “irlandeses não devem se candidatar”). Hoje chineses e irlandeses são mais ricos que a média dos americanos. No Brasil, imigrantes sírios e libaneses construíram o melhor hospital do país. Economistas estão cansados de dizer que imigrantes não são um problema, mas a solução. Em maioria adultos jovens, contribuem mais em impostos do que gastam em serviços públicos. Ao ocupar vagas de baixa qualificação, liberam os brasileiros para trabalhos mais produtivos. Se Bolsonaro gosta mesmo do capitalismo, deveria se inspirar no poema “O Novo Colosso”, gravado ao pé da Estátua da Liberdade, e proclamar na Câmara dos Deputados: “Dêem-me os cansados, os pobres, suas massas apinhadas, que anseiam por respirar a liberdade. Faremos com eles um grande país”.

**Adendo: [neste vídeo](#), Bolsonaro afirma que se expressou mal ao usar o termo “escória”. Defende a entrada de imigrantes mas se diz preocupado com terroristas infiltrados entre eles.*

[Narloch 2] – A livre imigração é uma bandeira da esquerda ou da direita?

Ao se opor à imigração, a direita brasileira adere à caricatura que a esquerda lhe atribui

Leandro Narloch

Meu [post anterior](#)⁸³ provocou a fúria de eleitores e seguidores do deputado Jair Bolsonaro. Foram mais de duzentos comentários, muitos deles afirmando que virei um cara de esquerda ao criticar o deputado e defender portas abertas para imigrantes haitianos, bolivianos e sírios. Com respeito aos críticos, preciso dizer que acredito no contrário: ao se opor aos imigrantes, Bolsonaro está deixando seu lado esquerdista sair do armário.

Em 1980, Ronald Reagan e George Bush disputavam a vaga de candidato do Partido Republicano à presidência dos Estados Unidos.

Durante [um debate](#)⁸⁴, alguém perguntou a opinião dos dois sobre a imigração. Os dois políticos da direita, que mandariam nos Estados Unidos até 1992, se disseram favoráveis. “Tornamos ilegais alguns tipos de trabalho que eu gostaria de ver legalizados”, disse Bush. Reagan afirmou que os Estados Unidos deveriam “tornar possível para eles [os imigrantes] virem para cá e trabalhar legalmente com um visto e pagar impostos aqui. E se eles quiserem voltar, que voltem. Podem passar. Abram as fronteiras nas duas direções”.

Como Reagan e Bush, Milton Friedman, o pai do neoliberalismo, defendia a imigração – mas não qualquer tipo de imigração, apenas a ilegal. “É uma coisa boa ter imigrantes ilegais”, [ele dizia](#)⁸⁵. “É bom para os Estados Unidos. É bom para os cidadãos do país. Mas só é bom se for imigração ilegal”. Friedman acreditava que a imigração legal é incompatível com o estado de bem-estar social: é preciso escolher um dos dois.

Seriam Bush-pai, Ronald Reagan e Milton Friedman três caras de esquerda? A imigração em massa sabota diversas bandeiras da esquerda. Aumenta a estatística de

⁸³ NARLOCH, Leandro. Deixe a escória entrar Bolsonaro, pois faremos com ela um grande país. **Veja**. set. 2015. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/deixe-a-escoria-entrar-bolsonaro-pois-faremos-com-ela-um-grande-pais/>. Acesso em 16 de julho de 2018.

⁸⁴ Cf. WALKER, Jesse. Friday A/V Club: Ronald Reagan Says 'Open the Border Both Ways'. **Reason**. nov. 2014. Disponível em: <https://reason.com/blog/2014/11/21/friday-av-club-what-gop-immigration-poli#z0rdk8:Owgq>. Acesso em 16 de julho de 2018.

⁸⁵ Cf. FRIEDMAN on immigration and the welfare state. **Open Borders**. Disponível em: <https://openborders.info/friedman-immigration-welfare-state/>. Acesso em 16 de julho de 2018.

desigualdade, pressiona para baixo o salário de trabalhadores pouco qualificados, enfraquece os sindicatos e diminui a aceitação do povo a políticas de transferência de renda. O economista Erzo Luttmer mostrou em 2001 que, nos Estados Unidos, o valor dos programas de redistribuição de renda é menor nos estados onde a população é mais diversa. “Se indivíduos preferem contribuir para sua própria raça, etnia ou grupo religioso, eles optam por menos redistribuição quando membros de seu grupo constituem uma parte menor dos beneficiários”, diz ele. Quer diminuir o peso do Estado? Diversifique a população. Controlar a imigração é aderir ao dirigismo e à engenharia social, duas práticas tipicamente de esquerda tão combatidas por Edmund Burke, o pai do conservadorismo britânico. “O que eu não entendo é por que a esquerda apoia a imigração”, diz o jornalista Ed West no [Telegraph](#)⁸⁶, o jornal da direita britânica. Ao se opor à imigração, a direita brasileira cai na caricatura que a esquerda tenta lhe atribuir. Dá munção à ideia de que “a direita é contra os pobres”. Não, a direita não é contra os pobres, mas contra os pobres que querem ganhar dinheiro pela expropriação, e não pelo esforço próprio. Não é o caso dos imigrantes.

⁸⁶ Apesar de Narloch indicar que o artigo é do jornal *Telegraph*, o hiperlink nos direciona para a página inicial do jornal: <https://www.telegraph.co.uk/opinion/>, contudo, encontramos o artigo **How did opening borders to mass immigration become a ‘Left-wing’ idea?** de Ed West, disponível em: <http://churchandstate.org.uk/2016/02/how-did-opening-borders-to-mass-immigration-become-a-left-wing-idea/>. Acesso em 16 de julho de 2018.

Figura 13. *Layout de Argumentação Prática de Narloch 1-2*

Fonte: Elaboração própria a partir do *software yEd Graph Editor*

O articulista curitibano tem uma **PdA** que claramente confronta a **PdA** de Bolsonaro, uma vez que Narloch se mostra favorável à liberação da entrada de imigrantes para o Brasil. À primeira vista, a medida pode até parecer extrema, porém quando averiguamos as **Cs** criadas por Narloch, a **PdA** justifica-se, pois, em sua visão, os imigrantes não oferecem perigo à população – tal ideia, Narloch expõe contrapondo o MST, “marginais interessados em privilégios do governo e em tirar riqueza dos outros”, aos imigrantes “gente que atravessa mares e percorre países a pé para encontrar trabalho” – e pelo fato de acreditar que o Brasil tem “condições” suficientes para acolhê-los.

A pergunta que nos surge neste ponto é: por que o Narloch seria pró-imigração, sendo que esta é uma bandeira do governo petista, contra o qual o autor continuamente se posiciona? Inicialmente, vejamos que as **CPs** que o colunista elenca são voltadas ao gasto e à arrecadação de impostos pelo Estado. Desta forma, quando Narloch pontua que os imigrantes são, em sua maioria, jovens, prevê que eles pagarão mais impostos ao governo do que gastarão ao utilizar serviços públicos como atendimento médico etc, ou seja, aumentarão o saldo do governo (ainda que tal acepção seja reducionista e desumanizadora, pois o imigrante é limitado a seu potencial de “valor econômico”. A segunda **CP** é menos clara porque ao dizer que os imigrantes “liberam” os brasileiros para trabalhos “mais produtivos” ao ocuparem vagas de “baixa qualificação”, não se fala como isso aconteceria, pois se um brasileiro é capacitado para um trabalho de alta qualificação, mas não o tem devido à crise financeira, não é a vinda de imigrantes que criará tal vaga – talvez fosse mais viável dizer que os imigrantes ocupariam as vagas menos quistas pelos nativos ou algo similar. Vejamos, a seguir, quais são os **Vs** em jogo nesse texto.

Podemos verificar que os **Vs** de Narloch são divididos em dois blocos: o primeiro concerne à liberdade de ir e vir do **imigrante**, e o segundo diz respeito à forma positiva com que concebe o **imigrante**, construindo-o como representante ímpar da “vontade de vencer pelo próprio trabalho”; assim, os **Vs** que subjazem a essa declaração relacionam-se com os **Vs** intrínsecos ao próprio capitalismo neoliberal: trabalho, esforço e mérito, segundo o autor. É pelo esforço de busca de um trabalho melhor que o imigrante consegue seu mérito – é necessário notarmos que, se estamos falando de imigrantes ou refugiados que não estivessem em plenas condições para o trabalho, eles já não seriam bem-vindos, pois o **O** de Narloch é fazer com que o Brasil progrida e assim cresça economicamente e não gerar gastos com pessoas que não possam colaborar com esse progresso. Como podemos observar na argumentação do jornalista, a liberação da entrada de **imigrantes** é

o **meio** pelo qual ele prevê o **fim** – o Brasil progredindo –, formando nosso **M-F** argumentativo virtual.

Notemos também que um segundo questionamento, agora de Narloch, sobre os grupos a favor da imigração inquirir a razão de o governo do PT, pressupostamente de esquerda, ser a favor dela, como pode ser visto no seguinte excerto:

A imigração em massa sabota diversas bandeiras da esquerda. Aumenta a estatística de desigualdade, pressiona para baixo o salário de trabalhadores pouco qualificados, enfraquece os sindicatos e diminui a aceitação do povo a políticas de transferência de renda

Nele, o colunista, à época, da revista Veja, se pergunta por qual motivo a esquerda é a favor da imigração, uma vez que uma possível “imigração em massa” ameaçaria a estabilidade de seu governo, por vários motivos, como: agravamento da desigualdade (tópico não aprofundado); redução de salários de trabalhadores mais vulneráveis (provavelmente porque a oferta de mão-de-obra cresce); precarização das associações pró trabalhadores (também não aprofundado) e o fato de a imigração tornar a população de seu país menos favorável a políticas públicas em prol de distribuição de renda (cita estudo de Erzo Luttmer (2001) que constatou que, nos Estados Unidos, “o valor dos programas de distribuição de renda é menor nos estados onde a população é mais diversa”).

Após essa etapa, Narloch se preocupa em, à luz de nomes notáveis da direita e do liberalismo americano – Reagan, Bush e Friedman –, justificar seu ponto de vista, ainda que não fique claro seu objetivo em relação à imigração legal, uma vez que a declaração de Bush relaciona-se à possibilidade de legalização de tipos de trabalhos que os Estados Unidos tornariam legais por meio da imigração; a de Reagan preconiza a liberdade entre fronteiras com o objetivo de atrair imigrantes que paguem impostos em seu país; e a de Friedman, “pai do neoliberalismo”, advoga a favor da imigração ilegal, na medida em que ela exige menor responsabilidade do Estado.

Deixando o núcleo político norte-americano, passemos à forma com que Narloch questiona o posicionamento de Bolsonaro quando diz que “ao se opor aos imigrantes, Bolsonaro está deixando seu lado esquerdista sair do armário”.

Como mencionado anteriormente, associar os valores de esquerda a alguma das figuras da polêmica é uma estratégia recorrente que não visa apenas atacar a imagem do interlocutor, mas também enfraquecer seus argumentos, subtraindo-lhes credibilidade. Contudo, Narloch vai além, porque não nos parece fortuito que o jornalista tenha selecionado a construção “sair do armário”.

Quando ele usa tal expressão para se referir à proximidade do ponto de vista do parlamentar com os ideais esquerdistas, Narloch lança mão de uma expressão comumente utilizada pela comunidade LGBTQ para se referir ao ato de alguém anunciar publicamente sua orientação sexual ou identidade de gênero. Tal escolha nos parece ter um tom provocador que dialoga com as polêmicas que Bolsonaro cria com declarações conservadoras em relação à comunidade LGBTQ. Seu objetivo seria algo como criar um efeito vexatório ao dizer que Bolsonaro saiu do armário, seja pela razão que for. É importante ressaltar que se a aproximação com ideais esquerdistas pareça ao jornalista algo condenável, não fica claro seu ponto de vista em relação à comunidade LGBTQ, uma vez que o tom vexatório viria da visão de Bolsonaro e de seus eleitores/seguidores sobre esse grupo.

Outra questão importante que temos que abordar sucintamente é um dos símbolos evocados por Narloch para reafirmar seu compromisso com a liberdade de circulação de pessoas entre nações, o poema “O Novo Colosso”⁸⁷, gravado aos pés da Estátua da Liberdade em Nova York. Reproduzimos abaixo o poema de Emma Lazarus⁸⁸ (1883):

The New Colossus

Not like the brazen giant of Greek fame,
With conquering limbs astride from land to land;
Here at our sea-washed, sunset gates shall stand
A mighty woman with a torch, whose flame
Is the imprisoned lightning, and her name
Mother of Exiles. From her beacon-hand
Glowes world-wide welcome; her mild eyes command
The air-bridged harbor that twin cities frame.
"Keep ancient lands, your storied pomp!" cries she
With silent lips. "Give me your tired, your poor,
Your huddled masses yearning to breathe free,
The wretched refuse of your teeming shore.
Send these, the homeless, tempest-tost to me,
I lift my lamp beside the golden door!"

Nele, podemos ver, brevemente, alguns valores que transpassarão todo o discurso narlochiano. O primeiro símbolo que o poema carrega é o de seu local – um dos

⁸⁷ BEYOND measure media. “The New Colossus” by Emma Lazarus, Statue of Liberty poem. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=InHwqbhPak4>. Acesso em 25 de julho de 2018.

⁸⁸ Cf. Emma Lazarus, Poet of the Huddled Masses. Disponível em: <http://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=6359435>. Acesso em 18 de dezembro de 2016.

marcos máximos dos valores norte-americanos – a estátua que representa a liberdade prezada tanto pelos estadunidenses quanto por Narloch. Nessa análise, poderíamos ir além e localizar os Estados Unidos como um dos símbolos desses valores, pois servirá, tanto a Narloch quanto a Constantino, como um norte exemplar ao Brasil.

Sobre a menção ao poema, vemos que se trata de uma maneira de reafirmação da entrada de imigrantes “cansados” e “pobres” que “anseiam pela liberdade” a ser conquistada em seu país de destino. O poema ilustra a questão da vulnerabilidade com que os imigrantes chegam em seu destino, as características que, talvez, Narloch veja como “escória”, mas ao mesmo tempo não de uma forma preconceituosa, mas com um olhar até mesmo caridoso, perpetrado pela “mulher poderosa” – “mãe dos exilados” – do qual emana um “acolhedor abraço universal”. Tal figura monumental advoga pela vinda dos refugiados e os quer acolher, sejam eles quem for, da maneira que vierem. A relação de Narloch é tão intensa com o poema que vemos que, além de usa colocação, o poema ecoa em seu título bem como no fim de seu artigo, dialogando diretamente com os versos de Lazarus, deixando claros os valores que constituem sua visão de mundo.

4.3.3 A configuração funcional da argumentação prática no texto de Carvalho 1

A seguir, temos o exemplar textual de autoria de Olavo de Carvalho, bem como o *layout* da configuração funcional que sintetiza o movimento argumentativo realizado no texto:

[Carvalho 1] – Leandro Narloch e o Politicamente Correto

Olavo de Carvalho

OC: Mas... o chamado deBate nacional ele vai enfraquecendo empobrecendo empobrecendo empobrecendo... até o poNto onde você vê opiniões assim que é:: eu quase caio de costas quando eu leio isto né... eu tava lendo o tal do Leandro Narloch.. né... ele dizia assim não pessoal tava falando mal desses haitianos... senegaleses etc... dizem que eles são a escória mas onde... ainda umas gerações atrás a escória era... os alemães os japoneses e italianos... quer dizer o o o o o... dá impressão porque são imigrantes então o preconceito entre imigrantes o cara estava raciocinando a partir.. de uma... é::... de uma similitude entre palavras... mas... imigrante escória imigrante se há imigrante chama de escória não... acontece que os japoneses italianos e alemães nunca foram chamados... como escória ao contrário eles foram chamados sobretudo... seja no começo do século seja depois pelo governo do Getúlio Vargas... porque eles iam aumentar o nível elevar elevar o nível técnico da nossa população Meu Deus do céu e eles traziam toda a tecnologia eu vi isso com meus dois olhos... quando eu participei do do do... do do recenseamento escolar no sul... no sul no sul do estado de São Paulo... a gente só via por toda a parte miséria eu contei para vocês o casal ai é::: era um sujeito branco a mulher preta e tinha lá os filhos o filho não tinha nem nome.. e e perdido no mato né tatu bola minhoca não era o cidadão brasileiro com oito ano de idade não tinha nome ainda... quer dizer era esta a miséria humana indescritível não era miséria é::: não era fome fome eles não passavam porque pescavam até comiam bem tavam bem saudável mas era a

miséria total... falta de de de recursos para agir no mundo... né e depois vários dias no mato vendo aqueles caixas tudo ferrado... né tudo de de pé no chão cheio de bicho de pé né é::... sem entender nada perdido no mato né perdido no espaço... de repente encontramos um castelo de madeira... onde imigrantes japoneses abrigava família de quarenta membros... e onde nos ofereceram um jantar pantagruélico... hu... também tem outro episódio que foi contado pelo coronel Gustavo Borges... a aeronáutica achava que os pilotos tinham que tomar muito suco de laranja pa... por causa da visão para melhorar a visão então eles tinham lá um terreno e eles dividiram o terreno em oito pedaços... e:: venderam pros plantadores... sete dos plantadores brasileiros logo desistiram mas o oitavo plantador que era um japonês... a produção dele supria a dos outros sete e ainda sobrava para ele vender... quer dizer ele entregava para a aeronáutica o que a aeronáutica tinha combinado e fazia um comércio paralelo com ele mas você ia no terreno ali a vinte e quatro horas o trator funcionando quando não era ele era a mulher quando não era a mulher era o filho... então você vê uh capacidade de ação e técnica profissional desses imigrantes italianos alemães e japoneses era um negócio prodigioso e isso veio para ajudar o Brasil... eles não vieram para traficar tóxico... eles não vieram para entrar em programa assistencial do governo... eles vieram pra trabalhar e a ensinar os brasileiros a trabalhar quanta gente né... num não foi civilizado por alemão né... eu assim meu primeiro emprego foi com... alemão seu Karl Heiz Lochman me ensinou um bocado de coisa né... segundo emprego foi com uma família de judeus russos... hun.. também me ensinaram um bocado de coisa essa gente russo judeu alemão japonês veio para civilizar o Brasil né... não veio pra ficar se arrastando na rua cheio de cocaína na cabeça se é pra cometer crime... e entrar nos projetos assistenciais do governo então a o paralelo que o sujeito faz é inteiramente verbal... enquanto paralelo verbal parece que tá certo se o sujeito é imigrante você chama de escória então hoje são os haitianos senegaleses ontem era o japonês o italiano... mas... como é possível o nego escrever uma coisa que ele ignora tudo tudo tudo tudo tudo? é o Narloch imigrante também né... da onde é Narloch? deve ser alemão é... então olha você veja na num nas obras de Oswald de Andrade tem uma cena que é do Marco Zero... né... que... tava numa escola de interior:: né... tanto é aqueles... caipira aqueles capião aqueles filho de capião tudo magrinho passando mal e um dia um deles desmaia né... e daí desmaia de fome (risos) e daí tem o coleguinha japonês fala assim japonês trajer ranche (risos) digo olha é isso aí o Brasil era isso aí cê tá entendendo? quer dizer o japonês o alemão o judeu era elite e eles foram a imigração foi aberta a eles para isto... ha? para que eles fizesse o bem e a a a a terra onde tavam e fizeram um bem extraordinário... você vê o que que é o nosso... agronegócio hoje que é o que sustenta o país.. são filhos ou netos de imigrantes de alemão e italianos que tavam no sul e daí tinha essa zona no centro do país que foram inicialmente do MST o MST não conseguiu fazer nada estragou tudo daí decidiu vender e os caras do sul compraram foram pra lá e criaram uma economia próspera... ainda é o Brasil se beneficiando dos imigrantes agora esse pessoal que veio do Haiti do Senegal eles sabe o quê? É? alguns talvez saibam duas ou três coisas do corão tá certo? e sabe fumar maconha é:: vender craque talvez isso eles sabem então o paralelo é absolutamente... falso mas... eu duvido das pessoas que leem a coluna do Narloch quantas sabem disso?... né? quando você vê um idiota como um Narloch precisa do Olavo de Carvalho para contestá-lo é porque a coisa tá ruim deve ter caído lá três mil cartas dizendo cala a boca burro... né... todo... quem sabe um pouco de história do país no século vinte sabe que essa analogia é totalmente falsa é demagógica... e sabe que o Narloch não sabe também quer dizer ele acredita mesmo nisso... porque é um mecanismo histérico quando um sujeito consegue combinar palavras e fazer uma frase o fato dele ter conseguido fazer a frase o convence de que a frase é verdadeira esse é um dos mecanismos mais típicos da histeria... eu acredito naquilo que eu consigo dizer se eu conseguir dizer já é um esforço monumental... consegui dizer só pode ser verdade quer dizer é um efeito... vamos dizer persuasivo é da mera estrutura gramatical... né... quer dizer com o pensamento ele é fluído é preverbal na hora que consegue ter expressão verbal é uma vitória tremenda né quase como uma revelação divina né... então é nesse estágio que nós tamos eu asseguro a vocês que pelo menos oitenta por cento das opiniões que eu leio no jornal são feitas assim você combina as palavras e i:: achar que ficou legal deve ser verdade... né...

Figura 14. Layout de Argumentação Epistêmica de Carvalho 1

Fonte: Elaboração própria a partir do *software yEd Graph Editor*

Para os textos que não defendem uma **PdA**, mas servem como meio de refutação de concepções de realidade instanciadas em outro texto, como é o caso de [Carvalho 1], o modelo ideal a ser utilizado para a análise da configuração funcional é o epistêmico, conforme proposto por Toulmin (1958). Desta forma, teremos outras categorias concernentes ao seu modelo e começaremos nossa análise pela **Alegação (A)** que, como posto anteriormente, são “conclusões qualificadas e dedutíveis” a partir dos **Dados (D)** viabilizados por **Garantias (G)**, que são uma “hipótese de interligação entre os componentes citados”, (GONÇALVES-SEGUNDO, 2016, p. 76). Posto isto, passemos à análise da argumentação de Olavo de Carvalho.

A refutação elaborada em [Carvalho 1] é uma resposta direta a [Narloch 1] quando o último, em sua tentativa de justificar a liberdade de circulação de imigrantes, aproxima dois grupos de imigrantes no Brasil. O primeiro consiste nos imigrantes italianos, japoneses, alemães, poloneses, que classificamos como imigração Norte-Sul (cf. seção 1.4), vindos ao Brasil no fim do século XIX e começo do século XX, e o último diz respeito aos senegaleses, haitianos, bolivianos, iranianos e sírios, a imigração Sul-Sul (cf. seção 1.3.2) do século XXI.

Para sustentar a **A** – nunca explicitada, de fato, no texto, mas plenamente inferível – de que os dois tipos de imigração são fundamentalmente diferentes e que apenas a Norte-Sul contribuiu positivamente para o desenvolvimento do Brasil, Carvalho lança mão de dois conjuntos de dados: o **D₁**, sobre imigrantes Norte-Sul; e **D₂**, sobre imigrantes Sul-Sul. Em **D₁**, Carvalho elenca aspectos morais, econômicos e civilizatórios positivos da imigração Norte-Sul que demonstram toda a contribuição trazida por esse contingente imigratório, em oposição a **D₂**, em que enumera também aspectos morais, econômicos, civilizatórios de teor negativo de imigrantes Sul-Sul. Embora não haja uma **PdA** contrária à vinda de imigrantes Sul-Sul em sua argumentação, são evidentes os juízos de valor que o filósofo faz sobre os grupos da Europa e do Japão (em sua maioria, países com passado colonizador) e aos grupos do Oriente Médio, África e América Latina (em sua maioria, nações colonizadas inclusive por alguns países do grupo inicial).

Dessa forma, enquanto os imigrantes Norte-Sul são tidos, generalizadamente, como um grupo que beneficiou o Brasil – como se nada de negativo pudesse ser ligado a eles, já que não demandavam gasto do governo por meio de assistencialismo, detinham uma cultura de trabalho, passada aos brasileiros – ideia que sugere que o Brasil, antes da chegada destes imigrantes, não possuía cultura de trabalho nem nível técnico elevado.

Mesmo que sua observação seja verídica, as questões importantes nesse ponto seriam: como que os imigrantes transferiram esse conhecimento? Aumentaram esse nível técnico apenas porque se inseriram no país? Podemos dizer que, se não houver transferência de conhecimento aos nativos, a tese do filósofo fica sem fundamento. Olavo de Carvalho, sobre esse episódio, menciona apenas que “me ensinaram um bocado de coisa essa gente russo judeu alemão”, mas não entra em detalhes, não menciona o que aprendeu nem como, nos deixando sem saber ao certo se essa era a regra ou exceção, e se, de fato, esses conhecimentos eram relevantes.

Por fim, para além dos pontos positivos assinalados acima, temos a questão civilizatória, ligada especialmente aos imigrantes europeus e japoneses, uma vez que por serem culturas antigas, ao colonizarem outras regiões do mundo, influenciam-nas, provavelmente, segundo Olavo de Carvalho, “positivamente”.

Já o segundo grupo de imigrantes – o Sul-Sul – é visto com desconfiança, sendo ligado ao tráfico de drogas, à dependência química e ao oportunismo – uma vez que dependeriam do assistencialismo vindo do governo e não dominariam a cultura do trabalho, não podendo ensiná-la, portanto, ao brasileiro (que não ganharia nada com a vinda desse grupo). Sobre essa realidade, podemos dizer, à luz de Schreiber (2015)⁸⁹, que mesmo tendo formação superior, há uma dificuldade dos imigrantes haitianos conseguirem emprego devido à alta dificuldade de equivalência de diploma⁹⁰, à barreira linguística, bem como a ausência de uma rede de apoio consolidada no país de destino por se tratarem de fluxos migratórios muito recentes. Em consequência dessa realidade, alguns imigrantes com qualificação acabam aceitando empregos mais precários – ou até mesmo recorrendo ao auxílio do governo⁹¹. Fica claro que o próprio Brasil marginaliza o **imigrante Sul-Sul** por diversos meios que impossibilitam sua inclusão na sociedade e a sua busca por dignidade.

⁸⁹ Cf. SCHREIBER, Mariana. Haitianos graduados têm mais dificuldade para se empregar que outros imigrantes, diz FGV. **BBC Brasil**. Dez. 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151130_haitianos_imigrantes_ms_rm. Acesso em: 23 de julho de 2018.

⁹⁰ Cf. MARCHESAN, Ricardo. Buscando trabalho, refugiados têm dificuldade para comprovar formação. **Uol**. Out. 2015. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/empregos-e-carreiras/noticias/redacao/2015/10/07/buscando-trabalho-refugiados-tem-dificuldade-para-comprovar-formacao.htm>. Acesso em: 23 de julho de 2018.

⁹¹ Cf. BANDEIRA, Luiza. Sem programa específico para refugiados, Brasil põe centenas de sírios no Bolsa Família. **BBC Brasil**. Out. 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151013_bolsa_familia_sirios_lab. Acesso em: 23 de julho de 2018.

Ainda sobre o grupo dos **imigrantes Sul-Sul**, de forma ofensiva, Olavo insinua que eles “vieram para ficar se arrastando na rua com a cabeça cheia de cocaína”, processo que colabora para a reiteração de uma imagem altamente estigmatizada do imigrante, ligada à dependência química e à falta de recursos, como trabalho e lar, construindo-a quase como um destino certo, como algo inevitável e pior: fruto de uma escolha consciente, haja vista o conectivo “para” indicativo de finalidade. Outro estigma enfrentado por esse grupo, reiterado por Carvalho, diz respeito à religião, também abordada de forma pejorativa, quando a voz autoral afirma que eles sabem “uma ou duas coisas do corão”, construção que menospreza tanto seu elo com seu credo, quanto sua capacidade cognitiva.

A crítica de Olavo de Carvalho a Leandro Narloch é sintetizada na **G** deste esquema, ou seja, se, por um lado Narloch acredita que imigrantes Norte-Sul e imigrantes Sul-Sul são “escória”, mas podem proporcionar crescimento econômico ao país de destino, por outro, Carvalho não vê essa possibilidade uma vez que, como mostrado acima, por diversas razões, os **imigrantes Norte-Sul** não poderiam ser chamados de “escória”, enquanto os **imigrantes Sul-Sul** sim. Portanto, esses não seriam capazes de ajudar no desenvolvimento do país, uma vez que apenas ocasionariam maior comprometimento socioeconômico e cultural do Brasil. Em outros termos, o que Carvalho faz é refutar a analogia que fundamenta o discurso de Narloch. Trataremos disso de forma mais detalhada na seção 4.3.3.

No fim de seu discurso, Olavo limita-se a desqualificar seu adversário colocando sua capacidade cognitiva em xeque, um movimento que se torna presente em outros textos, mas não tão recorrente quanto tentar relacionar os ideais do adversário com ideais ditos de esquerda.

4.3.4 A configuração funcional da argumentação prática no texto de Narloch 3

Segue abaixo o terceiro exemplar textual de autoria de Leandro Narloch, bem como o *layout* da configuração funcional que sintetiza o movimento argumentativo do texto:

[Narloch 3] – Bolsonaro estava certo?

Não

Leandro Narloch

Depois dos atentados em Paris, [um artigo desta coluna](#)⁹² recebeu 200 comentários – a maioria pedindo que eu me retratasse ou admitisse o erro por ter criticado o deputado Jair Bolsonaro. Em setembro, numa entrevista para o jornal [Opção](#)⁹³, Bolsonaro chamou de escória os imigrantes haitianos, bolivianos e sírios que estão vindo trabalhar no Brasil. Logo depois gravou um vídeo com uma opinião mais moderada e sensata: considera escória apenas as “pessoas de péssima índole que se misturam a pessoas de bem”, ou seja, os terroristas infiltrados entre os imigrantes. A tragédia na França levou muita gente a afirmar que “Bolsonaro avisou” ou que “Bolsonaro estava certo”. Não é verdade. As sugestões do deputado não evitariam ataques terroristas como o de Paris.

[No vídeo de setembro](#)⁹⁴, Bolsonaro afirma que não é contra a imigração de sírios – pede apenas que a entrada no Brasil não seja autorizada “sem um rígido controle de sua vida pregressa”. Até aí, nada demais – difícil achar alguém (fora o maluco do Ministério da Justiça que defendeu jihadistas) interessado em abrigar homens-bomba. A questão é que a maioria dos terroristas que cometeram atentados na França em janeiro e na semana passada não eram imigrantes ilegais nem mesmo estrangeiros. Eram cidadãos franceses ou belgas. Vinham de famílias de imigrantes muçulmanos – provavelmente “pessoas de bem” que Bolsonaro deixaria entrar no Brasil. É ingênuo acreditar que a fiscalização estatal vai deter terroristas. No Onze de Setembro, autores dos atentados (entre eles um estudante de arquitetura na Alemanha) esconderam viagens ao Afeganistão simplesmente extraviando o passaporte e emitindo um documento novo. Enganar burocratas, fazendo-se passar por uma pessoa de bem, é a tarefa mais simples de um terrorista. Mas numa coisa eu concordo com o deputado: num caso de imigração em massa para o Brasil, a pior postura que podemos adotar é o relativismo cultural. A França foi particularmente prejudicada ao ser leniente e tolerante com imigrantes e filhos de imigrantes que não respeitavam as noções francesas de direitos humanos. Mas concordar com a livre imigração não significa aderir ao relativismo politicamente correto. O rigor com o cumprimento da lei seguirá necessário em caso de imigração em massa ao Brasil. Talvez não seja algo muito difícil de se obter. Nos Estados Unidos, como informa a [Economist](#)⁹⁵, “de 745 mil refugiados assentados desde o 11 de Setembro, apenas dois iraquianos foram presos sob acusação de terrorismo, por ajudar a Al-Qaeda no Iraque”.

⁹² NARLOCH, Leandro. Deixe a escória entrar Bolsonaro, pois faremos com ela um grande país. **Veja**. Set. 2015. Disponível em <https://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/deixe-a-escoria-entrar-bolsonaro-pois-faremos-com-ela-um-grande-pais/>. Acesso em 16 de julho de 2018.

⁹³ VITOR, Frederico. Bolsonaro vê imigrantes como “ameaça” e chama refugiados de “a escória do mundo”. **Jornal Opção**. Set. 2015. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/bolsonaro-ve-imigrantes-como-ameaca-e-chama-refugiados-de-a-escoria-do-mundo-46043/>. Acesso em 16 de julho de 2018.

⁹⁴ BOLSONARO, Jair. **Refugiados e Bolsonaro: a verdade**. <https://www.youtube.com/watch?v=t9AIyunctsU&feature=youtu.be>. Acesso em 16 de julho de 2018.

⁹⁵ Cf. YEARNING to breathe free. **The Economist**. out. 2015. Disponível em: <https://www.economist.com/united-states/2015/10/17/yearning-to-breathe-free>. Acesso em 16 de julho de 2018.

Figura 15. Layout de Argumentação Epistêmica de Narloch 3

Fonte: Elaboração própria a partir do *software yEd Graph Editor*

[Narloch 3] constitui-se em um texto com um *layout* epistêmico que serve de refutação a [Bolsonaro 2]. A Alegação inferível pela construção argumentativa é a de que uma filtragem, ainda que rígida dos imigrantes, não seria capaz de impedir que o terror, marginalidade e crime se instalassem no país, uma vez que, tomando como exemplo os ataques terroristas perpetrados na Europa:

a maioria dos terroristas que cometeram atentados na França em janeiro e na semana passada não eram imigrantes ilegais nem mesmo estrangeiros. Eram cidadãos franceses ou belgas. Vinham de famílias de imigrantes muçulmanos – provavelmente “pessoas de bem” que Bolsonaro deixaria entrar no Brasil.

É evidente que Narloch compara dois contextos um pouco diversos – Brasil x Europa – que têm características distintas, uma vez que a última possui uma relação mais complexa em relação à assimilação cultural de grupos que, em sua maioria, são provenientes de países colonizados por aqueles, ao contrário do Brasil. Ou seja, não há recorrência de problemas no Brasil originado por filhos ou netos de imigrantes no que diz respeito a um possível ataque terrorista contra o país motivado por diferenças culturais e/ou religiosas.

Sobre os **Dados** presentes no movimento argumentativo de Narloch, temos **D₁**, em que o articulista questiona a capacidade do Estado de deter o terrorismo e, **D₂**, que dispõe de uma menção direta a Bolsonaro, com um tom irônico que se dá da seguinte maneira:

se os ataques terroristas não são causados por imigrantes ilegais ou estrangeiros, mas sim por pessoas descendentes de imigrantes muçulmanos, há uma probabilidade de que Bolsonaro permita a entrada do que ele consideraria “pessoas de bem.

Neste ponto, Narloch refuta a concepção de realidade de Bolsonaro e sugere que sua **PdA**, na verdade, favoreceria o terrorismo ao invés de inibi-lo. O interessante deste movimento argumentativo de Narloch é que, apesar da refutação de Bolsonaro, o jornalista não sugere uma **PdA** que vise à segurança, apenas reforça sua **A** do que não se deve fazer.

Em **G**, temos um reforço implícito da refutação a Bolsonaro, na medida em que o Estado é incapaz de controlar o terrorismo/terroristas, já que estes últimos não são necessariamente estrangeiros, no caso da Europa. Em razão disso, podemos concluir que, de acordo com Narloch, não é esta a forma com que se impedirá atos terrorista em solo brasileiro.

4.3.5 A configuração funcional da argumentação prática de Narloch 4

Segue abaixo o exemplar textual de autoria de Leandro Narloch, bem como o *layout* da configuração funcional que sintetiza o movimento argumentativo realizado no texto:

<p style="text-align: center;">[Narloch 4] – O erro de Olavo de Carvalho sobre a imigração</p> <p style="text-align: center;">Não é verdade que italianos e japoneses foram chamados ao Brasil para “elevar o nível técnico da população”, como diz o filósofo <u>Leandro Narloch</u></p> <p>Olavo de Carvalho me chamou de idiota. Olavo de Carvalho me chamou de idiota! Fico feliz porque assim entro na lista de ilustres amigos liberais que já receberam as mesmas palavras de afeto do filósofo. O motivo de Olavo ter me chamado de idiota é, de novo, o post⁹⁶ em que critico o deputado Bolsonaro por chamar haitianos, sírios e bolivianos de escória. Afirmo no artigo que os imigrantes europeus do século 19 eram tão escória quanto haitianos hoje – e, apesar disso, prosperaram. Olavo afirma⁹⁷ que estou raciocinando a partir de similitude de palavras (imigrante = escória). “Acontece”, diz ele, “que os japoneses, italianos e alemães nunca foram chamados como escória; ao contrário, eles foram chamados porque vinham elevar o nível técnico da nossa população.” Não é verdade. Ou melhor: a afirmação de Olavo vale para os alemães, talvez também para os italianos do norte (e aqui eu admito o descuido ao afirmar que os alemães eram considerados escória).</p> <p>Mas a afirmação não vale para todos os outros povos que imigraram ao Brasil: japoneses, italianos do sul, poloneses, ucranianos, quase todos famintos, miseráveis e discriminados quando chegaram aqui. Os japoneses, que para Olavo de Carvalho também foram chamados ao Brasil “para elevar o nível técnico da população”, são um belo exemplo. Oliveira Vianna dizia que “o japonês é como enxofre: insolúvel”. A revista <i>O Malho</i> publicava charges ridicularizando os imigrantes japoneses. “O governo de São Paulo é teimoso. Após o insucesso da primeira imigração japonesa, contratou 3.000 amarelos”, diz uma charge de 1908. “Teima pois em dotar o Brasil com uma raça diametralmente oposta à nossa”. Nos debates da Assembleia Constituinte de 1946, a expressão “aborígenes nipões” é frequente. Por muito pouco os deputados não aprovaram a emenda 3.165, que proibia “a entrada no país de imigrantes japoneses de qualquer idade e de qualquer procedência”. A emenda teve apoio de Luís Carlos Prestes e os demais deputados comunistas. Vejam só que informação deliciosa: quando o assunto é proibir a entrada de povos considerados escória, Olavo de Carvalho e Luís Carlos Prestes se aproximam. Quem diria. Os poloneses também eram chamados de escória nas suas primeiras décadas no Brasil. Sei disso por experiência da minha própria família. Cresci entre descendentes de Novacoskis e Bonaroskis, mas não havia na minha casa nada da cultura polonesa. O motivo é a vergonha. Minha mãe e suas primas “polacas” morriam de vergonha de serem polonesas. Para evitar serem confundidas com prostitutas, escondiam a origem a qualquer custo – e fingiam ser alemães. Poloneses, dizia-se na época em Curitiba, num duplo preconceito, eram “pretos do avesso”. Casavam com empregadas domésticas e morriam de cirrose. Hoje esses “pretos do avesso”, esses integrantes da escória estão</p>

⁹⁶ NARLOCH, Leandro. Deixe a escória entrar Bolsonaro, pois faremos com ela um grande país. **Veja**. set. 2015. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/deixe-a-escoria-entrar-bolsonaro-pois-faremos-com-ela-um-grande-pais/>. Acesso em 16 de julho de 2018.

⁹⁷ Não encontramos o website do hiperlink, porém, o vídeo “Olavo de Carvalho, Jair Bolsonaro e os erros de Leandro Narloch sobre a imigração” pode ser acessado no link disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8hO8YIe4hpE>. Acesso em 20 de julho de 2018.

mais ricos que a média da população. Entre os italianos, havia preconceito mesmo entre os próprios imigrantes. Gente do norte da Itália não se misturava com os do sul. No interior de São Paulo, chamar alguém de “calabrês” era uma ofensa.

Quem passar os olhos pelo *Guia Prático da Cidade de São Paulo*, editado entre 1906 e 1934, verá diversos anúncios de italianos padeiros, alfaiates, donos de lojas de sapatos – mas nenhum de engenheiros, advogados ou médicos. Entre os operários italianos do Bom Retiro, em São Paulo, 70% eram analfabetos. Não me parece que a maior parte desses imigrantes tinha um “elevado nível técnico”, como sugere Olavo.

Se brasileiros do século 19 tivessem ouvido discursos contra a imigração como os de Bolsonaro e Olavo de Carvalho, não teríamos no Brasil toda a prosperidade criada por japoneses, poloneses, ucranianos e italianos meridionais.

Olavo de Carvalho toma uma parte do que eu digo (sobre os alemães) para escapar da refutação à minha afirmação central: em muitos países e épocas, imigrantes imundos, famintos e discriminados cresceram pela cultura de trabalho, e décadas depois já eram mais ricos que a média da população.

Há muitos exemplos assim – o livro *Race and economics: how much can be blamed on discrimination*, do economista Walter Williams, enumera casos em diversos países. Sikhs e judeus eram os dois povos mais pobres de Londres no século 19 (e, acredito que aqui o filósofo concordará comigo, também os mais discriminados). Hoje são as duas etnias mais ricas da cidade.

Em Nova York, empresas incluíam nos anúncios de empregos a sigla N.I.N.A (*No Irish Need Apply*, “irlandeses não precisam se candidatar”). Na Califórnia, houve leis proibindo o direito de japoneses e chineses possuírem terras. Hoje os americanos descendentes de irlandeses, japoneses ou chineses têm mais dinheiro que o americano comum.

Ao se voltar contra os imigrantes só porque o PT os apoia, Olavo joga fora uma grande bandeira: a cultura de trabalho. É dela que eu saio em defesa. Estou pouco me lixando para a cultura haitiana, boliviana ou síria. Defendo os imigrantes haitianos, bolivianos e sírios por sua cultura de trabalho. É ela que vence o preconceito dos nativos e torna escória elite.

Figura 16. Layout de Argumentação Prática de Narloch 4

Fonte: Elaboração própria a partir do *software yEd Graph Editor*

Em [Narloch 4], o jornalista dialoga diretamente com [Carvalho 1] (já analisado em 4.2.5) com o objetivo de refutar a argumentação do filósofo.

O que temos inicialmente em nosso esquema é uma **Contra-Alegação (~A)** que assevera o potencial dos imigrantes Sul-Sul em trazer prosperidade ou contribuir, de alguma forma, com o Brasil, o que reafirma o posicionamento anterior de Narloch. É necessário fazer um adendo em relação à categoria de “escória” que Bolsonaro cunha e que Olavo de Carvalho corrobora em seu texto.

Em **D1**, Narloch expande a extensão da aplicação da categoria “escória” tanto para os imigrantes Sul-Sul contemporâneos quanto para os imigrantes Norte-Sul do passado, fornecendo, inclusive, pistas dessa configuração em **D2**, quando aponta que é aplicável a ambos os grupos a fome, a miséria e o preconceito. Nesse sentido, é possível vermos um esforço do jornalista em justificar a expansão de instâncias que podem ocupar um lugar no conjunto ‘escória’. Na sequência, contudo, apresenta que é – apesar disso e por conta disso – que eles progridem e fazem o país crescer, pois chegam com vontade de trabalhar e é essa cultura do trabalho que precisa ser valorizada. Logo, se há tudo isso em comum em ambos os grupos, seria irreal a **Alegação** de Olavo de que apenas a imigração Norte-Sul poderia contribuir para o país – a atual também tem esse potencial. Isso pode ser observado em **G**, o raciocínio inferencial que interliga os **D** à **A**.

No quesito visão política, vemos Narloch assumindo uma posição muito oposta em relação a Jair Bolsonaro e a Olavo de Carvalho, caracterizando-se, pelo que preconiza de liberdade aos imigrantes, como um ator social que atribui maior importância ao progresso econômico do que à suposta insegurança implicada no acolhimento desses imigrantes. Dito isso, podemos afirmar que o autor representa uma típica postura liberal, uma vez que não é pelo multiculturalismo que sua posição pró-imigração acontece – o imigrante segue sendo “escória” – mas somente por eles poderem “contribuir” para o desenvolvimento do país.

Para situarmos melhor o que entendemos por Liberalismo, recorremos, novamente, a Robertson (2004, p. 283, tradução livre) que nos diz que “o liberalismo pode significar um credo partidário particular em um período de tempo específico, especialmente no final do século XIX (o apogeu do liberalismo), ou uma atitude e

orientação social e política geral”⁹⁸. Ao abordar seu contexto histórico, o professor de Oxford observa que o Liberalismo consistia em

um movimento de classe média ou burguesa que visava a liberdade do controle feudal e monárquico, e estava associado, *inter alia*, com liberdades legalistas, como a teoria econômica do *laissez-faire* e do indivíduo. A partir desta postura de apoiar as liberdades civis básicas ou os direitos humanos, o liberalismo desenvolveu um credo político moderno no qual a independência do cidadão comum contra qualquer corpo poderoso, seja o Estado ou, por exemplo, o trabalho organizado, é tido como vital.⁹⁹ (ROBERTSON, 2004, p. 283, tradução livre).

Podemos ver pontos de contato da teoria sobre o que se define por Liberalismo, quando abordam as questões relativas aos partidos políticos dessa vertente, com o que podemos verificar no discurso de Narloch. Vejamos o excerto a seguir:

Os partidos liberais modernos, e existem na maioria dos estados democráticos, embora não necessariamente sob esse título, tendem a argumentar que a política de classe tradicionalmente organizada, com um conflito aparentemente insolúvel entre o capitalismo e alguma forma de socialismo ou marxismo, está fora de lugar e que maior concentração nos talentos, capacidades e necessidades de indivíduos reais, em vez de sistemas de combinações sociais, é possível e desejável.¹⁰⁰ (ROBERTSON, 2004, p. 284, tradução livre).

Valores como o descrédito de uma política de classe organizada (socialismo/comunismo), assim como a crença no potencial humano de cada indivíduo, renegando, talvez, uma ingerência estatal – ser avesso aos sistemas de combinações sociais – são elementos centrais dessa ideologia. Robertson (2004, p. 284, tradução livre) discorre criticamente sobre o modelo político polarizado do qual lançamos mão quando diz que:

O liberalismo é uma das melhores razões para duvidar da adequação do padrão modelo de política de esquerda/direita porque ele contém tanto o compromisso com a igualdade da esquerda quanto a aprovação do esforço humano individual e a liberdade da direita. Nesse sentido, muitas vezes o liberalismo é visto como estando no meio do espectro político, mas a maioria

⁹⁸No original: Liberalism can mean either a particular party creed in a particular time period, especially the late 19th century (the hey-day of Liberalism), or a general social and political attitude and orientation.

⁹⁹No original: a middleclass or bourgeois movement for freedom from remaining feudal and monarchical control, and was associated, *inter alia*, with freedoms both legalistic, such as the economic theory of *laissez-faire*, and individual. From this position of supporting basic civil liberties or human rights, liberalism has developed a modern political creed in which the independence of the ordinary citizen against any powerful body, whether the state or, for example, organized labour, is taken as vital.

¹⁰⁰No original: Modern liberal parties, and they exist in most democratic states, although not necessarily under that title, tend to argue that traditionally-organized class politics, with an apparently insoluble conflict between capitalism and some form of socialism or Marxism, is misplaced, and that a greater concentration on the talents, capacities and needs of actual individuals rather than systems of social composites is possible and desirable.

dos liberais argumentaria que, longe de serem "centrais" ou "moderados", são na verdade radicais, desejando mudar muito a sociedade.¹⁰¹

Em nosso *corpus* as questões teóricas acima citadas não se encaixam perfeitamente e, por conseguinte, temos que frisar que se a igualdade é um valor de esquerda, em nenhum momento essa relação é construída discursivamente na polêmica. Quando Robertson (2004, p. 284, tradução livre) menciona a “aprovação do esforço humano individual e liberdade por direito¹⁰²” como valores da direita liberal, verificamos que tais ideais não poderiam se aplicar à direita conservadora, pois a ideia de liberdade vai de encontro à segurança preconizada pela última; logo, pode-se verificar neste ponto um dos valores distintos dessas duas vertentes políticas.

4.3.6 A configuração funcional da argumentação prática no texto da Insurgência 1

Segue abaixo o exemplar textual de autoria do Diário da Insurgência, bem como o *layout* da configuração funcional que sintetiza o movimento argumentativo realizado no texto:

[Insurgência 1] – O erro de Leandro Narloch sobre a imigração
Diário da Insurgência

Leandro Narloch continua cometendo o erro de análise, raciocinando a partir de chavões, e sua resposta à crítica que sofreu de Olavo de Carvalho dá testemunho disso. O homem ainda não entendeu que a discussão não diz respeito ao que se pensa a respeito dos imigrantes, mas àquilo que os imigrantes oriundos das áreas dominadas pelo Estado Islâmico podem trazer consigo, como demonstrado pelo último pronunciamento da Homeland Security. Pelo visto, ele imagina que Olavo de Carvalho está apenas criticando uma promessa de grandeza econômica (existente apenas na cabeça de Narloch) a ser promovida pelos refugiados oriundos dos territórios conflagrados pelo islam político, ou está falando da impressão que os brasileiros cultivam sobre os imigrantes. Se ainda não ficou claro para o homem, pode-se fazer um acréscimo: nenhum desses dois fatores importa. Não interessa o que a população pensa dos imigrantes (não importa que sejam estereótipos negativos ou positivos). Não faz o menor sentido discutir que benefícios econômicos a vinda dessas pessoas pode fomentar. Os mesmos sauditas que financiam o genocida Al-Baghdadi na Síria - e financiaram o onze de setembro - sustentam negócios milionários no ocidente.

O rapaz escreve sobre o proverbial "preconceito anti-polaco" do Paraná - e o faz como alguém que chora um pogrom "anti-polaco", ou um Auschwitz para os infelizes polaco-tupiniquins. É verdade, existiu tal coisa como o alardeado preconceito, mas o cidadão não consegue perceber a desproporção entre a imigração originária de um país no qual nunca, repito, nunca houve um

¹⁰¹ No original: Liberalism is one of the best reasons for doubting the suitability of the standard left/right model of politics because it contains both the commitment to equality by the left and to approval of individual human effort and freedom by the right. In this sense it is often seen as being in the middle of the political spectrum, but most Liberals would argue that, far from being ‘centre’ or ‘moderate’, they are in fact radical, wishing to change much in society.

¹⁰² No original: approval of individual human effort and freedom by the right.

movimento popular sequer remotamente tão brutal e veloz em sua expansão quanto o Estado Islâmico, e a imigração de países que já "exportaram" ao menos um atentado, e com mais de uma dezena de feridos, que marcou a alma do povo francês. Narloch assumiu a velha trava ideológica da qual fala Eric Voegelin: sua corrente política - pode-se assumir que é o *libertarianism*, ou alguma outra vertente de liberalismo míope, furiosamente ideológica - entende que toda e qualquer restrição à movimentação de pessoas entre países é uma arbitrariedade monstruosa e, portanto, qualquer limitação à imigração só pode ser oriunda de chauvinismo ignorante, ou, para usar o termo que deve ferver de excitação os miolos de tipos "lib" como o colunista, "racismo". O grande problema é que a ideologia não aceita fatos que a contradigam. Se uma análise sugere que uma medida ideológica resultará em desastre - no que, aliás, está resultando neste exato momento -, "pashiol", como diriam os russos, a ideologia vira as costas para os fatos e enfia sua cabeça na areia da fantasia, qual avestruz. É exatamente o que Leandro Narloch está fazendo: que importam os fatos, quando o cidadão decidiu que a imigração é uma dádiva sacrossanta intocável? Se o tema fosse o envio de recursos para movimentos terroristas, "ora, por que não", pouco importa, a liberdade está acima de tudo. Se o tema fosse o comércio com um totalitarismo genocida qualquer, digamos, o cubano, "ora, por que não", a liberdade continua acima de tudo. O sujeito estaria disposto a trocar figurinhas até com o Khmer Vermelho - e gritaria de alegria: "viva a liberdade!", enquanto o regime continuaria alegremente a meter balas na nuca de cada opositor. É assim que funciona o discurso da ideologia *libertarian*, pouco importa a estupidez e mesmo a maldade da permissividade absoluta, o que importa é que o dinheiro continue a circular. Vamos aos fatos que Narloch ignora: os japoneses, ucranianos e poloneses não vieram de territórios submetidos à ideologia do terrorismo islâmico. Os japoneses, ucranianos e poloneses não estiveram entre os responsáveis pelos massacres da Califórnia e de Paris - aliás, nunca, na História do Brasil ou de qualquer outro país para o qual tenham ido, fizeram coisa parecida. A mera ideia de comparar camponeses ucranianos com pessoas criadas sob a ideologia islâmica deveria parecer ridícula para o escritor, mas as proporções passam longe do sujeito. A deficiência cognitiva de Narloch o torna incapaz de registrar estes dados, e o faz simplesmente repetir como papagaio: "imigração - bom; restrição - ruim". É curioso que o autor de livros sobre o politicamente correto tenha encontrado uma versão "para chamar de sua" do problema - ela se chama "libertarianismo", ou "liberalismo do cego em tiroteio", e é tão estúpida e catastrófica quanto a versão bolchevique. Leandro, coitado, se fosse um estadista inglês dos tempos das guerras napoleônicas, deixaria o exército francês inteiro passear em Londres, e acabaria com a cabeça no cesto da guilhotina. O grande problema das ideologias é a incapacidade de análise de situações nas quais seus dogmas principais são questionados. É a impotência diante de dados que contrariem suas expectativas de um paraíso terreno, *que será alcançado apenas caso* a preciosa cartilha seja seguida, letra por letra, ponto por ponto. E este é exatamente o tipo de erro que não pode ser cometido em uma resposta a uma situação real. A ideologia, como diria Eric Voegelin, é substituta da religião, mas sua promessa de maravilha terrena ("um grande país", diz o "lib") acaba se revelando o desastre. A ideologia emburreceu Narloch, e é por isso que ele continua sendo um idiota.

Figura 17. Layout de Argumentação Prática da Insurgência 1

Fonte: Elaboração própria a partir do *software yEd Graph Editor*

O blog *Diário da Insurgência* deixa claro, no início da sua explanação, que vê de forma crítica a refutação de Narloch a Olavo de Carvalho, chegando a dizer que o jornalista

ainda não entendeu que a discussão não diz respeito ao que se pensa a respeito dos imigrantes, mas àquilo que os imigrantes oriundos das áreas dominadas pelo Estado Islâmico podem trazer consigo, como demonstrado pelo último pronunciamento da Homeland Security

Neste parágrafo, já percebemos que o *Diário da Insurgência* compartilha com Bolsonaro o **V** da segurança. Dessa forma, constrói-se uma hierarquia de valores (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014[1958]) em que a segurança se torna mais relevante que o suposto progresso econômico – dizemos “suposto”, pois o editorial constrói como um resultado apenas imaginário, oriundo do pensamento de Narloch, de uma forma bem sarcástica, como podemos observar em seguida:

Pelo visto, ele imagina que Olavo de Carvalho está apenas criticando uma promessa de grandeza econômica (existente apenas na cabeça de Narloch) a ser promovida pelos refugiados oriundos dos territórios conflagrados pelo islam político, ou está falando da impressão que os brasileiros cultivam sobre os imigrantes.

Logo, sua **PdA** é mais taxativa que a de seus contendores, na medida em que o editorial prega por um bloqueio total dos imigrantes Sul-Sul devido as **Cs** discursivizadas: primeiro, assume que esse grupo está “ligado a grupos terroristas/extremistas”; segundo, propõe que o maior grupo terrorista da atualidade, o EI, é popular, brutal e de rápida expansão. Tais **Cs**, somadas a **V** nos levam a nosso **O**: bloquear este grupo de imigrantes fará com que se evitem ataques terroristas no Brasil ou até mesmo um aumento da insegurança no país. Logo, o **M-F** do *Diário da Insurgência* é que, para impedir a chegada do terror ao país (fim), temos de impedir a chegada de imigrantes Sul-Sul (fim), não havendo outra forma ou atalho.

Por fim, o editorial critica o que seria uma inculcação ideológica plena de Narloch, acusando-o de insistir em uma cartilha liberal ao extremo por proceder a uma leitura de **Cs** que não se aplicariam ao Brasil; logo, as ações por ele propostas acabariam sendo letais para o nosso país.

Depreendemos, portanto, haver um elo interdiscursivo entre os posicionamentos e os argumentos levantados por Olavo de Carvalho, Jair Bolsonaro e o *Diário da Insurgência*, de forma que podemos categorizá-los como o grupo mais conservador nesta polêmica. Como se dá o conservadorismo no *Diário da Insurgência*? Ora, pela sua visão anti-imigração de cariz preconceituoso para com os imigrantes Sul-Sul, bem como por sua grande crítica à visão liberal de Narloch. O detalhamento linguístico-cognitivo do posicionamento conservador – bem como do liberal – será realizado na seção 4.3.

4.3.7 A configuração funcional da argumentação prática no texto de Constantino 1

Segue abaixo o exemplar textual de autoria de Rodrigo Constantino, bem como o *layout* da configuração funcional que sintetiza o movimento argumentativo realizado no texto:

[Constantino 1] – Narloch X Olavo de Carvalho, ou: o problema não é a imigração, mas o “estado benfeitor”

Rodrigo Constantino

Olavo de Carvalho chamou Leandro Narloch de idiota por conta de sua opinião sobre imigração. Narloch rebatia, por sua vez, Bolsonaro, que tinha chamado de “escória” os imigrantes haitianos. Olavo deveria usar menos adjetivos e focar apenas em argumentos: o debate ganharia muito. Nesse caso em particular, estou mais para o lado do Narloch. Será que sou idiota também?

Narloch [apresenta](#)¹⁰³ fatos históricos para comprovar que vários povos foram tratados como “escória” no passado, mas ajudaram a construir mais prosperidade para o país. Alguém acha que os italianos que chegaram no Brasil eram da elite educada e esclarecida na média, e foram logo ser industriais grandes em São Paulo? Nada disso. Sei pois minha família por parte de mãe veio de lá, com uma mão na frente e outra atrás. Era da “escória” italiana. Diz Narloch:

Os japoneses, que para Olavo de Carvalho também foram chamados ao Brasil “para elevar o nível técnico da população”, são um belo exemplo. Oliveira Vianna dizia que “o japonês é como enxofre: insolúvel”. A revista O Malho publicava charges ridicularizando os imigrantes japoneses. “O governo de São Paulo é teimoso. Após o insucesso da primeira imigração japonesa, contratou 3.000 amarelos”, diz uma charge de 1908. “Teima pois em dotar o Brasil com uma raça diametralmente oposta à nossa”.

Nos debates da Assembleia Constituinte de 1946, a expressão “aborígenes nipões” é frequente. Por muito pouco os deputados não aprovaram a emenda 3.165, que proibía “a entrada no país de imigrantes japoneses de qualquer idade e de qualquer procedência”. A emenda teve apoio de Luís Carlos Prestes e os demais deputados comunistas.

Vejam só que informação deliciosa: quando o assunto é proibir a entrada de povos considerados escória, Olavo de Carvalho e Luís Carlos Prestes se aproximam. Quem diria.

Infelizmente, há mais pontos em comum na ala mais “reacionária” da direita e na esquerda estatizante, tanto que Geisel, do regime militar, era uma espécie de Dilma sem saias, criando várias estatais, e muitos conservadores ainda elogiam o legado econômico dos militares. Bolsonaro já se colocou a favor da censura prévia de biografias também, condenou a privatização da Vale no passado, chegando a chamá-la de crime de lesa-pátria, etc.

Sou pela aliança de todos – socialdemocratas civilizados, liberais, libertários e conservadores – contra o inimigo comum hoje no poder. Mas nem por isso preciso concordar com tudo que vem da direita mais radical, não é mesmo? Acima de tudo está minha independência de análise e minha honestidade intelectual, meus principais ativos que justificam as cem mil visualizações de página diárias no blog. É em respeito a você, leitor também independente, que escrevo tais linhas.

Não vamos esquecer de uma coisa muito importante: os Estados Unidos foram construídos à base de imigração! Irlandeses pobres, da tal “escória”, para começo de conversa. Vejam “Gangues de Nova York”, com Leonardo DiCaprio, para ter uma ideia de como era esquisito o negócio. Mas vejam onde chegaram, não sem a fundamental ajuda dos imigrantes.

O principal problema não é a imigração em si, e sim o modelo de estado adotado. Se há um “estado benfeitor”, um *welfare state* inchado e “bondoso” (com o esforço alheio), então a imigração será mesmo um problema, pela carona grátis oferecida que poderá atrair os espertos e

¹⁰³ NARLOCH, Leandro. O erro de Olavo de Carvalho sobre a imigração. **Veja**. Dez. 2015. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/o-erro-de-olavo-de-carvalho-sobre-a-imigracao/>. Acesso em 16 de julho de 2018.

vagabundos. Mas se há liberdade econômica e meritocracia, onde o indivíduo só avança se for por conta própria, então os imigrantes colaboram com o progresso da nação. Nesse aspecto, Olavo está certo ao apontar o assistencialismo como fator de atração desses imigrantes haitianos hoje:

Vídeo Não encontrado

Não vou negar que há uma diferença entre um típico imigrante do Haiti hoje e um italiano no passado, mesmo os mais ferrados e aventureiros. O *background* cultural faz toda a diferença. Mas Narloch tem um ponto sim: erra o alvo quem ataca a imigração por ela supostamente atrair os piores, pois se esses “piores” chegam com vontade de trabalhar para subir na vida, em busca de oportunidades, então eles são um *asset*, não uma *liability*.

Claro, estou deixando de lado, aqui, a questão islâmica, da impossibilidade ou dificuldade de assimilação cultural. O choque cultural quando o imigrante não aceita os valores principais de quem o recebe pode ser perigoso, como demonstra a Europa hoje. Mas, novamente, o problema não é bem a imigração em si, e sim o radicalismo islâmico.

Não vamos esquecer que os judeus foram e são tratados como “escória” por muitos, e que, historicamente falando, os povos que os expulsaram ou impediram sua entrada perderam muito com isso. Os judeus também foram fator de progresso em diversos países. Fechar as fronteiras para imigrantes em geral é uma postura típica de um nacionalismo tribal, que não combina nada com o liberalismo que defendo e que fez da América a potência que é.

Sei que não é bem a posição de Olavo e Bolsonaro, mas é o que sua mensagem, mal interpretada, acaba produzindo em muita gente. Já vi alguns por aí condenando *qualquer* imigração de gente mais pobre pois retiraria empregos dos brasileiros, ou então empurraria seus salários para baixo. Essa mentalidade está equivocada, e creio que Narloch faz bem ao tentar revertê-la, lembrando que imigrantes podem ser a locomotiva do progresso em vez do atraso.

Os cubanos são vistos por muitos americanos como essa “escória”, mas são parte essencial da prosperidade na Flórida. Um direito americano poderia perguntar o que um típico cubano – ou mesmo um típico brasileiro – agrega ao seu país, condenando qualquer imigração de povos menos desenvolvidos. Seria algo positivo para os Estados Unidos? Creio que não.

Um brasileiro parte da “escória”, que trabalha duro para sustentar sua família, faz muito mais pelos Estados Unidos do que muito “intelectual” infiltrado na Academia e vendendo socialismo para os jovens. A diarista que faz a faxina uma vez por semana na minha casa é infinitamente melhor do que um Noam Chomsky ou um Michael Moore da vida, ambos americanos da elite.

Vamos combater o assistencialismo, o radicalismo islâmico ou o próprio Islã, mas não vamos bater na imigração em si, mesmo quando o imigrante é parte da “escória” sem cultura. Ele pode ser um trabalhador decente, e é isso que importa.

PS: E por favor, discordar dos meus pontos e da minha conclusão é algo legítimo, mas que seja feito com educação e respeito, pois o debate sai enfraquecido quando pululam os adjetivos e rótulos.

Figura 18. Layout de Argumentação Prática de Constantino 1

Fonte: Elaboração própria a partir do *software yEd Graph Editor*

Em seu texto [Constantino 1], um dos mais complexos da polêmica, o colunista defende argumentativamente duas **PdAs**. A primeira diz respeito a uma característica que ele associa à nossa forma de Estado, o assistencialismo, que sobrecarregaria as contas, e deveria ser combatido pela redução do Estado de Bem-Estar Social como um todo. A segunda, por sua vez, propõe “combater” o radicalismo islâmico e o “próprio islã”, mas não a “imigração” por si só. Ao contrário do texto anterior, do *Diário da Insurgência*, Constantino não quer o bloqueio da imigração Sul-Sul, mas só daqueles que sejam radicais islâmicos ou, talvez possa se dizer, muçulmanos, para assim não barrar as benesses econômicas geradas pelo fenômeno da imigração, mas evitar os reveses de possíveis ataques terroristas.

Quais são as **CPs** elencadas pelo articulista? Basicamente, temos duas: a primeira diz que se “endireitamos” o programa do governo e cortamos em assistencialismo, desestimulamos a entrada de “imigrantes que sejam *liability*”, em outras palavras, que sejam uma desvantagem para o país receptor. A **CP₂** – “estimular a vinda de trabalhadores decentes” –, embora possa constituir-se em um ideal para todo país que recebe imigrantes, não se mostra diretamente relacionada a nenhuma das **PdA** apresentadas, porém, parece-nos que o fato de se combater o radicalismo islâmico não fará com que apenas trabalhadores decentes venham para o país. Tal relação de causalidade não parece se sustentar sozinha, logo, imaginamos que este “estímulo” se dê de outras maneiras, as quais Constantino não explora em seu texto.

Passemos à análise de seu **O**: “criar condições para que o Brasil consiga progredir com a mão-de-obra imigrante”. O articulista demonstra que, assim como Narloch, vê a força de trabalho do imigrante como um dos seus aspectos mais positivos, pois, uma vez investida no Brasil, gerará crescimento econômico. Os seus **Vs** equivalem, fundamentalmente, aos que sustentam a argumentação de Narloch, com o reparo de que a liberdade para que o imigrante possa entrar no país sofre algum nível de restrição em Constantino, especialmente no que tange a possíveis radicais islâmicos.

Em seguida, nos resta abordar o **M-F**. Sua **PdA** – “combater o assistencialismo e o radicalismo” – é o meio para atingir seu **O** – “Brasil progredir com a imigração”, ou seja, seu fim. Como posto no texto, nos parece um pouco simplista a questão e pouco se fala sobre maneira com que se pode alcançar suas **PdAs**, mas fica claro que Constantino tenta aliar a questão mais pujante do grupo Bolsonaro/Olavo de Carvalho/*Diário da Insurgência*, que é o risco de violência que o imigrante Sul-Sul poderia trazer ao Brasil,

com a ideia de progresso econômico de Narloch, fazendo assim o papel de conciliador entre essas duas visões, ainda que os **Vs** favoreçam a visão liberal. Tendo em vista ter **Vs** ligados mais ao liberalismo e defender a entrada de imigrantes, apenas concedendo pontualmente ao discurso do bloqueio, no que concerne a formas de radicalismo, consideramos Constantino como um representante do liberalismo – aliás, o próprio blog do autor faz questão de ressaltar que ele se identifica com essa vertente ideológica.

Em seu discurso, Constantino sobe o tom nas comparações entre certos atores da direita com a esquerda. Primeiramente, o articulista associa a direita mais reacionária à esquerda estatizante, utilizando-se de um exemplo jocoso, quando diz que Geisel – um dos presidentes da época da ditadura militar – é “uma espécie de Dilma sem saias”, devido ao fato de ambos criarem estatais. A política estatizante é, inclusive, elogiada por conservadores, que se referem positivamente ao “legado econômico” do regime militar.

Também há a polêmica envolvendo a postura favorável de Bolsonaro em relação à censura prévia de biografias como também a não privatização da Vale, que o articulista aponta no trecho a seguir:

Bolsonaro já se colocou a favor da censura prévia de biografias também, condenou a privatização da Vale no passado, chegando a chamá-la de crime de lesa-pátria, etc.

Os valores subjacentes ao excerto acima são tidos como de esquerda, contrários aos ideais capitalista, uma vez que o PT é a favor da censura prévia – referido no episódio em que tentou realizar a regulamentação das mídias – e por governos de esquerda, tradicionalmente, serem a favor de empresas estatais. Desta forma, é evidente a movimentação de Constantino em aproximar Bolsonaro da esquerda para questionar seus posicionamentos por meio de exemplos que comprovem sua alegação.

Finalmente, abordaremos o encerramento do texto de Constantino em que de forma generalizadora assevera que assim como um cubano – tido como “escória” pelos americanos – um brasileiro parte da “escória” e a sua diarista fazem muito mais pelos Estados Unidos do que, como ele mesmo diz, “muito “intelectual” infiltrado na Academia e vendendo socialismo para os jovens”. Dessas declarações, podemos inferir que, para o articulista, não se deve bloquear a imigração porque o imigrante pode ser uma pessoa decente que contribuirá muito, por meio de seu trabalho e de sua capacidade de gerar renda, para o país de destino, mais até que certos nativos, confirmando assim sua **PdA** de que devemos combater o radicalismo islâmico e não a imigração.

4.3.8 A configuração funcional da argumentação prática no texto de Narloch 5

Segue abaixo o exemplar textual de autoria de Leandro Narloch, bem como o *layout* da configuração funcional que sintetiza o movimento argumentativo realizado no texto.

<p style="text-align: center;">[Narloch 5] – Sim à imigração, não ao relativismo cultural</p> <p style="text-align: center;">Defender a livre imigração não envolve acreditar que os imigrantes são seres angelicais</p> <p style="text-align: center;"><u>Leandro Narloch</u></p> <p>Muita gente tem me perguntado se continuo a favor da livre imigração mesmo depois dos casos de agressão sexual¹⁰⁴ na Alemanha. As mulheres agredidas contaram à polícia que os criminosos eram “homens jovens, de aparência árabe ou norte-africana”. Casos como esse não seriam um bom motivo para impedir a imigração? Não. Casos como os da Alemanha são um bom motivo para se opor ao relativismo cultural e para defender a tolerância zero contra imigrantes criminosos. Ser favorável à livre imigração não envolve achar que os imigrantes são todos bonzinhos. Também não exige aderir aos politicamente corretos e relativistas culturais, para quem o respeito a culturas exóticas é mais importante que a noção tradicional de direitos humanos. Imigração é uma excelente notícia se os imigrantes forem um ativo para o país (e não um passivo, que demanda gastos do governo), e se não ameaçarem o império da lei. O que põe a Europa em risco não é a imigração, mas a tolerância relativista. O maior erro desse debate é acreditar que o Estado consegue deter a imigração. Queiram os engenheiros sociais ou não, os imigrantes entram. Dentro do país, transformá-los em ilegais só agrava o problema. A burocracia e a consequente ilegalidade mantêm guetos, dificultam a assimilação e criam mercado para mafiosos (que medeiam conflitos entre quem não pode contar com a mediação da polícia). Nos Estados Unidos, onde há mais liberdade econômica e menos relativismo, a assimilação é maior. Por lá, a conexão entre imigrantes e criminalidade “é mítica”¹⁰⁵. “Muitos estudos mostram que recém-chegados têm menos chances que os nativos de cometerem crimes violentos ou serem presos”, diz Jason Riley, colunista do Wall Street Journal – e da Fox News. Uma discussão elegante costuma respeitar o “Princípio da Caridade”, segundo o qual é preciso interpretar da melhor forma possível as afirmações e os argumentos do adversário de um debate. Da próxima vez que um imigrante muçulmano cometer um crime, peço aos opositores à imigração que se lembrem desse princípio. Eu não admiro culturas exóticas, não acho que os muçulmanos são todos bondosos e não quero dar abraços grátis em terroristas. Acredito apenas que deter a imigração traz muito mais prejuízos que benefícios.</p>

¹⁰⁴ O link da notícia “Agressões sexuais e roubos em série no réveillon chocam a Alemanha” foi alterado para o link disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/agressoes-sexuais-e-roubos-em-serie-no-reveillon-chocam-a-alemanha/>. Acesso em 16 de julho de 2018.

¹⁰⁵ RILEY, Jason L., The Mythical Connection Between Immigrants and Crime. **WSJ**. Jul. de 2015. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/the-mythical-connection-between-immigrants-and-crime-1436916798>. Acesso em 16 de julho de 2018.

Figura 19. Layout de Argumentação Prática de Leandro Narloch 5

Fonte: Elaboração própria a partir do software yEd Graph Editor ditor

Em seu quinto texto, como fica evidente em seu título, Narloch tratará sobre a defesa da imigração, ao passo em que fará uma crítica ao relativismo cultural, respondendo ao discurso de Jair Bolsonaro analisado no início desta seção.

Tal texto constitui-se a partir de uma **Contra-Proposta de Ação (~PdA)** que prevê que o controle rígido de entrada de imigrantes não é a maneira correta de prevenir ataques terroristas. Ela se contrapõe à **PdA** de Bolsonaro, que sustenta a ideia de que um rígido controle da vida pregressa do imigrante por parte do Estado viabilizaria a retenção da entrada de possíveis terroristas em solo Brasileiro.

As **CNs** relativas à **PdA** de Bolsonaro, que servem de argumento para sustentar a **~PdA** de Narloch, são três. Em primeiro lugar, o jornalista concebe que o controle intransigente de imigrantes geraria maior burocracia; em consequência disso, haveria um maior número de imigrantes ilegais e, com isso, teríamos como efeito colateral a emergência e a manutenção de guetos, ou seja, pequenas comunidades de imigrantes isoladas e vulneráveis ao crime e à miséria, dificultando, por sua vez, a integração deles na sociedade. Temos aqui o segundo ponto: a dificuldade de assimilação à cultura local; essa, sim, na visão de Narloch, um fator relevante para a emergência de violência. Por fim, a última **CN** seria a criação de um contexto de fácil acesso a mafiosos que poderiam cooptar imigrantes para fins ilícitos, ainda que não exponham quais seriam esses fins.

Podemos dividir as (**Contra-Circunstâncias**) **~Cs** construídas por Narloch duas partes. A inicial assume que nativos têm mais chances de cometerem crimes que os imigrantes recém-chegados no país de destino, procurando, assim, dissociar a relação entre imigração e criminalidade. A **~C** final parte do pressuposto de que a imigração não pode ser detida pelo Estado pelos motivos que já elencamos acima, uma vez que ao aumentar o controle da entrada de imigrantes, temos também o aumento do número de ilegais que chegam ao país de diferentes formas, inclusive pela vasta fronteira brasileira.

Narloch também pontua a incoerência do método de Bolsonaro para atingir o seu objetivo. Na relação **M-F**, o jornalista prevê que o meio – “filtrar rigidamente a entrada de imigrantes” – não é adequado para o fim proposto – “impedir que o terror, a marginalidade e o crime se instalem ou cresçam no país” –, uma vez que a **PdA**, além de ineficaz, poderá, inclusive, promover o aumento de crimes, potencializar a marginalidade e terror, conforme discutimos nas **CNs** apresentadas.

Em sua argumentação, o jornalista curitibano lança mão de uma segunda **~PdA**, em contraposição a Bolsonaro, ratificando sua visão, na cadeia textual, de que a imigração deve ser liberada. Contudo, o que vemos aqui, pela primeira vez, é uma concessão em relação a essa

liberação por ele pregada tão veementemente até o momento – chamemo-la de **Contra-Circunstâncias Condicionais ~CC**. Nelas, podemos averiguar que Narloch, após imensas críticas tanto dos debatedores quanto dos leitores de seus artigos, muitos adeptos das visões de Bolsonaro, faz uma ressalva à sua **PdA**, em que diz que para se alcançar seu **O** – “fazer do Brasil um grande país” – deve-se rechaçar o relativismo cultural¹⁰⁶. Para Narloch, diferente da concepção antropológica, infere-se que o termo utilizado se refira a uma tolerância às idiossincrasias de imigrantes que tenham culturas muito divergentes da do país de destino, o que seria incompatível com uma das suas ~CCs, em que a assimilação desses imigrantes é colocada como necessária.

Quais **Vs** pudemos depreender, portanto, da contra-argumentação de Leandro Narloch? Ora, livre circulação de pessoas, trabalho, esforço e mérito, **Vs** que não diferem tanto de seus demais textos, exceto pela inclusão de um novo ideário contrário ao multiculturalismo¹⁰⁷, referente ao pluralismo cultural, que no *layout* chamamos de “não multiculturalismo”. Esse **V** parecer ser a concessão maior feita por Narloch após criticarem sua visão sobre a livre imigração sem levar em consideração o **V** relativo à segurança dos indivíduos do país de destino.

Vemos que, nesse complexo movimento argumentativo, o jornalista instaura a liberação da imigração como meio para atingir uma grandeza nacional baseada no trabalho do imigrante, ainda que essa utilização da mão-de-obra imigrante, ou as condições de trabalho, nunca fiquem claras, nem no **M-F** nem em outras partes da argumentação.

Sobre as relações de aproximação entre os atores da dita direita com à esquerda, temos que salientar que [Constantino 1] agrupa a esquerda e os conservadores em um grupo único concernente aos temas da “estatização” e do “welfare state inchado”. Já o [Insurgência 1] agrupa a esquerda (comunista/extremista) e o libertarianismo no quesito de acolhimento irrestrito ao imigrante. [Narloch 1-5] associa os conservadores ao grupo da esquerda, pois a proposta daquele – barrar/restringir a imigração – corresponde à proposta que essa deveria implementar,

¹⁰⁶ De acordo com Seymour-Smith (1986, p. 63), o relativismo cultural é “uma abordagem histórico-particularista, que salientou a necessidade de um estudo holístico e cuidadoso de cada uma das características culturais únicas como um antídoto a generalizações evolucionárias prematuras”. No original: Historical Particularist approach, which stressed the need for careful and holistic study of each culture's unique features as an antidote to premature evolutionary generalizations.

¹⁰⁷ Segundo Dryzek; Honig; Phillips (2006, p. 24) o multiculturalismo está, por definição, preocupado com a multiplicidade de culturas: trata do que pode ser diferenças radicais em valores, sistemas de crença e práticas e tem se preocupado especialmente com os direitos, se houver, de grupos não liberais nas sociedades liberais. No original: Multiculturalism is, by definition, concerned with the multiplicity of cultures: it deals with what may be radical differences in values, belief-systems, and practices and has been specially preoccupied with the rights, if any, of non-liberal groups in liberal societies.

em um contexto em que o Estado é mais presente por meio de políticas públicas nas vidas dos indivíduos.

4.4 As representações sobre o/a imigrante/imigração: analogias, metáforas, posicionamento epistêmico

4.4.1 As representações do imigrante Sul-Sul nos discursos conservador e liberal

Com base nas análises realizadas na seção anterior, especialmente no que se refere à apreensão dos **Valores** das **Circunstâncias** e das **Consequências**, pudemos propor eixos de categorização dos imigrantes Sul-Sul de acordo com as bases ideológicas dos autores. Foram quatro os eixos de destaque encontrados: a. a relação entre imigração e criminalidade; b. a relação entre imigração e potencial econômico; c. o potencial de assimilação do imigrante à cultura local; e d. a capacidade do Estado de controlar a entrada de imigrantes. Mostraremos que o posicionamento favorável ou desfavorável, em maior ou menor grau, à entrada de imigrantes Sul-Sul está diretamente relacionado à combinação de posicionamentos em cada um desses eixos.

Assim, propusemos um continuum de três posicionamentos relativo a cada um desses eixos e alocamos os autores a um ponto de cada eixo conforme a maneira como representa os imigrantes. Por meio desse procedimento, conseguimos delimitar o que caracteriza um discurso tipicamente conservador e tipicamente liberal, bem como possíveis formas de conciliação, no cenário nacional.

Quadro 12. Representações conservadoras e liberais sobre imigrantes

Discurso Conservador		Discurso Liberal
Imigrantes são potencialmente criminosos.	Imigrantes são potencialmente criminosos em condições determinadas, como contextos de menor assimilação.	Imigrantes não são potencialmente criminosos.
[Carvalho] [Bolsonaro] [Insurgência]	[Constantino] [Narloch]	[Narloch]
Imigrantes são um fardo para o país.	A imigração é um fardo sob a instituição de um Estado intervencionista/assistencialista/são um meio de progresso sob um Estado liberal de verdade.	Imigrantes são um meio para o progresso do país receptor.
[Carvalho] [Bolsonaro] [Insurgência]	[Constantino]	[Narloch]
Imigrantes não têm o potencial de se assimilar à cultura do país receptor.	Imigrantes não islâmicos têm o potencial de se assimilar.	Imigrantes têm o potencial de se assimilar à cultura do país receptor.
[Carvalho] [Bolsonaro] [Insurgência]	[Constantino]	[Narloch]
A entrada de imigrantes consegue ser eficazmente controlada pelo Estado.	O controle da imigração pode ser efetuado pelo estado desde que as forças armadas estejam aparelhadas e seja permitido que se faça um rígido controle de quem entra.	A entrada de imigrantes não consegue ser eficazmente controlada pelo Estado.
[Bolsonaro]	[Bolsonaro]	[Narloch]

Fonte: Elaboração própria.

4.4.2 A relação entre a imigração e a criminalidade: representações conservadoras e liberais

Os discursos que se confrontam no *corpus* que analisamos parecem categorizar o imigrante de formas distintas no que se refere ao campo da criminalidade. O discurso dito conservador, representado por Bolsonaro, Olavo de Carvalho e pelo *Diário da Insurgência*, conceptualiza os imigrantes como potencialmente criminosos, representando riscos para a integridade da população brasileira, ao passo que o discurso dito liberal, representado por Narloch e Constantino, parece ou negar tal associação ou mantê-la apenas nas condições em que a assimilação do povo imigrante à cultura local não seja ideal.

Em termos da construção linguístico-cognitiva desses posicionamentos, apenas conservadores instanciaram metáforas e analogias para relacionar o imigrante sul-sul à criminalidade. Vejamos como isso ocorre nos textos de Jair Bolsonaro, de Olavo de Carvalho e do *Diário da Insurgência*:

(01) [Bolsonaro 1]

JB: mas caso venham a reduzir o efetivo é menos gente na rua pra fazer frente aos marginais do MST que são engordados agora por senegaleses... haitianos... iranianos... bolivianos e tudo que é escória do mundo né? e agora tá chegando os sírios também aqui a escória do mundo está chegando aqui no nosso Brasil

Nesse excerto, Bolsonaro se vale de um domínio-fonte fisiológico, o corpo de um ser vivo, para conceptualizar um agrupamento humano, o domínio-alvo. Nesse sentido, assim como um corpo de um ser vivo aumenta de volume (engorda) ao ingerir alimentos, um grupo humano, como o MST, representado como “marginal”, expande seu contingente ao receber novos integrantes.

Chama a atenção nesse processo metafórico a noção de que os imigrantes são assimilados a um grupo, o MST, que o discurso conservador constrói como criminoso, associado tipicamente a invasões de latifúndio e beneficiário de medidas assistencialistas de governos “de esquerda”. Isso parece legitimar a categorização dos senegaleses, haitianos, iranianos, bolivianos e sírios como “escória”.

(02) [Bolsonaro 1]

JB: este é um grande problema que nós podemos ter assim como a luta armada começou em 66

FV: aham

JB: e eles não tavam tão aparelhados assim e por isso foram derrotados

FV: sim

JB: agora eles tão muito melhores preparados do que nós

(03) [Insurgência 1]

Se o tema fosse o envio de recursos para movimentos terroristas, "ora, por que não", pouco importa, a liberdade está acima de tudo. Se o tema fosse o comércio com um totalitarismo genocida qualquer, digamos, o cubano, "ora, por que não", a liberdade continua acima de tudo. O sujeito estaria disposto a trocar figurinhas até com o Khmer Vermelho - e gritaria de alegria: "viva a liberdade!", enquanto o regime continuaria alegremente a meter balas na nuca de cada opositor. É assim que funciona o discurso da ideologia *libertarian*, pouco importa a estupidez e mesmo a maldade da permissividade absoluta, o que importa é que o dinheiro continue a circular.

Nos dois excertos anteriores, a dimensão criminal assume contornos mais explícitos e drásticos, na medida em que se associam a conflitos armados. No primeiro caso, Bolsonaro reencena a luta armada entre a esquerda e o recém-instalado regime militar, enaltecendo a ditadura pela vitória e atribuindo esse resultado ao alto grau de aparelhamento do exército e ao baixo grau de aparelhamento da esquerda. Esse cenário é transposto para o contexto vigente da imigração Sul-Sul: os imigrantes e o MST seriam o braço armado da esquerda que se perpetuaria no poder, contra o qual o exército, hoje desaparelhado, não conseguiria lutar e vencer. Haveria assim uma derrota do grupo que representaria a ordem e a segurança do país.

No segundo caso, o *Diário da Insurgência* cria uma analogia voltada à condenação do discurso liberal, que seria omissivo em relação ao potencial dano social de dadas políticas públicas em prol do crescimento econômico. Nesse processo, os imigrantes Sul-Sul acabam sendo construídos em analogia a movimentos terroristas, a regimes ditos totalitários e genocidas, como o Khmer Vermelho¹⁰⁸, tendo sua imagem discursivamente ligada a práticas não só criminosas, mas bélicas e associadas à barbárie. Nesse sentido, a ideia de barrar sua entrada em qualquer país se torna coerente e até louvável.

(04) [Insurgência 1]

É verdade, existiu tal coisa como o alardeado preconceito, mas o cidadão não consegue perceber a desproporção entre a imigração originária de um país no qual nunca, repito, nunca houve um movimento popular sequer remotamente tão brutal e veloz em sua expansão quanto o Estado Islâmico, e a imigração

¹⁰⁸ O Partido Comunista do Kampuchea (PCK), também conhecido como Khmer Vermelho, tomou o controle do Camboja em 17 de abril de 1975. O PCK criou o estado da Kampuchea Democrática em 1976 e ninguém fora do PCK sabia quem eram seus líderes (os livres se chamavam "Angkar Padevat"). Enquanto o Khmer Vermelho esteve no poder, estabeleceram políticas que desconsiderou a vida humana e produziu repressão e massacres em grande escala. Eles transformaram o país em um enorme centro de detenção, que mais tarde se tornou um cemitério para quase dois milhões de pessoas, incluindo seus próprios membros e até alguns líderes seniores. Cambodia Tribunal Monitor. **Khmer Rouge History**. Disponível em: <http://www.cambodiatribunal.org/history/cambodian-history/khmer-rouge-history/>. Acesso em 24 de julho de 2018. No original: The Communist Party of Kampuchea (CPK), otherwise known as the Khmer Rouge, took control of Cambodia on April 17, 1975. The CPK created the state of Democratic Kampuchea in 1976 and ruled the country until January 1979. The party's existence was kept secret until 1977, and no one outside the CPK knew who its leaders were (the leaders called themselves "Angkar Padevat"). While the Khmer Rouge was in power, they set up policies that disregarded human life and produced repression and massacres on a massive scale. They turned the country into a huge detention center, which later became a graveyard for nearly two million people, including their own members and even some senior leaders.

de países que já "exportaram" ao menos um atentado, e com mais de uma dezena de feridos, que marcou a alma do povo francês.

Vamos aos fatos que Narloch ignora: os japoneses, ucranianos e poloneses não vieram de territórios submetidos à ideologia do terrorismo islâmico. Os japoneses, ucranianos e poloneses não estiveram entre os responsáveis pelos massacres da Califórnia e de Paris - aliás, nunca, na História do Brasil ou de qualquer outro país para o qual tenham ido, fizeram coisa parecida.

(05) [Carvalho 1]

então você vê um capacidade de ação e técnica profissional desses imigrantes italianos alemães e japoneses era um negócio prodigiosos e isso veio para ajudar o Brasil eles não vieram para traficar tóxico... eles não vieram para entrar em programa assistencial do governo... eles vieram a trabalhar e a ensinar os brasileiros a trabalhar... essa gente russo judeu alemão polonês veio para civilizar o Brasil né... não veio pra ficar se arrastando na rua cheio de cocaína na cabeça se é pra cometer crime... e entrar nos projetos assistenciais do governo então a o paralelo que o sujeito faz é inteiramente verbal... enquanto paralelo verbal parece que tá certo se o sujeito é imigrante você chama de escória então hoje são os haitianos senegaleses ontem era o japonês o italiano...

Em (04) e em (05), depreendemos um processo de ataque ao discurso liberal, materializado na figura de Leandro Narloch, que, na defesa da livre imigração, condena a associação do imigrante a criminalidade e atraso, ao equiparar as modalidades de imigração do fim do século XIX e começo do século XX às do século XXI e ao sustentar que ambas, a despeito das péssimas condições de chegada ao país receptor, podem levá-lo ao progresso. Tal rechaço é construído, contudo, por dois mecanismos analógicos distintos.

Em (04), ocorre um procedimento desanalógico. Estamos entendendo como **desanalogia** o processo no qual se valida o mapeamento entre um domínio-fonte e um domínio-alvo a partir de um conjunto de elementos e de relações, mas se destaca discursivamente um subconjunto de elementos e relações que não são válidos nem compatíveis. Assim, o que fica em foco é a divergência, com concessão às convergências.

Nesse sentido, o que o *Diário da Insurgência* faz é não rejeitar a analogia já construída por Narloch entre os imigrantes de ambos os períodos, inclusive validando textualmente que o preconceito é aplicável a ambos os grupos – “É verdade, existiu tal coisa como o alardeado preconceito”. Entretanto, vemos que o núcleo do segmento se volta à construção da incompatibilidade entre as duas modalidades, baseada no critério da criminalidade/periculosidade. Segundo esse discurso, o fato de parcela dos imigrantes Sul-Sul estar potencialmente ligada a movimentos terroristas, como o EI, deveria inviabilizar que houvesse uma projeção que de fato igualasse os dois tipos de imigrante, de forma que não se poderia, então, mapear todas as possíveis benesses trazidas pela imigração de outrora para a imigração contemporânea.

Já em (05), ocorre uma **refutação analógica**. Nesse processo, o que ocorre é uma rejeição da projeção entre um domínio-fonte e um domínio-alvo. Olavo de Carvalho, em seu

texto, rejeita a base de comparação estabelecida por Narloch, por meio de negações explícitas que rechaçam qualquer possibilidade de similaridade. Ao construir que os imigrantes italianos, alemães e japoneses “não vieram para traficar tóxico”, “não [vieram] para ficar se arrastando na rua cheio de cocaína na cabeça” e ao enunciar que “se é pra cometer crime... e entrar nos projetos assistenciais do governo então a o paralelo que o sujeito faz é inteiramente verbal”, a voz autoral associa, por oposição e implicitamente, os imigrantes Sul-Sul a traficantes e toxicômanos, e vincula, direta e explicitamente, tal contingente populacional ao estatuto de criminosos e de fardos econômicos. Nesse sentido, a analogia – referida por ele como “paralelo verbal” – não seria válida desde o princípio.

Em termos de posicionamento epistêmico, é o discurso conservador que apresenta um conjunto maior de marcas de evidencialidade orientadas ao tópico em exame. Vejamos o quadro a seguir que apresenta uma amostra de tais recursos, selecionadas a partir do eixo em questão:

Quadro 13. Posicionamento epistêmico dos discursos conservador e liberal referentes a relação imigrante e criminalidade

Discurso Conservador	Discurso Liberal
Evidencialidade Perceptiva	
[Bolsonaro 2] estamos vendo aqui que o Estado Islâmico está cada vez mais jogando infiltrando gente sua nessas verdadeiras diásporas que está acontecendo naquela região	
Evidencialidade Cognitiva	
[Bolsonaro 1] eu acho que.. não sei qual é a adesão dos comandantes [...] mas caso venham a reduzir o efetivo é menos gente na rua pra fazer frente aos marginais do MST que são engordados agora por senegaleses... haitianos... iranianos... bolivianos e tudo que é escória do mundo né? [Bolsonaro 2] obviamente junto com essas pessoas muitas de bem... outras de péssima índole embarcam nessa onda estão... você acha que essas pessoas né a parte dessas pessoas a escória vindo pra cá como mais cedo ou mais tarde começa a tratar a nossa mulher no Brasil	[Narloch 5] Eu não admiro culturas exóticas, não acho que os muçulmanos são todos bondosos e não quero dar abraços grátis em terroristas.
Evidencialidade Comunicativa	
	[Narloch 3] Nos Estados Unidos, como informa a Economist , “de 745 mil refugiados assentados desde o 11 de Setembro, apenas

	dois iraquianos foram presos sob acusação de terrorismo, por ajudar a Al-Qaeda no Iraque”.
--	--

Fonte: Elaboração Própria.

Pelo quadro, podemos depreender que a distribuição de recursos de posicionamento neste eixo de análise se circunscreve a Bolsonaro e a Narloch. Aquele se vale basicamente de recursos perceptivos e cognitivos como fonte das proposições, o que aponta para uma voz autoral que calca o conhecimento enunciado em sua própria experiência pessoal; além disso, também busca a adesão direta do interlocutor, por meio de recursos como “obviamente”, que desestimula possíveis discordâncias por simular que qualquer ator social razoável conseguiria chegar às mesmas conclusões. Já Narloch instancia também evidências comunicativas, o que parece estar associado a uma busca de validação externa, por meio de fontes de autoridade, como a revista *The Economist*, para servir de **Base** para seus **Dados**. Conforme veremos posteriormente, já temos aqui um indício de que o discurso liberal procurará ter maior respaldo técnico e acadêmico.

4.4.3 A relação entre imigração e potencial econômico: representações conservadoras e liberais

Os discursos conservador e liberal são marcados por posicionamentos antagônicos no que se refere ao potencial econômico do imigrante. Naquele, o imigrante Sul-Sul é visto como um fardo, ou seja, como ônus econômico resultante do caráter dito assistencialista do país de destino; neste, tal imigrante é concebido como um agente de crescimento econômico, imbuído da vontade de trabalho.

Em termos da construção linguístico-cognitiva desses posicionamentos, tanto conservadores quanto liberais instanciaram metáforas e analogias para representar o potencial econômico do imigrante Sul-Sul.

Iniciemos pela construção analógica de Olavo de Carvalho no âmbito do grupo conservador:

(06) [Carvalho]

então você vê uma capacidade de ação e técnica profissional desses imigrantes italianos alemães e japoneses era um negócio prodigioso e isso veio para ajudar o Brasil eles não vieram para traficar tóxico... eles não vieram para entrar em programa assistencial do governo... eles vieram a trabalhar e a ensinar os brasileiros a trabalhar... essa gente russo judeu alemão polonês veio para civilizar o Brasil né... não veio pra ficar se arrastando na rua cheio de cocaína na cabeça se é pra cometer crime... e entrar nos projetos assistenciais do governo então a o paralelo que o sujeito faz é inteiramente verbal... enquanto paralelo verbal parece que tá certo se o sujeito é imigrante você chama de escória então hoje são os haitianos senegaleses ontem era o japonês o italiano...

você vê o que que é o nosso agronegócio hoje que é o que sustenta o país.. são filhos ou netos de imigrantes de alemão e italianos que tavam no sul e tinha essa zona no centro do país que foram inicialmente do MST o MST não conseguiu fazer nada estragou tudo daí decidiu vender e os caras do sul compraram foram pra lá e criaram uma economia próspera... ainda é o Brasil se beneficiando dos imigrantes agora esse pessoal que veio do Haiti do Senegal eles sabe o quê? É? alguns talvez saibam duas ou três coisas do corão tá certo? e sabe fumar maconha é:: vender craque talvez isso eles sabem então o paralelo é absolutamente falso

Nesse segmento, já parcialmente debatido na subseção anterior, vemos que Carvalho busca refutar a analogia de Narloch que equipara os imigrantes Norte-Sul aos Sul-Sul. Em termos do potencial econômico, ele destaca, em relação aos imigrantes do passado, sua “capacidade de ação e técnica profissional”, a transferência de conhecimento – “eles vieram a trabalhar e a ensinar os brasileiros a trabalhar” –, sua atuação civilizatória e os benefícios econômicos que perduram até os dias de hoje – “você vê o que que é o nosso agronegócio hoje que é o que sustenta o país.. são filhos ou netos de imigrantes de alemão e italianos que tavam no Sul e tinha essa zona no centro do país que foram inicialmente do MST o MST não conseguiu fazer nada estragou tudo daí decidiu vender e os caras do Sul compraram foram pra lá e criaram uma economia próspera”.

No que tange aos imigrantes contemporâneos, a **refutação analógica** opera em duas orientações: por um lado, ocorrem afirmações diretas relativas a esses imigrantes, contrapondo-os aos anteriores – “agora esse pessoal que veio do Haiti do Senegal eles sabe o quê? É? alguns talvez saibam duas ou três coisas do corão tá certo? e sabe fumar maconha é:: vender craque talvez isso eles sabem” – e, por outro lado, ocorrem negações que dissociam os imigrantes Norte-Sul dos comportamentos enunciados, atribuindo-os, por conseguinte, aos imigrantes Sul-Sul, como podemos inferir dos enunciados na sequência – “eles [os imigrantes Norte-Sul] não vieram para entrar em programa assistencial do governo” e “[essa gente Norte-Sul] não veio pra ficar se arrastando na rua cheio de cocaína na cabeça”.

Assim, Olavo parece visar desarticular um dos principais pontos de vista do discurso liberal – o de que o imigrante, em geral, tem potencial de contribuir para o progresso econômico do país, independente da sua origem e do destino almejado.

Observemos, então, o conjunto de analogias e metáforas que caracterizam o discurso liberal neste eixo de análise:

(07) [Narloch1]

É verdade que haitianos e bolivianos são a escória do Brasil de hoje. Assim como poloneses, japoneses, alemães e italianos (alguns deles de sobrenome “Bolsonaro”) eram a escória da sociedade brasileira há um século.

(08) [Narloch 4]

Poloneses, dizia-se na época em Curitiba, num duplo preconceito, eram “pretos do avesso”.

No excerto (07), temos uma analogia simples em que a relação do **imigrante Sul-Sul** com as circunstâncias socioeconômicas de chegada ao Brasil é comparada com a relação que os imigrantes Norte-Sul tinham com o Brasil do passado. Isso é calcado na possibilidade de avaliar como “escória” pessoas distintas em momentos diferentes com base na precariedade das condições. Apesar de simples, contudo, conforme já mostramos na análise da configuração funcional, essa analogia é fundante da defesa do discurso liberal em relação à liberação da entrada dos imigrantes.

Em (08), a construção “pretos do avesso” sinaliza uma metáfora situada, que recupera do domínio-fonte relativo à etnia afrodescendente todo o processo de marginalização e desprezo vigente numa sociedade em que a escravidão mal havia sido abolida e a transfere para o domínio-alvo relativo à população polonesa que migrou para o Brasil em condições adversas, estando também às margens da sociedade. O sintagma preposicionado “do avesso” remete à oposição preto x branco que se manifesta no tom da pele de ambos os grupos. Logo, os poloneses seriam brancos, ou seja, o avesso dos negros, mas seriam idênticos a eles em termos de valor social, ou seja, igualmente um fardo.

(09) [Narloch 5]

Imigração é uma excelente notícia se os imigrantes forem um ativo para o país (e não um passivo, que demanda gastos do governo).

(10) [Constantino 1]

imigrantes podem ser a locomotiva do progresso em vez do atraso.

(11) [Constantino 1]

O principal problema não é a imigração em si, e sim o modelo de estado adotado. Se há um “estado benfeitor”, um welfare state inchado e “bondoso” (com o esforço alheio), então a imigração será mesmo um problema, pela carona grátis oferecida que poderá atrair os espertos e vagabundos.

Narloch, em (09), vale-se do domínio-fonte econômico, relativo aos balanços patrimoniais, e o relaciona ao “valor” social do imigrante. Segundo o *Dicionário Houaiss* (2009) **ativo** refere-se a um “conjunto de valores representado pelas aplicações de patrimônio e de capital de uma empresa ou pessoa” ao passo que o passivo designa “a soma dos saldos

credores das diversas contas”. Assim, a voz autoral procede a uma desumanização do imigrante, na medida em que ele passa a ser avaliado pelo potencial que tem para gerar crescimento econômico para o país, ou seja, ser ativo, ser uma aplicação que gere rendimentos elevados.

Em (10), temos uma expressão metafórica convencionalizada – “locomotiva do progresso” – símbolo do desenvolvimento consagrado no Brasil pelo transporte do café (séc. XIX-XX). Nesse sentido, projeta-se do domínio-fonte as capacidades de a locomotiva prover energia e causar a movimentação do comboio para o imigrante, visto como capaz de causar o progresso – termo já de origem metafórica referente a deslocamentos – do país. Vejamos o quadro de projeções abaixo:

Quadro 14. Relação analógica entre o imigrante e a “locomotiva do progresso”

Domínio-Fonte	Domínio-Alvo
locomotiva	imigrante
comboio	Brasil
percurso	progresso
origem	situação vigente do país
destino	país rico/grande país

Fonte: Elaboração própria.

Por fim, em (11), a despeito das metáforas relativas à natureza e à ação do Estado, queremos chamar atenção para uma nova construção que bebe na concepção de deslocamento para tratar da imigração. Trata-se da expressão “carona grátis”. Por meio dela, o autor retoma o domínio-fonte da locomotiva e do deslocamento ao destino para incluir um elemento: o tipo de passageiro. Aquele que pega carona grátis seria o imigrante “esperto e vagabundo” que, sem esforço e mérito, se apropriaria das benesses do desenvolvimento alavancado por outros, mesmo sem ter agido para tal. É esse o caso da reiterada representação, nos textos liberais, do ativo e do passivo, do *asset* e do *liability*. Nessas situações, o Estado seria visto como aquele que banca a passagem desse imigrante, o que representa um ônus. É por essa razão que os liberais não são contra a imigração, mas contra um modelo de Estado que permitiria ou ainda proporcionaria vantagens indevidas para indivíduos que não contribuem para o objetivo de ser um “grande país”, para ecoar as palavras de Narloch – ou de Trump.

No que diz respeito ao posicionamento epistêmico, depreendemos, no discurso conservador, uma recorrência significativa no uso de evidencialidade perceptiva, ao passo que, no discurso liberal, são mais frequentes os tipos cognitivo e comunicativo. Observemos o quadro 15, que apresenta exemplos desses usos:

Quadro 15: Posicionamento epistêmico no discurso conservador e liberal sobre o potencial econômico do imigrante

Discurso Conservador	Discurso Liberal
Evidencialidade Perceptiva	
<p>[Bolsonaro 2] cê pode ver algum cubano que está nesse programa conhecido como Mais Médicos caso peça asilo no nosso país ele terá? não terá... pessoa de boa índole não é bem-vinda no Brasil e o governo está usando... esta questão terrorista... política do Norte da África para importar junto com pessoas de bem a escória do mundo os integrantes do Estado Islâmico (progresso/Crime)</p> <p>[Olavo 1] eles [japoneses, italianos e alemães] traziam toda a tecnologia eu vi isso com meus dois olhos... quando eu participei do do... do do recenseamento escolar no sul... no sul no sul do estado de São Paulo...</p> <p>então você vê uh capacidade de ação e técnica profissional desses imigrantes italianos alemães e japoneses era um negócio prodigiosos e isso veio para ajudar o Brasil...</p> <p>você vê o que que é o nosso... agronegócio hoje que é o que sustenta o país.. são filhos ou netos de imigrantes de alemão e italianos</p>	<p>[Narloch 4] Quem passar os olhos pelo <i>Guia Prático da Cidade de São Paulo</i>, editado entre 1906 e 1934, verá diversos anúncios de italianos padeiros, alfaiates, donos de lojas de sapatos – mas nenhum de engenheiros, advogados ou médicos. Não me parece que a maior parte desses imigrantes tinha um “elevado nível técnico”, como sugere Olavo.</p> <p>[Constantino 1] Já vi alguns por aí condenando qualquer imigração de gente mais pobre pois retiraria empregos dos brasileiros, ou então empurraria seus salários para baixo.</p>
Evidencialidade Cognitiva	
<p>[Insurgência 1] Pelo visto, ele imagina que Olavo de Carvalho está apenas criticando uma promessa de grandeza econômica (existente apenas na cabeça de Narloch) a ser promovida pelos refugiados oriundos dos territórios conflagrados pelo islam políticoário</p>	<p>[Narloch 2] Friedman acreditava que a imigração legal é incompatível com o estado de bem-estar social</p> <p>[Narloch 4] Sei disso por experiência da minha própria família. Cresci entre descendentes de Novacoskis e Bonaroskis, mas não havia na minha casa nada da cultura polonesa.</p> <p>[Constantino 1] Essa mentalidade está equivocada, e creio que Narloch faz bem ao tentar revertê-la, lembrando que imigrantes podem ser a locomotiva do progresso em vez do atraso. Alguém acha que os italianos que chegaram no Brasil eram da elite educada e esclarecida na média, e foram logo ser industriais grandes em São Paulo? Sei pois minha família por parte de mãe veio de lá, com uma mão na frente e outra atrás. Era da “escória” italiana.</p>

	Mas Narloch tem um ponto sim: erra o alvo quem ataca a imigração por ela supostamente atrair os piores, pois se esses “piores” chegam com vontade de trabalhar para subir na vida, em busca de oportunidades, então eles são um <i>asset</i> , não uma <i>liability</i> .
Evidencialidade Comunicativa	
<p>[Olavo 1] nas obras de Oswald de Andrade tem uma cena que é do Marco Zero... né... que... tava numa escola de interior:: né... tanto é aqueles... caipira aqueles capião aqueles filho de capião tudo magrinho passando mal e um dia um deles desmaia né... e daí desmaia de fome (risos) e daí tem o coleguinha japonês fala assim japonês trajer ranche (risos) digo olha é isso ai o Brasil era isso ai cê tá entendendo? quer dizer o japonês o alemão o judeu era elite e eles foram a imigração foi aberta a eles para isto... ha? para que eles fizesse o bem e a a a a a terra onde tavam e fizeram um bem extraordinário...</p>	<p>[Narloch 1] Economistas estão cansados de dizer que imigrantes não são um problema, mas a solução. Ao chamar os imigrantes sírios e haitianos de “escória do mundo” e compará-los a “marginais do MST”. Bolsonaro trai o capitalismo que ele próprio diz defender</p> <p>[Narloch 4] Oliveira Vianna dizia que “o japonês é como enxofre: insolúvel”. “O governo de São Paulo é teimoso. Após o insucesso da primeira imigração japonesa, contratou 3.000 amarelos”, diz uma charge de 1908. Os poloneses também eram chamados de escória nas suas primeiras décadas no Brasil. o livro <i>Race and economics: how much can be blamed on discrimination</i>, do economista Walter Williams, enumera casos em diversos países. Para evitar serem confundidas com prostitutas, escondiam a origem a qualquer custo – e fingiam ser alemães. Poloneses, dizia-se na época em Curitiba, num duplo preconceito, eram “pretos do avesso”.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Novamente, é o discurso conservador que parece apoiar-se mais em **evidencialidade perceptiva**, assumindo como fonte de suas concepções de realidade a sua própria experiência empírica. Olavo de Carvalho é o caso emblemático desse tipo de posicionamento. Logo, sua argumentação acaba baseada na credibilidade que ele tem diante de seu público, estando, assim, centrada no *ethos*. Isso não quer dizer que essa mesma estratégia não seja instanciada no discurso liberal; contudo, ela tende a ser mesclada com outras formas de evidencialidade. É comum que liberais se valham de **evidenciais cognitivos** e **comunicativos** trazendo vozes externas (Friedman, Walter Williams, economistas genéricos, jornais, dentre outros), mostrando, assim, que seus argumentos encontram sustentação da literatura, seja ela econômica ou social, ou ainda no jornalismo, dependendo, então, menos do seu *ethos* para transferir aceitabilidade às teses.

4.4.4 O potencial de assimilação do imigrante à cultura local: representações conservadoras e liberais

Os discursos conservador e liberal também se confrontam no que tange ao potencial de assimilação do imigrante à cultura local: enquanto aquele concebe ser praticamente intransponível a barreira que separa a cultura dos imigrantes que chegam ao Brasil da nacional, os últimos concebem não só ser viável como também essencial tal assimilação, na medida em que ela é vista como um dos principais fatores para o progresso projetado.

No que concerne ao uso de metáforas e analogias neste eixo, observamos que elas são apenas instanciadas por Bolsonaro, com o intuito de provar que o EI é incapaz de se assimilar culturalmente no Brasil, destacando a maneira como mulheres são tratadas pelos adeptos dessa ideologia em sua região de origem.

(12) Bolsonaro 2

... esta questão terrorista... política do Norte da África para importar junto com pessoas de bem a escória do mundo os integrantes do Estado Islâmico que inclusive no tratamento no tocante às mulheres né não se coadunam com a nossa educação aqui com a nossa cultura mulher pra eles é lixo você acha que essas pessoas né a parte dessas pessoas a escória vindo pra cá como mais cedo ou mais tarde começa a tratar a nossa mulher no Brasil

No exemplo (12), temos uma metáfora que sustenta um raciocínio analógico acerca do Estado Islâmico. Bolsonaro constrói seu discurso de forma a potencializar a avaliação de que os imigrantes advindos do mundo islâmico não conseguiriam se assimilar de forma alguma, o que geraria possivelmente violência e conflitos no Brasil. Esse procedimento é, inicialmente, realizado por meio da metáfora situada MULHER É LIXO, que transfere as propriedades do domínio-fonte LIXO, a saber *rejeição*, *descartabilidade* e *inutilidade* à MULHER, de forma a desumanizá-la e construir sobre esse gênero uma imagem de um ser humano inferior que não deve ser bem tratado e que pode/deve ser eliminado. Na sequência, via raciocínio analógico, constrói que os padrões de comportamento vigentes no país de origem também são válidos para o país receptor, em um processo indutivo, o que permite abstrair que tais pessoas não são capazes de mudar seu comportamento, ou seja, que a assimilação não seria possível. Nesse caso, portanto, o ideal seria que nosso país não abrisse suas portas a esses imigrantes, o que se coaduna plenamente à ideologia conservadora.

Em seguida, no quadro (16), podemos verificar a configuração do posicionamento epistêmico de cada discurso acerca do tema da assimilação cultural. Nele, podemos observar que tanto o discurso conservador quanto o liberal lançam mão de evidenciais perceptivos, porém apenas o liberal instancia um evidencial cognitivo.

Quadro 16. Posicionamento epistêmico dos discursos conservador e liberal acerca da assimilação cultural de estrangeiros

Discurso Conservador	Discurso Liberal
Evidencialidade Perceptiva	
[Insurgência 1] A mera ideia de comparar camponeses ucranianos com pessoas criadas sob a ideologia islâmica deveria parecer ridícula para o escritor	[Constantino 1] O choque cultural quando o imigrante não aceita os valores principais de quem o recebe pode ser perigoso, como demonstra a Europa hoje.
Evidencialidade Cognitiva	
	[Narloch 3] Mas numa coisa eu concordo com o deputado: num caso de imigração em massa para o Brasil, a pior postura que podemos adotar é o relativismo cultural.

Fonte: Elaboração própria.

No caso dos conservadores, a **evidencialidade perceptual** – *parecer* – é utilizada para marcar um posicionamento autoral de que deveria ser visível – e não fruto de alta reflexão – a incongruência de uma comparação entre as duas modalidades de imigração. Isso atua como um ataque direto ao pensamento liberal de Narloch.

No discurso liberal, temos o uso de **evidencial perceptivo** para ilustrar um exemplo negativo da Europa no que diz respeito à assimilação cultural de imigrantes avessos a sua cultura. Já o **evidencial cognitivo** expressa um ponto de contato entre o discurso conservador e liberal, sintoma de uma tentativa de conciliação: a condenação do relativismo cultural. O gesto de *concordância*, contudo, não implica que Narloch assuma, de forma alguma, a **PdA** defendida no discurso conservador como resultante de uma política multicultural – o bloqueio; pelo contrário, para os liberais, a solução é a mudança na política estatal e no tipo de Estado, que incentivará assimilação e trabalho e, assim, progresso sem violência.

4.4.5 A capacidade do Estado de controlar a entrada de imigrantes: representações conservadoras e liberais

Por fim, liberais e conservadores também parecem discordar no que concerne à capacidade de o Estado conseguir, de fato, fiscalizar e controlar a entrada de imigrantes. Enquanto os liberais são céticos a esse respeito, os conservadores assumem tal capacidade como premissa – para Bolsonaro, o desaparecimento das Forças Armadas é, inclusive, uma ameaça direta a isso, motivo pelo qual o Estado não pode deixá-las nessas condições.

A única analogia significativa ligada a este eixo é produzida no âmbito do discurso liberal. Vejamos o excerto abaixo:

(13) Narloch 2

É ingênuo acreditar que a fiscalização estatal vai deter terroristas. No Onze de Setembro, autores dos atentados (entre eles um estudante de arquitetura na Alemanha) esconderam viagens ao Afeganistão simplesmente extraviando o passaporte e emitindo um documento novo. Enganar burocratas, fazendo-se passar por uma pessoa de bem, é a tarefa mais simples de um terrorista.

Em (13), temos uma analogia construída de forma distinta, na medida em que a abstração derivada do mapeamento entre domínios é enunciada pela voz autoral – “enganar burocratas, fazendo-se passar por uma pessoa de bem, é a tarefa mais simples de um terrorista”. Por conseguinte, Narloch transfere para o contexto brasileiro a possibilidade de ocorrer atentados terroristas, como o do Onze de Setembro, para sustentar sua alegação de que a fiscalização estatal não consegue impedir ataques, conforme quer crer Bolsonaro, e assim defender seu ponto de vista de que a imigração deve ser liberada.

Quadro 17. Posicionamento epistêmico sobre o controle da imigração pelo Estado

Discurso Conservador	Discurso Liberal
Evidencialidade Cognitiva	
	<p>[Narloch 3] É ingênuo acreditar que a fiscalização estatal vai deter terroristas. No Onze de Setembro, autores dos atentados (entre eles um estudante de arquitetura na Alemanha) esconderam viagens ao Afeganistão simplesmente extraviando o passaporte e emitindo um documento novo.</p> <p>[Narloch 5] O maior erro desse debate é acreditar que o Estado consegue deter a imigração. Queiram os engenheiros sociais ou não, os imigrantes entram. Dentro do país, transformá-los em ilegais só agrava o problema.</p>

Fonte: Elaboração própria.

O discurso liberal é o único que apresenta recursos de posicionamento epistêmico nesse eixo, e é significativo que a utilização de **evidenciais cognitivos** – acreditar que – são enunciados quando a voz autoral refere-se a outro, ou seja, no primeiro exemplo, temos uma crítica aos que acreditam que a fiscalização estatal evitará a entrada de imigrantes e, no segundo exemplo, um reforço da crença errônea a respeito da proposta de bloqueio da entrada de imigrantes. Logo, é relevante destacarmos como o discurso liberal constrói as concepções do conservador como se fossem crenças e não saberes, escopando-as por meio dos termos avaliativos “ingênuo” e “o maior erro desse debate”, o que atua no sentido de desestimular adesão ao contra-discurso.

4.5 Ideologia, argumentação e discurso: uma síntese dos resultados

We don't see things as they are, we see them as we are.

Anaïs Nin (1961)

Tendo em vista as análises anteriormente expostas, vimos que, por meio de uma análise argumentativa-cognitiva, pudemos dissociar os discursos da autoproclamada direita, localizando as diferenças fundamentais entre os conservadores e os liberais, no tocante a seu posicionamento acerca da **imigração Sul-Sul** direcionada ao Brasil. Sobre aquele, vimos que a garantia da segurança nacional consiste em seu **Valor** central, valor este que justifica o rígido controle da imigração e o bloqueio dos imigrantes indesejados – os possíveis terroristas infiltrados – em contraponto com o discurso liberal, em que os **Valores** centrais são a livre circulação – de bens e de pessoas – e o mérito. Somando a isso o fato de conceberem que o rígido controle proposto pelos conservadores é ineficaz e talvez contraproducente, tendem a defender a livre imigração.

Nesta seção, sintetizaremos o posicionamento de conservadores e liberais no tocante à **imigração Sul-Sul** nos quadros a seguir, construídos a partir do modelo de **Ideologia** de Van Dijk (2014). Começemos pela **ideologia conservadora**:

Quadro 18. Síntese do modelo da ideologia conservadora sobre imigração

Ideologia Conservadora quanto à Imigração	
i. Identidade (quem somos, quem pertence a esse grupo)	Direita conservadora
ii. Ação (o que fazemos e o que devemos fazer)	(Propor políticas públicas para) bloquear ou, ao menos, restringir rigidamente a entrada de imigrantes Sul-Sul no Brasil.
iii. Objetivos (por que fazemos isso, por que estamos juntos, qual a finalidade do que fazemos)	Prevenir ataques terroristas e escalada de violência no país.
iv. Normas e valores (o que é bom ou ruim para nós, o que é permitido ou não)	Valores positivos: segurança, apreço à “civilização”. Valores negativos: radicalismo religioso (islâmico), assistencialismo, multiculturalismo.
v. Grupos de referências (quem são os aliados e os inimigos)	Aliados: as Forças Armadas. Inimigos: a esquerda e o MST, em primeiro plano, e liberais, em segundo (nesta polêmica).
vi. Recursos (que recursos temos disponíveis e quais devemos reproduzir)	Não se aplica à polêmica.

Fonte: Elaborada própria.

No Quadro (18), temos a reafirmação da **identidade** conservadora do grupo formado por Jair Bolsonaro, Olavo de Carvalho e pelo *Diário da Insurgência*. A **ação** proposta pelo

grupo caminha no sentido de criar políticas públicas que tenham claramente a finalidade de bloquear os imigrantes indesejados [que representem perigo à sociedade], restringindo a entrada de imigrantes/refugiados no país. Tal **ação** refere-se a um **objetivo** incontestável desse grupo: o desejo de evitar ataques terroristas e a escalada de violência no Brasil. Conforme mostramos na configuração funcional, esse **objetivo** embasa-se em dois **valores positivos** – o primeiro, a segurança; e o segundo, o apreço à civilização (valores contrários aos dos imigrantes que, de acordo com esse grupo, são um perigo e um fardo, não contribuindo com o país de destino) – e em três **valores negativos** – o primeiro diz respeito ao radicalismo religioso, principalmente de teor islâmico; o segundo, ao assistencialismo (demandado pelos imigrantes, mas provido pelo Estado); e o terceiro, ao multiculturalismo, insustentável na Europa e desejado pelo governo do PT. Em termos de grupos de referência, o discurso conservador parece construir convergência discursiva e aliança com as Forças Armadas, e divergências, com tanto a esquerda em geral quanto o MST, em primeiro plano, e com os liberais, em segundo plano, já que diferem no quesito livre imigração proposto pelos últimos. Vejamos o quadro (19) que sintetiza a **ideologia liberal**:

Quadro 19. Síntese do modelo da ideologia liberal sobre imigração

Ideologia Liberal quanto à Imigração	
i. Identidade (quem somos, quem pertence a esse grupo)	Direita liberal
ii. Ação (o que fazemos e o que devemos fazer)	(Propor políticas públicas para) liberar a entrada de imigrantes Sul-Sul no Brasil. (Propor uma política de) redução do Estado de Bem-Estar Social.
iii. Objetivos (por que fazemos isso, por que estamos juntos, qual a finalidade do que fazemos)	Fazer o país progredir economicamente.
iv. Normas e valores (o que é bom ou ruim para nós, o que é permitido ou não)	Valores positivos: mérito, trabalho, esforço, livre circulação. Valores negativos: radicalismo religioso (islâmico), assistencialismo, multiculturalismo.
v. Grupos de referências (quem são os aliados e os inimigos)	Aliados: ---- Inimigos: a esquerda e o MST, em primeiro plano, e conservadores, em segundo (nesta polêmica).
vi. Recursos (que recursos temos disponíveis e quais devemos reproduzir)	Não se aplica à polêmica.

Fonte: Elaborada própria.

No quadro (19), por sua vez, vemos que a **identidade** liberal propõe políticas públicas que visem liberar a entrada do imigrante, em especial os Sul-Sul, no Brasil, bem como uma redução de políticas de bem-estar social pelo Estado. Desta forma calcadas no **objetivo** de provocar um progresso econômico do Brasil., Tal objetivo é sustentado por meio de **valores**

positivos concernentes ao mérito, ao esforço na busca por trabalho, e pela livre circulação e por **valores negativos**, como a aversão ao radicalismo religioso de orientação islâmica, o assistencialismo e o multiculturalismo, valores estes que os aproximam do discurso conservador, mas sem uma adesão forte o suficiente para justificar o bloqueio dos migrantes. A livre circulação e o potencial de trabalho são tidos como valores hierarquicamente mais altos que a segurança.

Segundo o discurso liberal estudado nessa polêmica, podemos dizer que, a partir do papel de candidato ou potencial candidato à imigração para o Brasil, se destacam as relações de teor econômico, neoliberal extremo. Assim, é positivo contribuir com impostos gerados com base no trabalho duro – o que lhe garantiria livre circulação –, mas é negativo recorrer ao assistencialismo do governo, gerando ônus ao Estado – o que lhe tornaria indesejável no país de destino. Desta forma, imigrantes podem ser fator de progresso ou do atraso.

Já no discurso conservador, também presente em nossa polêmica, temos, a partir do papel de candidato ou potencial candidato à imigração para o Brasil, relações de proporção sociopolítica, como o impacto no índice de criminalidade do país de destino e a capacidade de assimilação cultural adequada. Para ambas as trocas, se a resposta for negativa, temos a desvantagem da imigração, que deverá ser bloqueada; para aqueles que responderem positivamente às questões anteriores, a imigração deve ser apenas rigidamente controlada como forma de evitar que o grupo “infiltrado” entre no país.

CONCLUSÃO

*they have no ideia what it is like
to lose home at the risk of
never finding home again
have your entire life
split between two lands and
become the bridge between two countries.*
(Rupi Kaur, 2017)

A **imigração** consiste em um fenômeno sócio-histórico, geopolítico e cultural atual e complexo, conforme buscamos mostrar no decorrer dessa dissertação. É atual, pois deslocamentos populacionais entre países constituem uma realidade vigente em vários continentes, em especial, na Europa e na América do Norte e, recentemente, no Brasil, de forma que a temática se instala, de maneira cada vez mais intensa, na agenda política contemporânea, o que demanda discussões sobre as políticas públicas aplicáveis. É complexo, porque são muitas as razões pelas quais os imigrantes têm de sair dos seus países de origem – dentre os quais, podemos citar desastres naturais, como terremotos¹⁰⁹; guerras civis¹¹⁰, miséria¹¹¹ – e diversas condições de chegada nos países receptores, que nem sempre possuem políticas de acolhimento e de inclusão reais dessas populações, que, muitas vezes, ficam à margem da sociedade, tendo que conviver com discursos nacionalistas e xenófobos.

Nosso objetivo, nesta dissertação, foi examinar como uma declaração eivada de preconceito, que associava os imigrantes senegaleses, haitianos, sírios, bolivianos, dentre outros à *escória do mundo*, promoveu uma polêmica no âmbito da autoproclamada direita brasileira, que cindiu conservadores e liberais em termos de posicionamentos contrários e favoráveis à **imigração**, por diversos motivos, a despeito de nenhum deles considerar, de fato, a condição de fragilidade desses grupos humanos e valorizar e respeitar a sua cultura.

Partindo de um *corpus* composto por dez textos publicados em mídias digitais, recorreremos a um diálogo entre os **Estudos Críticos do Discurso**, a **Linguística Cognitiva** e a **Teoria da Argumentação** para investigar não só as **Alegações** e as **Propostas de Ação** defendidas por esses grupos, mas também suas formas de sustentação e os pontos de convergência e de divergência entre essas **ideologias**, buscando, assim, mostrar parte do cenário político-discursivo vigente no Brasil sobre essa temática.

¹⁰⁹ Cf. CORRÊA, Alessandra. Um ano depois de terremoto, 1 milhão de haitianos ainda vivem em barracas **BBC**. Jan. 2011. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/multimedia/2011/01/110107_haiti_acampamento_nf. Acesso em 20 de julho de 2018.

¹¹⁰ Cf. Entenda a guerra civil na Síria. **G1**. Ago. 2018. Disponível em: <http://g1.globo.com/revolta-arabe/noticia/2013/08/entenda-guerra-civil-da-siria.html>. Acesso em 20 de julho de 2018.

¹¹¹ Cf. BAZZO, Gabriela. Senegaleses: Esta é a nova cara da imigração no Brasil. **Huffpost**. Jun. 2015. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2015/06/06/senegaleses-esta-e-a-nova-cara-da-imigracao-no-brasil_a_21681724/. Acesso em 20 de julho de 2018.

Assim, no que diz respeito à análise da configuração funcional dos movimentos argumentativos epistêmicos e práticos, pudemos depreender uma posição dicotômica entre conservadores e liberais: enquanto os primeiros, apoiados no valor de *segurança*, defendem o bloqueio da entrada de **imigrantes Sul-Sul**, argumentando que eles, além de espoliarem o país, representariam uma ameaça à integridade física de nossos cidadãos, dado que haveria “infiltração terrorista”; já os últimos, ancorados no valor de *mérito* e de *livre circulação*, defendem a entrada desses grupos populacionais, argumentando que, por meio deles, poderíamos fazer do Brasil um grande país, desde que, é claro, o Estado de Bem-Estar Social não fosse generoso demais com tais grupos e eles se submetessem à assimilação cultural.

Detectamos, assim, quatro eixos representacionais que organizam esses discursos acerca do **imigrantes Sul-Sul**: a. a concepção de que se trata de um grupo criminoso ou não; b. a concepção de que tais agrupamentos consistem em fardos à economia ou em instrumentos de progresso; c. a concepção de que se trata de um grupo capaz ou incapaz de assimilar-se culturalmente aos “padrões brasileiros”; d. a concepção de que o Estado é capaz ou não de fiscalizar, de fato, os imigrantes e filtrar os “riscos”.

De modo geral, conservadores tendem a defender que tais imigrantes são criminosos e um fardo, que não conseguirão se assimilar ao nosso modo de vida, repetindo comportamentos “bárbaros” dos seus países de origem e que o Estado é capaz de fazer esse controle. Nesse sentido, são diferentes dos **imigrantes Norte-Sul** que vieram para o Brasil entre o fim do século XIX e o início do século XX, que teriam vindo para cá para nos civilizar, trazer sua tecnologia e suas técnicas, nos ensinar a trabalhar, replicando, assim, o discurso da superioridade europeia e da inferioridade da colônia.

Liberais, por sua vez, defendem que tais imigrantes não são potencialmente criminosos e podem ser um meio de progresso, dado que são uma grande força capitalista; logo, em nada diferem dos **imigrantes Norte-Sul** – ambos os grupos chegaram *escória* e, se esses foram centrais para o nosso desenvolvimento, por que os atuais não poderiam ser? Além disso, defendem que o Estado não só não é capaz de fazer o controle da entrada desses grupos, como apostam que tal burocratização só elevaria o número de ilegais, processo esse que seria o responsável pela criação dos problemas temidos pelos conservadores. Por fim, ainda creem que a incapacidade de assimilação se deve mais ao tipo de política de Estado, do que ao fenômeno migratório em si. O ideal, é claro, é o americano – não é à toa que o bordão de Trump era *Make America Great Again*, e o título de um dos textos de Narloch é *Deixe a escória entrar, Bolsonaro. Pois faremos com ela um grande país*. Nessa perspectiva, a preposição *com*, certamente, não indica companhia; mas *instrumentalização*, a despeito do quanto o discurso

liberal pode querer até mistificar esse posicionamento. Vemos aqui uma aproximação clara com a **teoria dual do mercado de trabalho**, que debatemos – ainda que sinteticamente – na introdução.

Em termos linguístico-cognitivos, vemos que o discurso conservador tende, por um lado, a instanciar recursos de **evidencialidade perceptiva**, assumindo, então, como principal fonte de conhecimento a própria experiência empírica dos oradores – processo que atinge seu ápice em Olavo de Carvalho, que exacerba o uso a primeira pessoa para atingir esse fim – e, por outro, a fazer uso de analogias e metáforas que representam o **imigrantes Sul-Sul** como criminoso e fardo. O discurso liberal, por outro lado, tende a ser marcado por um predomínio de **evidenciais cognitivos e comunicativos**, evocando argumentos sustentados em discursos de autoridade extraídos das esferas econômica, sociológica e jornalística, fazendo com que o peso do *ethos* de seus oradores seja menos relevante para a transferência de aceitabilidade dos argumentos para a **Alegação**. Suas construções analógicas e metafóricas são usualmente centradas na desconstrução das representações conservadoras dos imigrantes como fardos e criminosos. Nesse sentido, liberais parecem tentar dialogar com uma audiência mais heterogênea que a conservadora.

A partir desses resultados, pudemos, então, sistematizar o posicionamento ideológico dessas correntes políticas com o auxílio do aparato teórico de ideologia proposto por van Dijk (2014). Assim, conseguimos definir as **identidades** associadas a essas ideologias, as **ações** defendidas, as **normas** e os **valores** que guiam seus posicionamentos, bem como os **grupos de referência** de cada um, tanto em termos daqueles com quem é possível constituir um **endogrupo**, quanto aqueles que são considerados **exogrupo**, o que permitiu deixar ainda mais clara a divergência entre conservadores e liberais nessa temática, uma vez que essas correntes tendem a aliar-se em termos de diversas pautas no Brasil, em especial, em uma postura “anti-esquerda”, como fica evidente no texto do colunista Rodrigo Constantino.

O que depreendemos dessa cadeia de textos, portanto, é que eles se constituem, principalmente, em uma **disputa**, se formos recorrer ao arcabouço teórico de Dascal (1998). É um debate fundamentalmente ideológico, que põe em pauta **valores, atitudes e avaliações**, dos quais nenhum dos **atores sociais** envolvidos busca abrir mão, havendo, assim, espaço ínfimo para se chegar a acordos, consensos e propostas conciliatórias. Predomina um cenário de competição, em que o objetivo é vencer o adversário, independente, muitas vezes, de o posicionamento ser ou não viável ou aplicável, ser ou não correto ou útil; o **disputante** “mantém-se convencido de que seu posicionamento é correto independente do resultado da

disputa” (DASCAL, 1998, n.p.), que pode renascer no âmbito de outras temáticas, de outros contextos, colocando novamente em foco a mesma antítese de valores.

O que mais nos causa espécie, contudo, é que independente da posição favorável ou desfavorável acerca da recepção desses novos imigrantes para o Brasil, eles não são valorizados pelas suas singularidades, mas menosprezados em termos das possíveis contribuições que suas próprias culturas e a diferença nos seus modos de vida pode trazer para o país. Ou eles devem ser rechaçados, dada sua inferioridade; ou eles devem ser acolhidos, para se assimilarem e serem instrumentalizados para o desenvolvimento do verdadeiro cidadão brasileiro, como o discurso de Narloch dá a entender. Em outros termos, eles ainda são inferiores. A violência simbólica contra o imigrante subjaz a ambos os discursos.

Como disse Marilena Chauí na apresentação de seu livro *Sobre a Violência* (2017):

Violência é toda forma de ação, pensamento e sentimento que reduz uma outra pessoa a condição de uma coisa quando, portanto, o outro não é visto como uma pessoa, mas como uma coisa que manipulo. Então a violência é a maneira pela qual formas de opressão, dominação e exclusão se realizam, ela não está circunscrita à criminalidade e à delinquência, ela é uma forma da relação social. (CHAUÍ, 2018, n. p.)

Nesse sentido, o que vemos na polêmica é ainda a reiteração de um discurso que subtrai a dignidade desses seres humanos, que são reiteradamente discriminados e excluídos por sua cor de pele, pela sua origem geográfica, pelos seus costumes e por sua religião. Enxergamos, portanto, esta pesquisa como mais um instrumento para que possamos repensar a estrutura social em que vivemos e nos dar conta das marcas simbólicas que se tornam empecilhos para que grupos humanos, já tão sofridos, possam ter condições dignas de vida. Infelizmente, muito dessa violência simbólica acaba reforçada pela mídia, que silencia esses indivíduos que não têm recursos para projeção de si e poder para reverter os estigmas que lhes são atribuídos. Logo, é importante nos atentarmos para as ideologias que tentam reduzir seus direitos e apagar suas singularidades, mesmo aquelas que aparentam ser favoráveis à imigração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, Ruth. **Apologia da Polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.

AMOSSY, Ruth. **Argumentação no Discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006[1929].

BÓGUS, Lucia; FABIANO, Maria Lucia. O Brasil como destino das migrações internacionais recentes: novas relações, possibilidades e desafios. **Ponto e Vírgula**, São Paulo, n. 18, p. 126-145, 2015.

BREZIS, Elise S.; KRUGMAN, Paul R.. Immigration, Investment, and Real Wages. **Journal Of Population Economics**, v. 9, n. 1, p. 83-93, 1996. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20007492?origin=JSTOR-pdf>. Acesso em 21 de julho de 2018.

CAMPOS, Gustavo Barreto de. **Dois séculos de imigração no Brasil: A construção da imagem e papel social dos estrangeiros pela imprensa entre 1808 e 2015**. 2015. 539 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

CARNEIRO, José Fernando. **Imigração e colonização no Brasil**. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1950.

CASTREE, Noel; KITCHIN, Rob; ROGERS, Alisdair. **A dictionary of human geography**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

CROFT, William. **Verbs: Aspect and Causal Structure**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

CROFT, William; CRUSE, Alan. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **Sobre a Violência**. São Paulo: Autêntica, 2017.

CHAUÍ, Marilena. CHAUÍ, Marilena. Escritos de Marilena Chauí: Sobre a violência. São Paulo: 2018. (9 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R0YvaTEOiJQ>. Acesso em 20 de julho de 2018.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.

DADALTO, Maria Cristina. (Coord.) **A Representação Social Sobre a Imigração na Mídia Brasileira: Mapeamento e análise dos discursos comunicacionais**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. 2012. 90 p. Relatório Técnico-científico final apresentado ao CNPQ. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/dadalto-maria-representacao-social-sobre-imigracao-na-midia.pdf>. Acesso em 19 de julho de 2018.

DASCAL, Marcelo. Types of Polemics and Types of Polemical moves. In: CMERJKOVÁ, Svetla. et al. (Ed.). **Dialogue Analysis**. Tübingen: Max Niemeyer, p. 15-33, 1988. Disponível em: <https://www.tau.ac.il/humanities/philos/dascal/papers/pregue.htm>. Acesso em 19 de julho de 2018.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris. 10 dez. 1948. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.html . Acesso em 18 de julho de 2018.

DIEGUES JR, Manuel. **Imigração, urbanização e industrialização**. Rio de Janeiro: CBPE /INEP, 1964.

DRYZEK; John, S.; HONIG, Bonnie; PHILLIPS, Anne. Overview of Political Theory. In: GOODIN, Robert E.; et al (Ed.) **The Oxford handbook of political science**. 1ª ed. Nova York: Oxford University Press, 2006. p. 24.

DUGNANI, Bruna Lopes Fernandes. **Imagens discursivas de imigrantes e suas implicações no discurso de receptividade do brasileiro na imprensa nacional: uma perspectiva dialógica**. 2017. 367 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, PUC, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/19935>. Acesso em de 21 julho de 2018.

EVANS, Vyvian; BERGEN, Benjamin K.; ZINKEN, Jörg. **The Cognitive Linguistics Reader**. Londres: Equinox Publishing Co., 2007.

FAIRCLOUGH, Norman. **Critical Discourse Analysis**. Londres: Longman, 1995.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse: Textual analysis for social research**. Londres: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Critical Discourse Analysis: the critical study of language**. 2ª ed. Harlow: Longman Applied Linguistics, 2010 [1995].

FAIRCLOUGH, Norman; WODAK, Ruth. Critical Discourse Analysis. In: VAN DIJK, Teun. (Ed.) **Discourse as Social Interaction**, Londres: SAGE, 1997, p. 258–84.

FAIRCLOUGH, Norman; FAIRCLOUGH, Isabela. **Political Discourse Analysis: a method for advanced students**. 1ª ed. Oxon: Routledge, 2012.

FAUCONNIER, Gilles. **Mental Spaces: Aspects of Meaning Construction in Natural Language**. New York [Cambridge]: Cambridge University Press [MIT Press], 1994 [1985].

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: Aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24ª ed. São Paulo [Paris]: Edições Loyola [Éditions Gallimard], 2014[1971].

FRANCESCONI, Léa. **Crise, Trabalho e Migrações**. XVIII Encontro Nacional de Geógrafos: A construção do Brasil: geografia, ação política e democracia. 2016. Disponível em: http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467676873_ARQUIVO_2016EDPcompletoCrise,trabalhoemigracoes.pdf. Acesso em 19 de julho de 2018.

FREEMAN, James. **Argument Structure: Representation and Theory**. Londres: Springer, 2011.

GARSSSEN, Bart. **Argumentatieschema's in pragma-dialectisch perspectief. Een theoretischen empirisch onderzoek**. [Argument schemes is a pragma-dialectical perspective. A theoretical and empirical examination.], Com sumário em inglês. Amsterdã: IFOTT, 1997.
GENTNER, Dedre; SMITH, Linsey. Analogical reasoning. In: RAMACHANDRAN, Vilayanur Subramanian. (Ed.) **Encyclopedia of Human Behavior**. 2ª ed. Oxford: Elsevier, 2012, p. 130-136.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. **Tradição, estabilidade e dinamicidade nas práticas discursivas: um estudo da negociação intersubjetiva na imprensa paulistana**. 2011. 447 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/T.8.2011.tde-25042012-161141>.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Convergências entre a Análise Crítica do Discurso e a Linguística Cognitiva: Integração Conceptual, Metáfora e Dinâmica de Forças. **Vereadas** (UFJF. Online), v. 18, p. 32-50, 2014. Disponível em: <http://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/523>. Acesso em 01 de março de 2018.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Argumentação e falácias em entrevistas televisivas: por um diálogo entre o modelo Toulmin e a perspectiva textual-interativa. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 29, n. 2, p.69-96, dez. 2016. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v29i2p69-96>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/issue/view/8481/showToc>. Acesso em 01 de março de 2018.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Orientação argumentativa e Cognição: a Dinâmica de Forças no debate acerca dos rolezinhos. **Signo** (UNISC. Online), v.42, p.200 - 212, 2017a. DOI: <http://dx.doi.org/10.17058/signo.v42i73.7924>. Acesso em 01 de março de 2018.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. A relevância da noção de perspectivação conceptual (construal) no âmbito dos estudos do texto e do discurso: teoria e análise. **Revista Letras** (UFSM/ON-LINE), v. 27, p. 69-100, 2017b. DOI <http://dx.doi.org/10.5902/2176148529571>. Disponível em: <http://https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/29571>. Acesso em 01 de março de 2018.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Discurso e Prática Social. In: BATISTA Jr., José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tomazê Borges; MELO, Iran Ferreira de (orgs.). **Análise do Discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018a, p. 79-103.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Reflexões sobre a noção de representação: das Ciências Cognitivas para os Estudos Discursivos. In: PIRIS, Eduardo Lopes; AZEVEDO, Isabel Cristina Michelin de. (Org.) **Discurso e Argumentação: Fotografias Interdisciplinares**. 1ª ed. Coimbra: Grácio Editor, 2018b.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto.; ZELIC, Helena Capriglione. Relacionar-se é investir: ideologia, cognição e metáfora no discurso sobre relacionamento em revistas femininas para o público adolescente. In: NASCIMENTO, Lucas; MEDEIROS, Breno Wilson Leite.

(Org.). **Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso**: heranças, métodos, objetos. 1ª ed. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2016, v. 1, p. 64-91.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto; SOUSA, Douglas Rabelo de. Discourse, Grammar and Ideology: Functional and Cognitive Perspectives. **Revista Linha D'Água**, v. 30, p. 159-167, 2017. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v30i1p159-167>. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/127302/133034>. Acesso em 21 de julho de 2018.

HABERMAS, Jürgen. A review of Gadamer's Truth and Method. In: DALLMAYR, Fred R.; MCCARTHY, Thomas A. (Ed.) **Understanding and Social Inquiry**. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1977, p. 335-363.

HALLIDAY, Michael. **An introduction to functional grammar**. 3ª ed. Londres: Hodder Arnold; Nova York: Oxford University Press, 2004.

HART, Christopher. **Critical Discourse Analysis and Cognitive Science**: New perspectives on Immigration Discourse. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010.

HART, Christopher. **Discourse, Grammar and ideology**: Functional and cognitive perspectives. Londres: Bloomsbury Academic, 2014.

HEBERLE, Viviane M.; MORGADO, Marcos. Discussing the representation of immigrants: An integrated view from SFL, CDA and Multimodality. **International Journal of Language Studies**, v. 10, p. 57-78, 2016.

HODGE, Robert; KRESS, Gunther. **Language as ideology**. 2ª ed. Londres: Routledge, 1993.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995 [1936].

HONG, Gihoon; MCLAREN, John. Are Immigrants a Shot in the Arm for the Local Economy? **National Bureau Of Economic Research**. Cambridge, p. 1-69, abr. 2015. Disponível em: <http://www.nber.org/papers/w21123>. Acesso em 21 de julho de 2018.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. (Ed.) **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KAUR, Rup. **The sun and her flowers**. Cidade do Kansas: Andrews McMeel, 2017.

KORKUT, Umut et al (Ed.). **The Discourses and Politics of Migration in Europe**. Nova York: Palgrave Mcmillan, 2013. DOI https://doi.org/10.1057/9781137310903_11.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago press, 1980.

LANGACKER, Ronald. **Cognitive Grammar**: A basic introduction. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LEÃO, Augusto Veloso. Public policy and media frames: the debate over migration. In: **Brazilian Political Science Review**. v. 7, n. 1, p. 94-117. 2013, Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bpsr/v7n1/05.pdf>. Acesso em 21 de julho de 2018.

LÓPEZ-CIFUENTES, Javier. Os 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e sua relevância para migrantes e refugiados. In: INSTITUTO MIGRAÇÕES E DIREITOS HUMANOS. **Caderno de Debates Refúgio, Migração e Cidadania**. v. 3, n. 3. nov. 2008. Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos. Disponível em: http://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2009/cadernos/Caderno_de_Debates_3.pdf?view=1. Acesso em 20 de julho de 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARÍN-ARRESE, Juana. Effective vs. Epistemic stance and subjectivity in political discourse: Legitimising strategies and mystification of responsibility. In: HART, Christopher (Org.). **Critical Discourse Studies in Context and Cognition**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2011, p. 193-223.

MARTINE, George. **A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21**. São Paulo: São Paulo em Perspectiva, v. 19, n. 3, 2005.

MELO, Iran Ferreira. (Org.). **Introdução aos estudos críticos do discurso: Teoria e prática**. Campinas: Pontes Editores, 2012.

MOULIN, Carolina. A política internacional da mobilidade: governamentalidade global e produção da diferença no discurso disciplinar contemporâneo. In: SILVA, Sidney Antonio da. (Org.). **Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais**. São Paulo: Hucitec; Manaus: Fapeam, 2012. p. 275-288.

NIN, Anaïs. **Seduction of the minotaur**. Denver: Swallow Press, 1961.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES – OIM. Glossário sobre Migração. 2009. **DIM**. Nº 22. Genebra: OIM. Disponível em: <http://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>. Acesso em 18 de julho de 2018.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES – OIM. **South-South Migration: Partnering Strategically for Development**. 2014. Disponível em <https://www.iom.int/files/live/sites/iom/files/What-We-Do/idm/workshops/South-South-Migration-2014/Background-paper-en.pdf>. Acesso em 18 de julho de 2018.

PALUMBO, Renata. **Referenciação, metáfora e argumentação no discurso presidencial**. 2013. 272f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) —Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. DOI: 10.11606/T.8.2013.tde-21102013-191115. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-21102013-191115/pt-br.php>. Acesso em 18 de julho de 2018.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação: a nova retórica**. Tradução de Maria Ermantina Prado Galvão. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

POSTON, Dudley L. Migration. In: TURNER, Bryan S. (Ed.). **The Cambridge Dictionary of Sociology**, 2006, p. 384-386.

RATHA, Dilip; SHAW, William. South-South Migrations and Remittances. **The International Bank for Reconstruction and Development/The World Bank**, Washington, D.C: n. 102. 2007. Disponível em: <http://siteresources.worldbank.org/INTPROSPECTS/Resources/3349341110315015165/SouthSouthMigrationandRemittances.pdf>. Acesso em 17 de julho de 2018.

REISIGL, Martin. Argumentation analysis and the discourse-historical approach: A methodological framework. In: HART, Christopher. Hart; CAP, Piotr. (Ed.). **Contemporary Critical Discourse Studies**, Londres: Bloomsbury, 2014, p. 67–96.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

ROBERTSON, David. **The Routledge Dictionary of Politics**. 3ª ed. Londres; Nova York: Routledge Taylor & Francis Group, 2004.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz et al. **Sociologia das Migrações**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SELARI, Leandro da Silva. **Bolivianos em São Paulo: Dinâmicas da Imigração, Reflexões e Práticas da Mudança Social**. 2013. Dissertação. (Mestrado) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100134/tde-11042014-003225/pt-br.php>. Acesso em 20 de julho de 2018.

SEYFERTH, Giralda. Os estudos da imigração no Brasil: notas sobre uma produção multidisciplinar. In: **Mundos em movimento: Ensaio sobre migrações**. SEYFERTH, Giralda; PÓVOA NETO, Helion; ZANINI, Maria Catarina Chitolina; SANTOS, Miriam de Oliveira. Editora UFSM: Santa Maria, 2007, p. 15-44.

SEYMOUR-SMITH, Charlotte. **Macmillan dictionary of anthropology**. 1ª ed. Londres; Basingstoke: The Macmillan Press LTD, 1986.

SHIRE, Warsan. **Teaching my mother how to give birth**. 1ª ed. Londres: Flipped eye publishing: 2011.

SILVA, Milton Francisco da. **Haitianos no Brasil: uma leitura crítica da notícia no jornalismo impresso**. 2016. 487 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Filologia e Língua Portuguesa, USP, São Paulo, 2016. DOI 10.11606/T.8.2016.tde-21122016-125247. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-21122016-125247/pt-br.php>. Acesso em 21 de julho de 2018.

SILVA, Renata. Linguagem e Ideologia: embates teóricos. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 9, n. -1, p. 157-180, jan./abr. 2009. p. 157-180. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v9n1/a08v9n1.pdf>. Acesso em 21 de julho de 2018.

TÉLÉMAQUE, Jenny. **Imigração Haitiana na mídia brasileira**: entre fatos e representações. 2012. 95 f.. Monografia. (Bacharelado em Comunicação Social). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

TOULMIN, Stephen. **Os usos do argumento**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1958].

TOULMIN, Stephen; RIEKE, Richard; JANIK, Allan. **An Introduction to Reasoning**. Nova York: Macmillan, 1984[1978].

VAN DIJK, Teun. **Ideology: A Multidisciplinary Approach**. 1ª ed. Londres/Thousand Oaks/New Dehli: Sage, 1998. Disponível em: <http://www.discourses.org/OldBooks/Teun%20A%20van%20Dijk%20-%20Ideology.pdf>. Acesso em 18 de dezembro de 2017.

VAN DIJK, Teun. Context and Experience Models in Discourse Processing. In: VAN OOSTENDORP, Herre; GOLDMAN, Susan. (Ed.). **The construction of mental representation during reading**. Hillsdale: Erlbaum, 1999. p. 123-148. Disponível em: <http://www.discourses.org/OldArticles/Context%20models%20in%20discourse%20processing.pdf>. Acesso em 18 de dezembro de 2016.

VAN DIJK, Teun. **Ideology and Discourse**. A Multidisciplinary Introduction. 2000. Disponível em: <http://www.discourses.org/UnpublishedArticles/Ideology%20and%20discourse.pdf>. Acesso em 18 de dezembro de 2016.

VAN DIJK, Teun. **Ideología y Discurso**: una introducción multidisciplinaria. 1ª ed. Barcelona: Ariel, 2003.

VAN DIJK, Teun. **Discourse and Knowledge**: a Sociocognitive Approach. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

VAN DIJK, Teun. Critical Discourse Analysis (new version). In: TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi E.; SCHIFFRIN, Deborah. (Ed.). **Handbook of Discourse Analysis**. 2ª ed. Chichester: Wiley Blackwell, 2015, v. 1, p. 466-485.

VAN EEMEREN, Frans H.; GROOTENDORST, Rob. **Argumentation, communication, and fallacies**. A pragma-dialectical perspective. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1992.

VAN EEMEREN, Frans H.; GROOTENDORST, Rob; SNOECK-HENKEMANS, A. Francisca. **Argumentation**: Analysis, evaluation, presentation. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2002.

VAN EEMEREN, Frans H.; HOUTLOSSER, Peter; SNOECK-HENKEMANS, A. Francisca. (Ed.). **Argumentative indicators**: A Pragma-Dialectical Study. Dordrecht: Springer, 2007.

VEREZA, Solange Coelho. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*, [S.l.], v. 7, n. 3, p. p. 487-506, out. 2010. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/374/395. Acesso em 01 de junho de 2018.

VEREZA, Solange. “Metáfora é que nem...”: cognição e discurso na metáfora situada. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 65, p. 2-21, jul. 2013. DOI <http://dx.doi.org/10.17058/signo.v38i65.4543>. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/4543>. Acesso em 01 de junho de 2018.

WEIL, Simone. **The Need for Roots: Prelude to a Declaration of Duties Towards Mankind**. 1ª ed. Nova York: Routledge, 2002[1952].

WILSON, Robert A.; KEIL, Frank C. (Ed.). **The MIT encyclopedia of Cognitive Sciences**. Cambridge: The MIT Press, 1999.

WODAK, Ruth. **Gender and Discourse**. Londres; Thousand Oaks: Sage, 1997.

WODAK, Ruth. Critical Discourse Analysis. In: SEALE, Cleve; GOBO, Giampietro; GUBRIUM, Jaber F.; SILVERMAN, David. (Ed.) **Qualitative Research Practice**, Londres: Sage. 2004. p. 197-213.

WODAK, Ruth. Critical Discourse Analysis: History, Agenda, Theory, and Methodology. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael. (Ed.). **Methods for Critical Discourse Analysis**. Londres: Sage, 2009. p. 1-33.

FONTES

BOLSONARO, Jair. **Refugiados e Bolsonaro: a verdade**. 2015. (3 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t9AIyunctsU>. Acesso em 20 de julho de 2018.

CARVALHO, Olavo de. **Leandro Narloch e o Politicamente Correto**. 2015. (8 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=30RNdQygF54>. Acesso em 20 de julho de 2018.

CONSTANTINO, Rodrigo. Narloch x Olavo de Carvalho. Ou: O problema não é a imigração, mas o “Estado benfeitor”, **Gazeta do Povo**, blog, dez. 2015. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/narloch-x-olavo-de-carvalho-ou-o-problema-nao-e-a-imigracao-mas-o-estado-benfeitor/>. Acesso em 20 de julho de 2018.

DIÁRIO DA INSURGÊNCIA. O erro de Leandro Narloch sobre a imigração. Editorial, **Diário da Insurgência**, blog, dez. 2015. Disponível em: <http://diariodainsurgencia.blogspot.com.br/2015/12/o-erro-de-leandro-narloch-sobre.html>. Acesso em 20 de julho de 2018.

NARLOCH, Leandro. Deixe a escória entrar, Bolsonaro. Pois faremos com ela um grande país. **Revista Veja**, blog, set. 2015. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/deixe-a-escoria-entrar-bolsonaro-pois-faremos-com-ela-um-grande-pais/>. Acesso em 20 de julho de 2018.

NARLOCH, Leandro. A imigração livre é uma bandeira da esquerda ou da direita?. **Revista Veja**, blog, set. 2015. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/a-livre-imigracao-e-uma-bandeira-da-esquerda-ou-da-direita/>. Acesso em 20 de julho de 2018.

NARLOCH, Leandro. Bolsonaro estava certo? **Revista Veja**, blog, nov. 2015. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/bolsonaro-estava-certo/>. Acesso em 20 de julho de 2018.

NARLOCH, Leandro. O erro de Olavo de Carvalho sobre a imigração. **Revista Veja**, blog, dez. 2015. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/o-erro-de-olavo-de-carvalho-sobre-a-imigracao/>. Acesso em 20 de julho de 2018.

NARLOCH, Leandro. Sim à imigração, não ao relativismo cultural. **Revista Veja**, blog, jan. 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/sim-a-imigracao-nao-ao-relativismo-cultural/>. Acesso em 20 de julho de 2018.

VITOR, Frederico. Bolsonaro vê imigrantes como “ameaça” e chama refugiados de “a escória do mundo”. **Jornal Opção**, set. 2015. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/bolsonaro-ve-imigrantes-como-ameaca-e-chama-refugiados-de-a-escoria-do-mundo-46043/>. Acesso em 16 de julho de 2018.

ANEXOS

**[Bolsonaro 1] – Ouça entrevista em que Bolsonaro chama refugiados de “escória”
e sugere infarto a Dilma**

Frederico Vitor entrevista Jair Bolsonaro

FV: o senhor é oficial do exército forjado na academia militar das Agulhas Negras como é que o senhor ava/avalia hoje a situação das nossas forças armadas?

JB: completamente desaparelhada

5 FV: aham

JB: tudo canibalizado é:: vivendo aqui... um recruta ganhando à base do salário mínimo

FV: aham

JB: sendo dispensado quatro meses por ano por falta de almoço na maioria das cidades brasileiras

FV: sim

10 JB: o orçamento cortado paro ano que vem ou nós das forças armadas incorporaremos menos de cento e dez ou seremos obrigados dá dá meio expediente a partir de fevereiro pra todos ou seja o filho do pobre que vai prestar o serviço militar obrigatório vai pra casa com fome eu acho que.. não sei qual é a adesão dos comandantes

FV: uhum

15 JB: mas caso venham a reduzir o efetivo é menos gente na rua pra fazer frente aos marginais do MST que são engordados agora por senegaleses... haitianos... iranianos... bolivianos e tudo que é escória do mundo né? e agora tá chegando os sírios também aqui a escória do mundo está chegando aqui no nosso Brasil como se nós já não tivéssemos problemas demais pra resolver este é um grande problema que nós podemos ter assim como a luta armada começou em 66

20 FV: aham

JB: e eles não tavam tão aparelhados assim e por isso foram derrotados

FV: sim

JB: agora eles tão muito melhores preparados do que nós e o que é o pior

FV: hã

25 JB: a ministra da defesa Eva Chiavon sabe tudo ao nosso respeito

FV: entendido [...]

[Bolsonaro 2] – Refugiados e Bolsonaro: a verdadeJair Bolsonaro

JB: O norte da África vive atualmente uma situação político-terrorista o termo é exatamente esse... onde gente de tudo quanto é... origem... e credo está saindo daquela região que transformou-se na sala do inferno... obviamente junto com essas pessoas muitas de bem outras de péssima índole

5 embarcam nessa onda estão... na verdade se imiscuindo no mundo todo... a presidente Dilma Rousseff... a poucos dias declarou em um jornal de São Paulo onde ela claramente se mostrava de braços abertos para sírios adentrar no Brasil logicamente não podemos admitir isso junto com algumas pessoas de bem outras com esse tipo de formação de cultura completamente diferente da

10 nossa virão pra cá estamos vendo aqui que o Estado Islâmico está cada vez mais jogando infiltrando gente sua nessas verdadeiras diásporas que está acontecendo naquela região ce pode ver algum cubano que está nesse programa conhecido como Mais Médicos caso peça asilo no nosso país ele terá? não terá pessoa de boa índole não é bem-vinda no Brasil e o governo está usando... esta questão terrorista... política do norte da África para importar junto com pessoas de bem a escória do mundo os integrantes do Estado Islâmico que inclusive no tratamento no tocante

15 às mulheres né não se coadunam com a nossa educação aqui com a nossa cultura mulher pra eles é lixo você acha que essas pessoas né a parte dessas pessoas a escória vindo pra cá como mais cedo ou mais tarde começa a tratará tratar a nossa mulher no Brasil até a questão dos homossexuais que tanto me atacam como eles são tratados lá são mortos decapitados jogados de cima de prédio... esse tipo de gente sem qualquer controle cê quer que venha pra cá? pode inventar

20 mais uma calúnia a respeito da minha pessoa se depender de mim não virão pra cá sem um rígido de controle de sua vida pregressa de sua cultura de sua educação de seus costumes que não podemos colocar a nossa sociedade à mercê dessa minoria esCÓria que vai se juntar a outra escória que está no Brasil muitos coligados ao PT para impor o terror aqui em nosso meio.

[Narloch 1] – Deixe a escória entrar, Bolsonaro. Pois faremos com ela um grande país

Ao chamar os imigrantes sírios e haitianos de “escória do mundo” e compará-los a “marginais do MST”. Bolsonaro trai o capitalismo que ele próprio diz defender

Leandro Narloch

O deputado Jair Bolsonaro está como a economia brasileira. Quando todo mundo acha que não tem como piorar, ele dá um jeito de cometer uma tolice ainda mais terrível que as anteriores. Nesta semana, durante uma entrevista para o *Jornal Opção*, de Goiás, Bolsonaro disse:

5 *Não sei qual é a adesão dos comandantes, mas, caso venham reduzir o efetivo [das Forças Armadas] é menos gente nas ruas para fazer frente aos marginais do MST, dos haitianos, senegaleses, bolivianos e tudo que é escória do mundo que, agora, está chegando os sírios também. A escória do mundo está chegando ao Brasil como se nós não tivéssemos problema demais para resolver.*

10 É isso mesmo: Bolsonaro comparou imigrantes, gente que atravessa mares e percorre países a pé para encontrar um trabalho, com “marginais do MST” interessados em privilégios do governo e em tirar riquezas dos outros.

É verdade que haitianos e bolivianos são a escória do Brasil de hoje. Assim como poloneses, japoneses, alemães e italianos (alguns deles de sobrenome “Bolsonaro”) eram a escória da sociedade brasileira há um século.

15 O deputado costuma atacar o governo comunista de Cuba e defender o capitalismo. Pois não há força mais capitalista que a dos imigrantes. Ninguém representa tão bem a vontade de vencer pelo próprio trabalho. Eu, Bolsonaro e quase todos os brasileiros que eu conheço são descendentes de gente miserável que chegou ao Brasil aceitando qualquer subemprego. Em poucas gerações, essa gente enriqueceu mais que os nativos.

20 Em Londres, judeus e sikhs eram os grupos mais pobres no começo do século 20. Hoje são os mais ricos. Nos Estados Unidos, chineses e irlandeses sofriam tanta discriminação quanto os negros. Muitas empresas anunciavam empregos com a sigla NINA (*No Irish Need Apply*, “irlandeses não devem se candidatar”). Hoje chineses e irlandeses são mais ricos que a média dos americanos. No Brasil, imigrantes sírios e libaneses construíram o melhor hospital do país.

25 Economistas estão cansados de dizer que imigrantes não são um problema, mas a solução. Em maioria adultos jovens, contribuem mais em impostos do que gastam em serviços públicos. Ao ocupar vagas de baixa qualificação, liberam os brasileiros para trabalhos mais produtivos. Se Bolsonaro gosta mesmo do capitalismo, deveria se inspirar no poema “O Novo Colosso”, gravado ao pé da Estátua da Liberdade, e proclamar na Câmara dos Deputados: “Dêem-me os cansados, os pobres, suas massas apinhadas, que anseiam por respirar a liberdade. Faremos com eles um grande país”.

*Adendo: [neste vídeo](#), Bolsonaro afirma que se expressou mal ao usar o termo “escória”. Defende a entrada de imigrantes mas se diz preocupado com terroristas infiltrados entre eles.

[Narloch 2] – A livre imigração é uma bandeira da esquerda ou da direita?

Ao se opor à imigração, a direita brasileira adere à caricatura que a esquerda lhe atribui

Leandro Narloch

Meu [post anterior](#)¹¹² provocou a fúria de eleitores e seguidores do deputado Jair Bolsonaro. Foram mais de duzentos comentários, muitos deles afirmando que virei um cara de esquerda ao criticar o deputado e defender portas abertas para imigrantes haitianos, bolivianos e sírios. Com respeito aos críticos, preciso dizer que acredito no contrário: ao se opor aos imigrantes, Bolsonaro está deixando seu lado esquerdista sair do armário.

Em 1980, Ronald Reagan e George Bush disputavam a vaga de candidato do Partido Republicano à presidência dos Estados Unidos.

Durante [um debate](#)¹¹³, alguém perguntou a opinião dos dois sobre a imigração. Os dois políticos da direita, que mandariam nos Estados Unidos até 1992, se disseram favoráveis. “Tornamos ilegais alguns tipos de trabalho que eu gostaria de ver legalizados”, disse Bush. Reagan afirmou que os Estados Unidos deveriam “tornar possível para eles [os imigrantes] virem para cá e trabalhar legalmente com um visto e pagar impostos aqui. E se eles quiserem voltar, que voltem. Podem passar. Abram as fronteiras nas duas direções”.

Como Reagan e Bush, Milton Friedman, o pai do neoliberalismo, defendia a imigração – mas não qualquer tipo de imigração, apenas a ilegal. “É uma coisa boa ter imigrantes ilegais”, [ele dizia](#)¹¹⁴. “É bom para os Estados Unidos. É bom para os cidadãos do país. Mas só é bom se for imigração ilegal”. Friedman acreditava que a imigração legal é incompatível com o estado de bem-estar social: é preciso escolher um dos dois.

Seriam Bush-pai, Ronald Reagan e Milton Friedman três caras de esquerda? A imigração em massa sabota diversas bandeiras da esquerda. Aumenta a estatística de desigualdade, pressiona para baixo o salário de trabalhadores pouco qualificados, enfraquece os sindicatos e diminui a aceitação do povo a políticas de transferência de renda. O economista Erzo Luttmer mostrou em 2001 que, nos Estados Unidos, o valor dos programas de redistribuição de renda é menor nos estados onde a população é mais diversa. “Se indivíduos preferem contribuir para sua própria raça, etnia ou grupo religioso, eles optam por menos redistribuição quando membros de seu grupo constituem uma parte menor dos beneficiários”, diz ele. Quer diminuir o peso do Estado? Diversifique a população. Controlar a imigração é aderir ao dirigismo e à engenharia social, duas práticas tipicamente de esquerda tão combatidas por Edmund Burke, o pai do conservadorismo britânico. “O que eu não entendo é por que a esquerda apoia a imigração”, diz o jornalista Ed West no [Telegraph](#)¹¹⁵, o jornal da direita britânica. Ao se opor à imigração, a direita brasileira cai na caricatura que a esquerda tenta lhe atribuir. Dá munição à ideia de que “a direita é contra os pobres”. Não, a direita não é contra os pobres, mas contra os pobres que querem ganhar dinheiro pela expropriação, e não pelo esforço próprio. Não é o caso dos imigrantes.

¹¹² NARLOCH, Leandro. **Deixe a escória entrar Bolsonaro, pois faremos com ela um grande país.**

<https://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/deixe-a-escoria-entrar-bolsonaro-pois-faremos-com-ela-um-grande-pais/>. Acesso em 16 de Jul. de 2018.

¹¹³ WALKER, Jesse. Friday A/V Club: Ronald Reagan Says 'Open the Border Both Ways'. **Reason**. nov. 2014. Disponível em: <https://reason.com/blog/2014/11/21/friday-av-club-what-gop-immigration-poli#.z0rdk8:Owgq>. Acesso em 16 de Jul. de 2018.

¹¹⁴ FRIEDMAN on immigration and the welfare state. **OB**. Disponível em: <https://openborders.info/friedman-immigration-welfare-state/>. Acesso em 16 de Jul. de 2018.

¹¹⁵ Apesar de Narloch indicar que o artigo é do jornal *Telegraph*, o hiperlink nos direciona para a página inicial do jornal: <https://www.telegraph.co.uk/opinion/>, o hiperlink. Contudo, encontramos o artigo **How did opening borders to mass immigration become a 'Left-wing' idea?** de Ed West, hospedado no link a seguir: <http://churchandstate.org.uk/2016/02/how-did-opening-borders-to-mass-immigration-become-a-left-wing-idea/>. Acesso em: 16 de Jul. de 2018.

[Carvalho 1] – Leandro Narloch e o Politicamente Correto

Olavo de Carvalho

OC: Mas... o chamado deBate nacional ele vai enfraquecendo empobrecendo empobrecendo empobrecendo... até o poNto onde você vê opiniões assim que é:: eu quase caio de costas quando eu leio isto né... eu tava lendo o tal do Leandro Narloch.. né... ele dizia assim não pessoal tava falando mal desses haitianos... senegaleses etc... dizem que eles são a escória mas onde... ainda

5 umas gerações atrás a escória era... os alemães os japoneses e italianos... quer dizer o o o o o... dá impressão porque são imigrantes então o preconceito entre imigrantes o cara estava raciocinando a partir.. de uma... é::... de uma similitude entre palavras... mas... imigrante escória imigrante se há imigrante chama de escória não... acontece que os japoneses italianos e alemães nunca foram

10 chamados... como escória ao contrário eles foram chamados sobretudo... seja no começo do século seja depois pelo governo do Getúlio Vargas... porque eles iam aumentar o nível elevar elevar o nível técnico da nossa população Meu Deus do céu e eles traziam toda a tecnologia eu vi isso com meus dois olhos... quando eu participei do do do... do do recenseamento escolar no sul... no sul no sul do estado de São Paulo... a gente só via por toda a parte miséria eu contei para vocês o

15 casal ai é:: era um sujeito branco a mulher preta e tinha lá os filhos o filho não tinha nem nome.. e e perdido no mato né tatu bola minhoca não era o cidadão brasileiro com oito ano de idade não tinha nome ainda... quer dizer era esta a miséria humana indescritível não era miséria é:: não era fome fome eles não passavam porque pescavam até comiam bem tavam bem saudável mas era a miséria total... falta de de de recursos para agir no mundo... né e depois vários dias no mato vendo aqueles caixas tudo ferrado... né tudo de de pé no chão cheio de bicho de pé né é::... sem

20 entender nada perdido no mato né perdido no espaço... de repente encontramos um castelo de madeira... onde imigrantes japoneses abrigava família de quarenta membros... e onde nos ofereceram um jantar pantagruélico... hu... também tem outro episódio que foi contado pelo coronel Gustavo Borges... a aeronáutica achava que os pilotos tinham que tomar muito suco de laranja pa... por causa da visão para melhorar a visão então eles tinham lá um terreno e eles

25 dividiram o terreno em oito pedaços... e:: venderam pros plantadores... sete dos plantadores brasileiros logo desistiram mas o oitavo plantador que era um japonês... a produção dele supria a dos outro sete e ainda sobrava para ele vender... quer dizer ele entregava para a aeronáutica o que a aeronáutica tinha combinado e fazia um comércio paralelo com ele mas você ia no terreno ali a vinte e quatro horas o trator funcionando quando não era ele era a mulher quando não era a mulher

30 era o filho... então você vê uh capacidade de ação e técnica profissional desses imigrantes italianos alemães e japoneses era um negócio prodigioso e isso veio para ajudar o Brasil... eles não vieram para traficar tóxico... eles não vieram para entrar em programa assistencial do governo... eles vieram pra trabalhar e a ensinar os brasileiros a trabalhar quanta gente né... num não foi civilizado por alemão né... eu assim meu primeiro emprego foi com... alemão seu Karl Heiz Lochman me

35 ensinou um bocado de coisa né... segundo emprego foi com uma família de judeus russos... hun.. também me ensinaram um bocado de coisa essa gente russo judeu alemão japonês veio para civilizar o Brasil né... não veio pra ficar se arrastando na rua cheio de cocaína na cabeça se é pra cometer crime... e entrar nos projetos assistenciais do governo então a o paralelo que o sujeito faz é inteiramente verbal... enquanto paralelo verbal parece que tá certo se o sujeito é imigrante você

40 chama de escória então hoje são os haitianos senegaleses ontem era o japonês o italiano... mas... como é possível o nego escrever uma coisa que ele ignora tudo tudo tudo tudo tudo? é o Narloch imigrante também né... da onde é Narloch? deve ser alemão é... então olha você veja na num num nas obras de Oswald de Andrade tem uma cena que é do Marco Zero... né... que... tava numa escola de interior:: né... tanto é aqueles... caipira aqueles capião aqueles filho de capião tudo

45 magrinho passando mal e um dia um deles desmaia né... e daí desmaia de fome (risos) e daí tem o coleguinha japonês fala assim japonês trajer ranche (risos) digo olha é isso ai o Brasil era isso ai cê tá entendendo? quer dizer o japonês o alemão o judeu era elite e eles foram a imigração foi aberta a eles para isto... ha? para que eles fizesse o bem e a a a a terra onde tavam e fizeram um bem extraordinário... você vê o que que é o nosso... agronegócio hoje que é o que sustenta o país..

50 são filhos ou netos de imigrantes de alemão e italianos que tavam no sul e daí tinha essa zona no centro do país que foram inicialmente do MST o MST não conseguiu fazer nada estragou tudo

daí decidiu vender e os caras do sul compraram foram pra lá e criaram uma economia próspera... ainda é o Brasil se beneficiando dos imigrantes agora esse pessoal que veio do Haiti do Senegal eles sabe o quê? É? alguns talvez saibam duas ou três coisas do corão tá certo? e sabe fumar
55 maconha é:: vender craque talvez isso eles sabem então o paralelo é absolutamente... falso mas... eu duvido das pessoas que leem a coluna do Narloch quantas sabem disso?... né? quando você vê um idiota como um Narloch precisa do Olavo de Carvalho para contestá-lo é porque a coisa tá ruim deve ter caído lá três mil cartas dizendo cala a boca burro... né... todo... quem sabe um pouco de história do país no século vinte sabe que essa analogia é totalmente falsa é demagógica... e
60 sabe que o Narloch não sabe também quer dizer ele acredita mesmo nisso... porque é um mecanismo histérico quando um sujeito consegue combinar palavras e fazer uma frase o fato dele ter conseguido fazer a frase o convence de que a frase é verdadeira esse é um dos mecanismos mais típicos da histeria... eu acredito naquilo que eu consigo dizer se eu conseguir dizer já é um esforço monumental... conseguiu dizer só pode ser verdade quer dizer é um efeito... vamos dizer
65 persuasivo é da mera estrutura gramatical... né... quer dizer com o pensamento ele é fluído é preverbal na hora que consegue ter expressão verbal é uma vitória tremenda né quase como uma revelação divina né... então é nesse estágio que nós temos eu asseguro a vocês que pelo menos oitenta por cento das opiniões que eu leio no jornal são feitas assim você combina as palavras e i:: achar que ficou legal deve ser verdade... né...

[Narloch 3] – Bolsonaro estava certo?

Não

Leandro Narloch

Depois dos atentados em Paris, [um artigo desta coluna](#)¹¹⁶ recebeu 200 comentários – a maioria pedindo que eu me retratasse ou admitisse o erro por ter criticado o deputado Jair Bolsonaro. Em setembro, numa entrevista para o jornal [Opção](#)¹¹⁷, Bolsonaro chamou de escória os imigrantes haitianos, bolivianos e sírios que estão vindo trabalhar no Brasil. Logo depois gravou um vídeo com uma opinião mais moderada e sensata: considera escória apenas as “pessoas de péssima índole que se misturam a pessoas de bem”, ou seja, os terroristas infiltrados entre os imigrantes. A tragédia na França levou muita gente a afirmar que “Bolsonaro avisou” ou que “Bolsonaro estava certo”. Não é verdade. As sugestões do deputado não evitariam ataques terroristas como o de Paris.

10 [No vídeo de setembro](#)¹¹⁸, Bolsonaro afirma que não é contra a imigração de sírios – pede apenas que a entrada no Brasil não seja autorizada “sem um rígido controle de sua vida pregressa”. Até aí, nada demais – difícil achar alguém (fora o maluco do Ministério da Justiça que defendeu jihadistas) interessado em abrigar homens-bomba. A questão é que a maioria dos terroristas que cometeram atentados na França em janeiro e na

15 semana passada não eram imigrantes ilegais nem mesmo estrangeiros. Eram cidadãos franceses ou belgas. Vinham de famílias de imigrantes muçulmanos – provavelmente “pessoas de bem” que Bolsonaro deixaria entrar no Brasil. É ingênuo acreditar que a fiscalização estatal vai deter terroristas. No Onze de Setembro, autores dos atentados (entre eles um estudante de arquitetura na Alemanha) esconderam viagens ao

20 Afeganistão simplesmente extraviando o passaporte e emitindo um documento novo. Enganar burocratas, fazendo-se passar por uma pessoa de bem, é a tarefa mais simples de um terrorista. Mas numa coisa eu concordo com o deputado: num caso de imigração em massa para o Brasil, a pior postura que podemos adotar é o relativismo cultural. A França foi particularmente prejudicada ao ser leniente e tolerante com imigrantes e filhos de imigrantes que não respeitavam

25 as noções francesas de direitos humanos. Mas concordar com a livre imigração não significa aderir ao relativismo politicamente correto. O rigor com o cumprimento da lei seguirá necessário em caso de imigração em massa ao Brasil. Talvez não seja algo muito difícil de se obter. Nos Estados Unidos, como informa a [Economist](#)¹¹⁹, “de 745 mil refugiados assentados desde o 11 de Setembro, apenas dois iraquianos foram presos sob acusação de terrorismo, por ajudar a Al-Qaeda no Iraque”.

30

¹¹⁶ NARLOCH, Leandro. Deixe a escória entrar Bolsonaro, pois faremos com ela um grande país.

Veja. set. 2015. <https://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/deixe-a-escoria-entrar-bolsonaro-foi-faremos-com-ela-um-grande-pais/>. Acesso em 16 de Jul. de 2018.

¹¹⁷ VITOR, Frederico. Bolsonaro vê imigrantes como “ameaça” e chama refugiados de “a escória do mundo”. **Jornal Opção.** set. 2015. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/bolsonaro-ve-imigrantes-como-ameaca-e-chama-refugiados-de-a-escoria-do-mundo-46043/>. Acesso em 16 de Jul. de 2018.

¹¹⁸ BOLSONARO, Jair. **Refugiados e Bolsonaro: a verdade.**

<https://www.youtube.com/watch?v=t9AIyunctU&feature=youtu.be>. Acesso em 16 de Jul. de 2018.

¹¹⁹ YEARNING to breathe free. **The Economist.** out. 2015. Disponível em:

<https://www.economist.com/united-states/2015/10/17/yearning-to-breathe-free>. Acesso em 16 de julho de 2018.

[Narloch 4] – O erro de Olavo de Carvalho sobre a imigração

Não é verdade que italianos e japoneses foram chamados ao Brasil para “elevar o nível técnico da população”, como diz o filósofo

Leandro Narloch

Olavo de Carvalho me chamou de idiota. Olavo de Carvalho me chamou de idiota! Fico feliz porque assim entro na lista de ilustres amigos liberais que já receberam as mesmas palavras de afeto do filósofo.

O motivo de Olavo ter me chamado de idiota é, de novo, o [post](#)¹²⁰ em que critico o deputado Bolsonaro por chamar haitianos, sírios e bolivianos de escória. Afirmo no artigo que os imigrantes europeus do século 19 eram tão escória quanto haitianos hoje – e, apesar disso, prosperaram. Olavo [afirma](#)¹²¹ que estou raciocinando a partir de similitude de palavras (imigrante = escória). “Acontece”, diz ele, “que os japoneses, italianos e alemães nunca foram chamados como escória; ao contrário, eles foram chamados porque vinham elevar o nível técnico da nossa população.”

Não é verdade. Ou melhor: a afirmação de Olavo vale para os alemães, talvez também para os italianos do norte (e aqui eu admito o descuido ao afirmar que os alemães eram considerados escória).

Mas a afirmação não vale para todos os outros povos que imigraram ao Brasil: japoneses, italianos do sul, poloneses, ucranianos, quase todos famintos, miseráveis e discriminados quando chegaram aqui. Os japoneses, que para Olavo de Carvalho também foram chamados ao Brasil “para elevar o nível técnico da população”, são um belo exemplo. Oliveira Vianna dizia que “o japonês é como enxofre: insolúvel”. A revista *O Malho* publicava charges ridicularizando os imigrantes japoneses. “O governo de São Paulo é teimoso. Após o insucesso da primeira imigração japonesa, contratou 3.000 amarelos”, diz uma charge de 1908. “Teima pois em dotar o Brasil com uma raça diametralmente oposta à nossa”.

Nos debates da Assembleia Constituinte de 1946, a expressão “aborígenes nipões” é frequente. Por muito pouco os deputados não aprovaram a emenda 3.165, que proibia “a entrada no país de imigrantes japoneses de qualquer idade e de qualquer procedência”. A emenda teve apoio de Luís Carlos Prestes e os demais deputados comunistas. Vejam só que informação deliciosa: quando o assunto é proibir a entrada de povos considerados escória, Olavo de Carvalho e Luís Carlos Prestes se aproximam. Quem diria. Os poloneses também eram chamados de escória nas suas primeiras décadas no Brasil. Sei disso por experiência da minha própria família. Cresci entre descendentes de Novacoskis e Bonaroskis, mas não havia na minha casa nada da cultura polonesa. O motivo é a vergonha. Minha mãe e suas primas “polacas” morriam de vergonha de serem polonesas. Para evitar serem confundidas com prostitutas, escondiam a origem a qualquer custo – e fingiam ser alemães. Poloneses, dizia-se na época em Curitiba, num duplo preconceito, eram “pretos do avesso”. Casavam com empregadas domésticas e morriam de cirrose. Hoje esses “pretos do avesso”, esses integrantes da escória estão mais ricos que a média da população. Entre os italianos, havia preconceito mesmo entre os próprios imigrantes. Gente do norte da Itália não se misturava com os do sul. No interior de São Paulo, chamar alguém de “calabrês” era uma ofensa.

Quem passar os olhos pelo *Guia Prático da Cidade de São Paulo*, editado entre 1906 e 1934, verá diversos anúncios de italianos padeiros, alfaiates, donos de lojas de sapatos – mas nenhum de engenheiros, advogados ou médicos. Entre os operários italianos do Bom Retiro, em São Paulo, 70% eram analfabetos. Não me parece que a maior parte desses imigrantes tinha um “elevado

¹²⁰ NARLOCH, Leandro. Deixe a escória entrar Bolsonaro, pois faremos com ela um grande país. **Veja**. set. 2015. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/deixe-a-escoria-entrar-bolsonaro-po-is-faremos-com-ela-um-grande-pais/>. Acesso em 16 de julho de 2018.

¹²¹ Não encontramos o website do hiperlink, porém, o vídeo **Olavo de Carvalho, Jair Bolsonaro e os erros de Leandro Narloch sobre a imigração** pode ser acessado no link disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8hO8Yle4hpE>. Acesso em 16 de julho de 2018.

nível técnico”, como sugere Olavo. Se brasileiros do século 19 tivessem ouvido discursos contra a imigração como os de Bolsonaro e Olavo de Carvalho, não teríamos no Brasil toda a prosperidade criada por japoneses, poloneses, ucranianos e italianos meridionais. Olavo de Carvalho toma uma parte do que eu digo (sobre os alemães) para escapar da refutação à minha afirmação central: em muitos países e épocas, imigrantes imundos, famintos e discriminados cresceram pela cultura de trabalho, e décadas depois já eram mais ricos que a média da população. Há muitos exemplos assim – o livro *Race and economics: how much can be blamed on discrimination*, do economista Walter Williams, enumera casos em diversos países. Sikhs e judeus eram os dois povos mais pobres de Londres no século 19 (e, acredito que aqui o filósofo concordará comigo, também os mais discriminados). Hoje são as duas etnias mais ricas da cidade. Em Nova York, empresas incluíam nos anúncios de empregos a sigla N.I.N.A (*No Irish Need Apply*, “irlandeses não precisam se candidatar”). Na Califórnia, houve leis proibindo o direito de japoneses e chineses possuírem terras. Hoje os americanos descendentes de irlandeses, japoneses ou chineses têm mais dinheiro que o americano comum. Ao se voltar contra os imigrantes só porque o PT os apoia, Olavo joga fora uma grande bandeira: a cultura de trabalho. É dela que eu saio em defesa. Estou pouco me lixando para a cultura haitiana, boliviana ou síria. Defendo os imigrantes haitianos, bolivianos e sírios por sua cultura de trabalho. É ela que vence o preconceito dos nativos e torna escória elite.

[Insurgência 1] – O erro de Leandro Narloch sobre a imigração

Diário da Insurgência

Leandro Narloch continua cometendo o erro de análise, raciocinando a partir de chavões, e sua resposta à crítica que sofreu de Olavo de Carvalho dá testemunho disso. O homem ainda não entendeu que a discussão não diz respeito ao que se pensa a respeito dos imigrantes, mas àquilo que os imigrantes oriundos das áreas dominadas pelo Estado Islâmico podem trazer consigo, como demonstrado pelo último pronunciamento da Homeland Security. Pelo visto, ele imagina que Olavo de Carvalho está apenas criticando uma promessa de grandeza econômica (existente apenas na cabeça de Narloch) a ser promovida pelos refugiados oriundos dos territórios conflagrados pelo islam político, ou está falando da impressão que os brasileiros cultivam sobre os imigrantes. Se ainda não ficou claro para o homem, pode-se fazer um acréscimo: nenhum desses dois fatores importa. Não interessa o que a população pensa dos imigrantes (não importa que sejam estereótipos negativos ou positivos). Não faz o menor sentido discutir que benefícios econômicos a vinda dessas pessoas pode fomentar. Os mesmos sauditas que financiam o genocida Al-Baghdadi na Síria - e financiaram o onze de setembro - sustentam negócios milionários no ocidente.

O rapaz escreve sobre o proverbial "preconceito anti-polaco" do Paraná - e o faz como alguém que chora um pogrom "anti-polaco", ou um Auschwitz para os infelizes polaco-tupiniquins. É verdade, existiu tal coisa como o alardeado preconceito, mas o cidadão não consegue perceber a desproporção entre a imigração originária de um país no qual nunca, repito, nunca houve um movimento popular sequer remotamente tão brutal e veloz em sua expansão quanto o Estado Islâmico, e a imigração de países que já "exportaram" ao menos um atentado, e com mais de uma dezena de feridos, que marcou a alma do povo francês. Narloch assumiu a velha trava ideológica da qual fala Eric Voegelin: sua corrente política - pode-se assumir que é o *libertarianism*, ou alguma outra vertente de liberalismo míope, furiosamente ideológica - entende que toda e qualquer restrição à movimentação de pessoas entre países é uma arbitrariedade monstruosa e, portanto, qualquer limitação à imigração só pode ser oriunda de chauvinismo ignorante, ou, para usar o termo que deve ferver de excitação os miolos de tipos "lib" como o colunista, "racismo". O grande problema é que a ideologia não aceita fatos que a contradigam. Se uma análise sugere que uma medida ideológica resultará em desastre - no que, aliás, está resultando neste exato momento -, "pashiol", como diriam os russos, a ideologia vira as costas para os fatos e enfia sua cabeça na areia da fantasia, qual avestruz. É exatamente o que Leandro Narloch está fazendo: que importam os fatos, quando o cidadão decidiu que a imigração é uma dádiva sacrossanta intocável? Se o tema fosse o envio de recursos para movimentos terroristas, "ora, por que não", pouco importa, a liberdade está acima de tudo. Se o tema fosse o comércio com um totalitarismo genocida qualquer, digamos, o cubano, "ora, por que não", a liberdade continua acima de tudo. O sujeito estaria disposto a trocar figurinhas até com o Khmer Vermelho - e gritaria de alegria: "viva a liberdade!", enquanto o regime continuaria alegremente a meter balas na nuca de cada opositor. É assim que funciona o discurso da ideologia *libertarian*, pouco importa a estupidez e mesmo a maldade da permissividade absoluta, o que importa é que o dinheiro continue a circular. Vamos aos fatos que Narloch ignora: os japoneses, ucranianos e poloneses não vieram de territórios submetidos à ideologia do terrorismo islâmico. Os japoneses, ucranianos e poloneses não estiveram entre os responsáveis pelos massacres da Califórnia e de Paris - aliás, nunca, na História do Brasil ou de qualquer outro país para o qual tenham ido, fizeram coisa parecida. A mera ideia de comparar camponeses ucranianos com pessoas criadas sob a ideologia islâmica deveria parecer ridícula para o escritor, mas as proporções passam longe do sujeito. A deficiência cognitiva de Narloch o torna incapaz de registrar estes dados, e o faz simplesmente repetir como papagaio: "imigração - bom; restrição - ruim". É curioso que o autor de livros sobre o politicamente correto tenha encontrado uma versão "para chamar de sua" do problema - ela se chama "libertarianismo", ou "liberalismo do cego em tiroteio", e é tão estúpida e catastrófica quanto a versão bolchevique. Leandro, coitado, se fosse um estadista inglês dos tempos das guerras napoleônicas, deixaria o exército francês inteiro passear em Londres, e acabaria com a cabeça no cesto da guilhotina.

55

O grande problema das ideologias é a incapacidade de análise de situações nas quais seus dogmas principais são questionados. É a impotência diante de dados que contrariem suas expectativas de um paraíso terreno, *que será alcançado apenas caso* a preciosa cartilha seja seguida, letra por letra, ponto por ponto. E este é exatamente o tipo de erro que não pode ser cometido em uma resposta a uma situação real. A ideologia, como diria Eric Voegelin, é substituta da religião, mas sua promessa de maravilha terrena ("um grande país", diz o "lib") acaba se revelando o desastre. A ideologia emburreceu Narloch, e é por isso que ele continua sendo um idiota.

[Constantino 1] – Narloch X Olavo de Carvalho, ou: o problema não é a imigração, mas o “estado benfeitor”

Rodrigo Constantino

Olavo de Carvalho chamou Leandro Narloch de idiota por conta de sua opinião sobre imigração. Narloch rebatia, por sua vez, Bolsonaro, que tinha chamado de “escória” os imigrantes haitianos. Olavo deveria usar menos adjetivos e focar apenas em argumentos: o debate ganharia muito. Nesse caso em particular, estou mais para o lado do Narloch. Será que sou idiota também?

- 5 Narloch [apresenta](#)¹²² fatos históricos para comprovar que vários povos foram tratados como “escória” no passado, mas ajudaram a construir mais prosperidade para o país. Alguém acha que os italianos que chegaram no Brasil eram da elite educada e esclarecida na média, e foram logo ser industriais grandes em São Paulo? Nada disso. Sei pois minha família por parte de mãe veio de lá, com uma mão na frente e outra atrás. Era da “escória” italiana. Diz Narloch:
- 10 *Os japoneses, que para Olavo de Carvalho também foram chamados ao Brasil “para elevar o nível técnico da população”, são um belo exemplo. Oliveira Vianna dizia que “o japonês é como enxofre: insolúvel”. A revista O Malho publicava charges ridicularizando os imigrantes japoneses. “O governo de São Paulo é teimoso. Após o insucesso da primeira imigração japonesa, contratou 3.000 amarelos”, diz uma charge de 1908. “Teima pois em dotar o Brasil*
- 15 *com uma raça diametralmente oposta à nossa”. Nos debates da Assembleia Constituinte de 1946, a expressão “aborígenes nipões” é frequente. Por muito pouco os deputados não aprovaram a emenda 3.165, que proibia “a entrada no país de imigrantes japoneses de qualquer idade e de qualquer procedência”. A emenda teve apoio de Luís Carlos Prestes e os demais deputados comunistas.*
- 20 *Vejam só que informação deliciosa: quando o assunto é proibir a entrada de povos considerados escória, Olavo de Carvalho e Luís Carlos Prestes se aproximam. Quem diria.*
- Infelizmente, há mais pontos em comum na ala mais “reacionária” da direita e na esquerda estatizante, tanto que Geisel, do regime militar, era uma espécie de Dilma sem saias, criando várias estatais, e muitos conservadores ainda elogiam o legado econômico dos militares.
- 25 Bolsonaro já se colocou a favor da censura prévia de biografias também, condenou a privatização da Vale no passado, chegando a chamá-la de crime de lesa-pátria, etc.
- Sou pela aliança de todos – socialdemocratas civilizados, liberais, libertários e conservadores – contra o inimigo comum hoje no poder. Mas nem por isso preciso concordar com tudo que vem da direita mais radical, não é mesmo? Acima de tudo está minha independência de análise e minha
- 30 honestidade intelectual, meus principais ativos que justificam as cem mil visualizações de página diárias no blog. É em respeito a você, leitor também independente, que escrevo tais linhas.
- Não vamos esquecer de uma coisa muito importante: os Estados Unidos foram construídos à base de imigração! Irlandeses pobres, da tal “escória”, para começo de conversa. Vejam “Gangues de Nova York”, com Leonardo DiCaprio, para ter uma ideia de como era esquisito o negócio. Mas
- 35 vejam onde chegaram, não sem a fundamental ajuda dos imigrantes.
- O principal problema não é a imigração em si, e sim o modelo de estado adotado. Se há um “estado benfeitor”, um *welfare state* inchado e “bondoso” (com o esforço alheio), então a imigração será mesmo um problema, pela carona grátis oferecida que poderá atrair os espertos e vagabundos. Mas se há liberdade econômica e meritocracia, onde o indivíduo só avança se for
- 40 por conta própria, então os imigrantes colaboram com o progresso da nação. Nesse aspecto, Olavo está certo ao apontar o assistencialismo como fator de atração desses imigrantes haitianos hoje:

Vídeo Não encontrado

- 45 Não vou negar que há uma diferença entre um típico imigrante do Haiti hoje e um italiano no passado, mesmo os mais ferrados e aventureiros. O *background* cultural faz toda a diferença. Mas

¹²² NARLOCH, Leandro. O erro de Olavo de Carvalho sobre a imigração. **Veja**. dez. 2015. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/o-erro-de-olavo-de-carvalho-sobre-a-imigracao/>. Acesso em 16 de Jul. 2018.

Narloch tem um ponto sim: erra o alvo quem ataca a imigração por ela supostamente atrair os piores, pois se esses “piores” chegam com vontade de trabalhar para subir na vida, em busca de oportunidades, então eles são um *asset*, não uma *liability*.

50 Claro, estou deixando de lado, aqui, a questão islâmica, da impossibilidade ou dificuldade de assimilação cultural. O choque cultural quando o imigrante não aceita os valores principais de quem o recebe pode ser perigoso, como demonstra a Europa hoje. Mas, novamente, o problema não é bem a imigração em si, e sim o radicalismo islâmico.

55 Não vamos esquecer que os judeus foram e são tratados como “escória” por muitos, e que, historicamente falando, os povos que os expulsaram ou impediram sua entrada perderam muito com isso. Os judeus também foram fator de progresso em diversos países. Fechar as fronteiras para imigrantes em geral é uma postura típica de um nacionalismo tribal, que não combina nada com o liberalismo que defendo e que fez da América a potência que é.

60 Sei que não é bem a posição de Olavo e Bolsonaro, mas é o que sua mensagem, mal interpretada, acaba produzindo em muita gente. Já vi alguns por aí condenando *qualquer* imigração de gente mais pobre pois retiraria empregos dos brasileiros, ou então empurraria seus salários para baixo. Essa mentalidade está equivocada, e creio que Narloch faz bem ao tentar revertê-la, lembrando que imigrantes podem ser a locomotiva do progresso em vez do atraso.

65 Os cubanos são vistos por muitos americanos como essa “escória”, mas são parte essencial da prosperidade na Flórida. Um jurista americano poderia perguntar o que um típico cubano – ou mesmo um típico brasileiro – agrega ao seu país, condenando qualquer imigração de povos menos desenvolvidos. Seria algo positivo para os Estados Unidos? Creio que não.

70 Um brasileiro parte da “escória”, que trabalha duro para sustentar sua família, faz muito mais pelos Estados Unidos do que muito “intelectual” infiltrado na Academia e vendendo socialismo para os jovens. A diarista que faz a faxina uma vez por semana na minha casa é infinitamente melhor do que um Noam Chomsky ou um Michael Moore da vida, ambos americanos da elite.

Vamos combater o assistencialismo, o radicalismo islâmico ou o próprio Islã, mas não vamos bater na imigração em si, mesmo quando o imigrante é parte da “escória” sem cultura. Ele pode ser um trabalhador decente, e é isso que importa.

75 PS: E por favor, discordar dos meus pontos e da minha conclusão é algo legítimo, mas que seja feito com educação e respeito, pois o debate sai enfraquecido quando pululam os adjetivos e rótulos.

[Narloch 5] – Sim à imigração, não ao relativismo cultural

Defender a livre imigração não envolve acreditar que os imigrantes são seres angelicais

Leandro Narloch

Muita gente tem me perguntado se continuo a favor da livre imigração mesmo depois dos [casos de agressão sexual](#)¹²³ na Alemanha. As mulheres agredidas contaram à polícia que os criminosos eram “homens jovens, de aparência árabe ou norte-africana”. Casos como esse não seriam um bom motivo para impedir a imigração? Não. Casos como os da Alemanha são um bom motivo para se opor ao relativismo cultural e para defender a tolerância zero contra imigrantes criminosos. Ser favorável à livre imigração não envolve achar que os imigrantes são todos bonzinhos. Também não exige aderir aos politicamente corretos e relativistas culturais, para quem o respeito a culturas exóticas é mais importante que a noção tradicional de direitos humanos. Imigração é uma excelente notícia se os imigrantes forem um ativo para o país (e não um passivo, que demanda gastos do governo), e se não ameaçarem o império da lei. O que põe a Europa em risco não é a imigração, mas a tolerância relativista. O maior erro desse debate é acreditar que o Estado consegue deter a imigração. Queiram os engenheiros sociais ou não, os imigrantes entram. Dentro do país, transformá-los em ilegais só agrava o problema. A burocracia e a consequente ilegalidade mantêm guetos, dificultam a assimilação e criam mercado para mafiosos (que medeiam conflitos entre quem não pode contar com a mediação da polícia). Nos Estados Unidos, onde há mais liberdade econômica e menos relativismo, a assimilação é maior. Por lá, a conexão entre imigrantes e criminalidade “[é mítica](#)”¹²⁴. “Muitos estudos mostram que recém-chegados têm menos chances que os nativos de cometerem crimes violentos ou serem presos”, diz Jason Riley, colunista do Wall Street Journal – e da Fox News. Uma discussão elegante costuma respeitar o “Princípio da Caridade”, segundo o qual é preciso interpretar da melhor forma possível as afirmações e os argumentos do adversário de um debate. Da próxima vez que um imigrante muçulmano cometer um crime, peço aos opositores à imigração que se lembrem desse princípio. Eu não admiro culturas exóticas, não acho que os muçulmanos são todos bondosos e não quero dar abraços grátis em terroristas. Acredito apenas que deter a imigração traz muito mais prejuízos que benefícios.

¹²³ O link da notícia **Agressões sexuais e roubos em série no réveillon chocam a Alemanha** foi alterado para o link a seguir: <https://veja.abril.com.br/mundo/agressoes-sexuais-e-roubos-em-serie-no-reveillon-chocam-a-alemanha/>. Acesso em 16 de julho de 2018.

¹²⁴ RILEY, Jason L., The Mythical Connection Between Immigrants and Crime. **WSJ**, jul. 2015. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/the-mythical-connection-between-immigrants-and-crime-1436916798>. Acesso em 16 de julho de 2018.